



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Brasília
Campus Riacho Fundo

MESTRADO PROFISSIONAL EM ENSINO DE GEOGRAFIA EM REDE NACIONAL
PROFGEO

RAFAEL RODRIGUES SOBREIRA DE SOUZA

BRASÍLIA (1956 - 1960): SEQUÊNCIAS DIDÁTICAS SOBRE A CONSTRUÇÃO
DA CAPITAL FEDERAL

Brasília – DF
2026



Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Brasília
Campus Riacho Fundo

**MESTRADO PROFISSIONAL EM ENSINO DE GEOGRAFIA EM REDE NACIONAL
PROFGEO**

RAFAEL RODRIGUES SOBREIRA DE SOUZA

**BRASÍLIA (1956 - 1960): SEQUÊNCIAS DIDÁTICAS SOBRE A CONSTRUÇÃO
DA CAPITAL FEDERAL**

Trabalho de Conclusão apresentado ao
Mestrado Profissional em Ensino de
Geografia em Rede Nacional (PROFGEO),
como requisito à obtenção do título de
Mestre em Ensino de Geografia.

Orientador: Prof. Dr. Sandro Nunes de
Oliveira.

Brasília – DF
2026

FICHA CATALOGRÁFICA

Souza, Rafael Rodrigues Sobreira de.

Brasília (1956 - 1960): sequências didáticas sobre a construção da Capital Federal / Rafael Rodrigues Sobreira de Souza ; orientação Prof. Dr. Sandro Nunes de Oliveira. — Riacho Fundo, DF: 2026.
143 f. : il. color. ; 30 cm.

Dissertação (Mestrado profissional em Ensino de Geografia em Rede Nacional) — Campus Riacho Fundo, Instituto Federal de Brasília, Riacho Fundo, DF, 2026.

Orientador(a): Prof. Dr. Sandro Nunes de Oliveira.

1. Construção de Brasília. 2. Ensino de Geografia. 3. Sequências Didáticas. I. Oliveira, Prof. Dr. Sandro Nunes de, orient. II. Instituto Federal de Brasília. III. Título.

© 2026 Rafael Rodrigues Sobreira de Souza. Todos os direitos reservados.

Protegido pela Lei nº 9.610/1998. Autoriza-se a citação e a reprodução parcial exclusivamente para fins acadêmicos e de pesquisa, mediante o devido crédito à fonte. Qualquer utilização total ou parcial com finalidade comercial é estritamente proibida sem a prévia e expressa autorização do autor.



MESTRADO PROFISSIONAL EM ENSINO DE GEOGRAFIA EM REDE NACIONAL PROFGEO

Trabalho de conclusão de Mestrado

BRASÍLIA (1956 - 1960): SEQUÊNCIAS DIDÁTICAS SOBRE A CONSTRUÇÃO DA CAPITAL FEDERAL

RAFAEL RODRIGUES SOBREIRA DE SOUZA

BANCA EXAMINADORA:

Brasília-DF, 03 de julho de 2026

Prof. Dr. SANDRO NUNES DE OLIVEIRA
Professor efetivo do Instituto Federal de Goiás (PROFGEO/IFB)
Presidente da Banca

Prof.^a Dra. CLAUDIA PINHEIRO NASCIMENTO
Professora Universitária na Universidade Católica de Brasília (UCB)
Membro Externo

Prof. Dr. FERNANDO LUIZ ARAUJO SOBRINHO
Professor efetivo da Universidade de Brasília (PROFGEO/UnB)
Membro Interno

Prof. Dr. EDER ALONSO CASTRO
Professor efetivo do Instituto Federal de Brasília (PROFGEO/IFB)
Suplente

*Dedico esse trabalho aos meus pais, Eliomar e Thais,
por me ensinarem a sonhar...*

AGRADECIMENTOS

A Deus, por ser minha força, refúgio e fortaleza.

À minha família, por nunca deixar faltar amor e carinho. Cada incentivo foi um alento em meio ao caos.

Ao Professor Dr. Sandro Nunes de Oliveira pela valiosa orientação, pelo acolhimento nos momentos difíceis, pela exigência intelectual e pela confiança.

Aos Professores do PROFGEO, pelos ensinamentos, por cada provocação teórica, pelos desafios: cada uma das etapas me fortaleceu.

Aos meus estudantes, fonte de esperança, por me lembrarem todos os dias o papel da educação.

MEMORIAL DESCRITIVO

Nasci em Brasília, cidade que aprendi a analisar, não carrego apenas como local de moradia, mas como parte indissociável da minha identidade e da minha leitura de mundo. A paixão pelo estudo me conduziu, inicialmente, às graduações em Licenciatura e Bacharelado em Geografia. Posteriormente, a percepção de que o ato de ensinar exige uma sólida base metodológica direcionada às diferentes infâncias motivou minha formação também em Pedagogia. Sempre acreditei que a docência é uma prática transformadora e que o diálogo entre a ciência geográfica e a ação pedagógica poderia contribuir com as minhas práticas em sala de aula.

O anseio pelo ingresso em um programa de pós-graduação *stricto sensu* me acompanhava desde o início da graduação, embora as urgências da vida cotidiana e as demandas do mercado de trabalho tenham postergado esse projeto. Costumo refletir, de forma quase metafórica, que tentei me distanciar da academia, até que o Mestrado Profissional em Ensino de Geografia (PROFGEO) no Instituto Federal de Brasília (IFB) cruzou meu caminho. A aprovação em primeiro lugar no processo seletivo, que fiz a título de curiosidade para conhecer a forma de seleção, não representou apenas o retorno formal à academia, mas um reencontro com minhas ambições intelectuais e com o meu propósito profissional.

Minha trajetória docente foi marcada por uma imersão plural em diferentes redes de ensino, níveis de atuação e esferas da administração pública, o que tem me possibilitado uma visão plural da Educação Básica. No âmbito da Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal (SEEDF), atuei por oito anos, como professor substituto, na regência de classes de Geografia para o Ensino Fundamental II (6º ao 9º ano) enfrentando os desafios do raciocínio espacial na adolescência. Iniciei o mestrado profissional no IFB quase no final desse período.

O decorrer do curso de mestrado coincidiu com um período de gratificantes convocações em concursos públicos. Inicialmente, fui convocado pela Prefeitura de Luziânia (GO), onde atuei por sete meses na Secretaria Municipal de Educação (SMEL). Nesse período, exerci a docência como professor de pedagogia e, na mesma instituição, assumi a função de supervisor pedagógico do 1º ao 5º ano do Ensino Fundamental. Essa imersão na gestão escolar e nos anos iniciais ampliou meu olhar sobre a alfabetização e o desenvolvimento cognitivo infantil diante da complexidade do cotidiano escolar.

Ampliando ainda mais esse mosaico de vivências, ainda durante o mestrado, fui convocado no concurso para o Estado de Goiás. Diante disso, pedi exoneração do cargo municipal para assumir a vaga de professor de Geografia na Secretaria de Estado de Educação de Goiás (SEDUC-GO), onde lecionei para turmas de Ensino Fundamental II e Ensino Médio pelo período de um ano.

Mais uma vez, precisei pedir exoneração, pois fui convocado no concurso para o cargo de professor de Pedagogia na Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal (SEEDF). Tratava-se do retorno à rede de ensino onde iniciei minha jornada como professor, agora em regime efetivo. Após dois meses de atuação em sala de aula, fui convidado a assumir a função de supervisor pedagógico, atribuição que exerço no presente momento.

Esse trânsito dinâmico entre as realidades municipal, estadual e distrital me permitiu compreender os diferentes arranjos curriculares e as disparidades socioespaciais que configuram o cenário educacional no Distrito Federal e entorno. Cada uma dessas passagens, longe de se fechar em si mesma, somou camadas de saberes práticos que hoje fundamentam minha postura metodológica.

Foi justamente a fusão entre o geógrafo e o pedagogo que despertou em mim o desejo de contribuir diretamente com o trabalho de professores generalistas que atuam nos anos iniciais. Ao constatar a escassez de materiais didáticos que abordem a construção de Brasília no ensino de geografia compreendi o real escopo desta pesquisa. Na graduação, para elaborar minha monografia, intitulada “Comércio e consumo na Cidade Livre (Núcleo Bandeirante - Distrito Federal), face a construção de Brasília”, eu já investigava o processo de concepção da Capital Federal a partir de sua matriz urbana e histórica. No ambiente do PROFGEO/IFB, pude canalizar essa inquietação para a criação de um produto didático tangível: sequências didáticas aplicáveis à realidade das salas de aula do Distrito Federal.

Essa trajetória acadêmica e profissional, contudo, não se explica de forma isolada. Ela faz parte do desdobramento da história da minha própria família e de um território em constante transformação. Sou filho do encontro entre uma brasiliense e um nordestino. Meus avós maternos e paternos migraram do Nordeste para Brasília em diferentes momentos e contextos históricos.

Porém, meu avô materno, Antônio Francisco Sobreira, foi um dos legítimos candangos que ergueram as estruturas monumentais desta cidade. Vivenciou o cotidiano dos canteiros de obras, morou na Cidade Livre, depois na Candangolândia

antes de fixar residência no Guará. Com suas próprias mãos, ajudou a erguer alguns dos edifícios da Esplanada dos Ministérios e, anos mais tarde, passou a integrar o quadro funcional da própria Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal (SEEDF), antiga Fundação Educacional, atuando até sua aposentadoria como motorista. Embora privado do acesso à leitura e à escrita, meu avô guardava a firme convicção de que a instrução formal era o único caminho capaz de transformar vidas, incentivando minha mãe a estudar. Ela, por sua vez, transmitiu-me esse legado com o afeto e o rigor necessários para que eu aqui estivesse.

Portanto, este trabalho de conclusão de curso e a titulação que dele decorre configuram-se como um tributo à memória daqueles que me precederam. Carrego comigo a Brasília projetada pelos traços modernistas, mas, fundamentalmente, a Brasília edificada pelo suor e pela coragem candanga. O compromisso de transformar a educação em um horizonte de resistência e esperança é a continuidade de uma narrativa que começou muito antes do meu nascimento, gravada nas mãos calejadas de meu avô e materializada nos sonhos de minha mãe.

RESUMO

O presente trabalho nasce de uma inquietação sobre a persistente lacuna de materiais didáticos que, no ensino de Geografia, sobretudo nos anos iniciais do Ensino Fundamental, abordem a construção de Brasília (1956-1960) e seus desdobramentos geográficos. O trabalho não se conforma com as narrativas oficiais que, por vezes, silenciam os operários, os verdadeiros artífices que, com suas próprias mãos, ergueram a Capital Federal. Buscamos, assim, desvelar as complexas dinâmicas socioespaciais e as contradições intrínsecas a um projeto modernista que, em sua utopia, acabou por gerar profundas desigualdades. Adotando o método materialista histórico-dialético, compreendemos o espaço geográfico não como um mero palco, mas como uma construção social viva, dinâmica e, por essência, contraditória. É nesse terreno fértil que propomos sequências didáticas pensadas para os estudantes do 3º e 4º ano do Ensino Fundamental. Nosso intuito é claro, instrumentalizar os professores para que possam desenvolver em seus estudantes um raciocínio geográfico crítico, capaz de ir além do factual, explorando a edificação de Brasília em suas múltiplas dimensões. Os resultados desta pesquisa se materializam em planos de aula e atividades pedagógicas que convidam à reflexão sobre a localização estratégica da capital, a formação do território do Distrito Federal e a produção do espaço urbano de Brasília. Revelam-se, assim, as tensões entre o planejamento idealizado e as realidades vividas pelos candangos, culminando na segregação socioespacial presente no Distrito Federal. Este trabalho, portanto, oferece um recurso pedagógico que não só dá visibilidade aos invisibilizados na história oficial, mas também resgata protagonismos históricos silenciados, fomentando nos estudantes a capacidade de ler, interpretar e questionar o espaço em que vivem, compreendendo-o como produto de relações sociais, econômicas e de poder.

Palavras-chave: Construção de Brasília; Ensino de Geografia; Sequências Didáticas.

ABSTRACT

This work stems from a concern about the persistent lack of teaching materials in Geography, especially in the early years of elementary school, that address the construction of Brasília (1956-1960) and its geographical ramifications. This work does not conform to official narratives that sometimes silence the workers, the true artisans who, with their own hands, erected the Federal Capital. We thus seek to unveil the complex socio-spatial dynamics and the contradictions intrinsic to a modernist project that, in its utopia, ended up generating profound inequalities. Adopting the historical-dialectical materialist method, we understand geographic space not as a mere stage, but as a living, dynamic, and, by its very nature, contradictory social construction. It is in this fertile ground that we propose didactic sequences designed for students in the 3rd and 4th grades of elementary school. Our intention is clear: to equip teachers so that they can develop in their students a critical geographical reasoning, capable of going beyond the factual, exploring the construction of Brasília in its multiple dimensions. The results of this research materialize in lesson plans and pedagogical activities that invite reflection on the strategic location of the capital, the formation of the territory of the Federal District, and the production of Brasília's urban space. Thus, the tensions between idealized planning and the realities experienced by the construction workers are revealed, culminating in the socio-spatial segregation present in the Federal District. This work, therefore, offers a pedagogical resource that not only gives visibility to those made invisible in official history, but also recovers silenced historical protagonisms, fostering in students the ability to read, interpret, and question the space in which they live, understanding it as a product of social, economic, and power relations.

Keywords: Construction of Brasília, Geography Teaching, Didactic Sequence.

LISTA DE SIGLAS

BNCC – Base Nacional Comum Curricular

CIAM – Congresso Internacional de Arquitetura Moderna

DF – Distrito Federal

DODF – Diário Oficial do Distrito Federal

GDF – Governo do Distrito Federal

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

IFB – Instituto Federal de Brasília

IPEDF – Instituto de Pesquisa e Estatística do Distrito Federal

IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional

NOVACAP – Companhia Urbanizadora da Nova Capital do Brasil

QGIS – Quantum Geographic Information System

RA – Região Administrativa

RIDE – Região Integrada de Desenvolvimento

SEEDF – Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal

SUMÁRIO

1. APRESENTAÇÃO.....	16
1.1. Introdução	16
1.2. Justificativa	16
1.3. Definição do Problema	18
1.4. Objetivo Geral	19
1.5. Objetivos Específicos	19
 2. METODOLOGIA	20
2.1. Questões de Método	20
2.2. Procedimentos Metodológicos	21
 3. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	24
3.1. A Produção do Espaço.....	24
3.2. A Produção do Espaço Urbano	29
3.3. A Historicidade do Espaço Urbano	34
3.4. A Natureza Contraditória do Espaço Urbano	36
3.5. A Construção de Brasília no Ensino de Geografia	37
3.6. Sequência Didática no Processo de Ensino Aprendizagem	41
3.7. A Teoria do Desenvolvimento Cognitivo de Piaget e as Sequências Didáticas Propostas	43
3.8. Análise do Currículo em Movimento do Distrito Federal	44
 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS	47
5. RESULTADO	49
6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	139

1. APRESENTAÇÃO

1.1. Introdução

A presente pesquisa busca contribuir com o ensino de Geografia na Educação Básica por meio da elaboração de uma sequência didática voltada para o 3º e 4º Ano do Ensino Fundamental, com foco no processo de construção de Brasília (1956-1960). O trabalho justifica-se diante da carência de recursos pedagógicos que explorem, de forma crítica e aprofundada, o contexto da construção da atual Capital Federal do Brasil em suas múltiplas dimensões, desde os ideais modernistas que a conceberam até as tensões sociais e espaciais que marcaram sua edificação. O papel social desta pesquisa adquire relevância ao dar visibilidade aos operários que ergueram a nova capital do país, invisibilizados na história oficial.

Ao direcionar o olhar para os trabalhadores que ergueram Brasília, frequentemente omitidos nas narrativas oficiais, este trabalho busca não apenas preencher uma lacuna documental, mas também resgatar protagonismos históricos silenciados, reforçando o papel da Geografia como ciência comprometida com a análise das relações entre espaço e sociedade.

Nesse sentido, o espaço urbano de Brasília, com suas peculiaridades e fragmentações, exemplifica como as relações sociais de produção influenciaram diretamente a organização espacial da nova capital da república. Ao abordar a construção de Brasília no Ensino de Geografia, pretende-se desenvolver nos alunos a capacidade de enxergar o espaço como algo dinâmico, complexo e interconectado. Essa abordagem contribui, assim, para uma compreensão geográfica das interações socioespaciais que configuram a cidade e sua história.

1.2. Justificativa

A pesquisa proposta busca colaborar com o ensino de Geografia ao propor sequências didáticas que auxiliem professores dos anos iniciais a abordar a construção de Brasília, com um viés geográfico, nos anos iniciais do Ensino Fundamental da rede pública de ensino do Distrito Federal. O trabalho justifica-se diante da insuficiência de materiais que abordem a temática na Educação Básica.

Durante a construção do estado da arte, observamos que, apesar da existência de diversas pesquisas sobre Brasília e sua construção, são poucos os trabalhos voltados para a produção de materiais didáticos destinados à Educação Básica.

Também identificamos um número reduzido de pesquisas que discutem a construção de Brasília no contexto do ensino de Geografia nos anos iniciais do Ensino Fundamental. Essa ausência de materiais e propostas pedagógicas reforça a necessidade desta pesquisa.

Cabe ressaltar que o currículo base da Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal, denominado Currículo em Movimento do Distrito Federal, no que diz respeito ao componente curricular Geografia, só aborda conteúdos relacionados a Brasília e ao Distrito Federal no 3º e 4º Ano do Ensino Fundamental.

Contudo, uma análise mais detalhada do currículo mostra que as referências a Brasília e ao seu processo de construção são escassas no componente curricular Geografia. Além de aparecerem de forma pontual, essas discussões não se estendem para outras etapas da Educação Básica. No currículo do Ensino Médio, por exemplo, não identificamos nenhuma menção específica à construção da Capital Federal.

Portanto, este trabalho busca oferecer aos professores do Ensino Fundamental, anos iniciais, sequências didáticas com propostas de planos de aula e atividades direcionadas aos alunos que abordem de forma crítica a construção de Brasília e suas contradições.

A pesquisa também se justifica pela necessidade de discutir a construção de Brasília na Educação Básica. Em geral, quando o tema aparece, a atenção costuma estar voltada para a transferência da capital, para o planejamento da cidade ou para suas características arquitetônicas. Entretanto, a construção de Brasília também envolve a história dos trabalhadores que participaram da obra, os deslocamentos populacionais ocorridos naquele período e as mudanças produzidas no espaço geográfico. Ao trazer essa discussão para a sala de aula, buscamos aproximar o conteúdo da realidade dos estudantes e ampliar a compreensão sobre a formação do espaço em que vivem.

O papel social dessa pesquisa adquire importância ao dar visibilidade aos operários que ergueram a nova capital do país, invisibilizados na história oficial. De forma dialética, buscaremos desenvolver, por meio de uma análise crítica, o raciocínio geográfico dos estudantes que eventualmente realizem as atividades propostas.

Por fim, a pesquisa procura contribuir com o ensino de Geografia na rede pública do Distrito Federal. Espera-se que as sequências didáticas propostas possam auxiliar os professores no desenvolvimento de atividades relacionadas à construção de Brasília e à formação do território onde os estudantes vivem.

1.3. Definição do problema

Considerando a carência de materiais didáticos que explorem criticamente a construção da atual Capital Federal e a necessidade de superar narrativas oficiais que frequentemente silenciam os trabalhadores, que com as próprias mãos ergueram essa cidade monumental, surgem os seguintes questionamentos:

De que maneira a construção de Brasília (1956 - 1960) pode ser abordada no ensino de Geografia no Distrito Federal, promovendo uma compreensão crítica e contextualizada do espaço geográfico e das dinâmicas socioeconômicas que moldaram a região?

Como podemos ir além da narrativa puramente descritiva, frequentemente encontrada, para desvelar as complexas dinâmicas socioespaciais e as relações de poder que efetivamente moldaram a capital e sua região circundante desde seus primórdios?

De que forma a elaboração e aplicação de uma sequência didática sobre a construção da Capital Federal podem instrumentalizar o ensino de Geografia, promovendo nos estudantes não apenas o conhecimento factual sobre o período, mas sobretudo uma compreensão crítica e contextualizada do espaço geográfico brasiliense como produto de relações sociais, econômicas e de poder?

Como esse material pode abordar as contradições entre o projeto modernista e as realidades vividas pelos construtores da cidade, fomentando o desenvolvimento do raciocínio geográfico e a capacidade de análise das dinâmicas socioespaciais que configuraram e continuam a configurar a região, dialogando com as diretrizes do Currículo em Movimento do Distrito Federal, mas também apontando para a necessidade de ampliar a abordagem de temas locais nos anos subsequentes?

O problema central desta pesquisa é investigar como o material produzido durante a pesquisa pode superar as lacunas existentes em relação à construção de Brasília, promovendo no ensino de Geografia do DF uma abordagem que vá além do factual, que incorpore as narrativas silenciadas, que desvende as contradições socioespaciais e que contribua para o desenvolvimento do raciocínio geográfico, capacitando os estudantes a lerem, interpretar e questionarem o espaço em que vivem.

O problema de pesquisa se desdobra, então, na busca por formas de explorar didaticamente essa contradição, auxiliando os alunos a perceberem como diferentes grupos sociais vivenciaram e moldaram o espaço de maneiras distintas e desiguais.

1.4. Objetivo geral

Propor sequências didáticas, destinadas aos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, que abordem o tema da construção de Brasília.

1.5. Objetivos específicos

- Analisar criticamente a construção de Brasília, considerando as contradições entre seu projeto urbano e as condições de vida dos trabalhadores;
- Propor planos de aula que contribuam com o ensino de conteúdos sobre Brasília previstos no Currículo em Movimento da Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal;
- Elaborar atividades sobre a construção de Brasília, com o intuito de compor as sequências didáticas que possam ser aplicadas nas aulas de Geografia do Ensino Fundamental I.

2. METODOLOGIA

2.1. Questões de Método

Partimos do pressuposto de que o espaço geográfico, assim como o espaço urbano, é uma construção social dinâmica, marcada por contradições e processos históricos. Ao adotar o método dialético, especificamente, o materialista histórico-dialético, reconhecemos a dimensão histórica dos processos sociais em constante contradição e movimento.

Por meio desse método científico, buscamos oferecer aos estudantes que terão acesso aos nossos materiais didáticos a possibilidade de compreender que o espaço é resultado das relações sociais contraditórias que ocorrem neste mesmo espaço no decorrer do tempo. No mesmo sentido, também buscamos elucidar que o espaço urbano não é um dado fixo, mas está em constante transformação e pode perpetuar contradições e desigualdades socioespaciais. Nesse mesmo horizonte, por meio dessas sequências didáticas, temos a intenção de promover uma leitura crítica sobre o processo de construção da nova capital do Brasil.

Para Sposito (2004), o método é um instrumento intelectual e racional que possibilita a apreensão da realidade objetiva em uma pesquisa científica. Portanto, o método se torna essencial para compreender essa realidade e construir conhecimentos científicos que permitam interpretá-la. Vale ressaltar que o método não se limita a procedimentos, técnicas ou regras; ele também envolve leis, base ideológica, categorias, conceitos e teorias que orientam a compreensão da realidade.

Nesse contexto, o método dialético busca refutar opiniões do senso comum, levando-as à contradição, para buscar a “verdade” que é fruto da razão (Sposito, 2004, p. 29). Uma das principais características da dialética, enquanto método científico, é o espírito crítico e autocrítico (Konder, 1985) que buscamos adotar durante todo o desenvolvimento desta pesquisa.

Tomando o espaço como categoria-chave da nossa pesquisa, temos como objeto de estudo o processo de construção de Brasília (1956 - 1960). Nessa perspectiva, o espaço é analisado em uma abordagem materialista da história e da sociedade. Além disso, é fundamental destacar que a análise dialética do espaço exige uma postura crítica diante das aparências imediatas. Ao trabalhar com estudantes, essa perspectiva possibilita a construção de um pensamento analítico e reflexivo, que não apenas identifica os problemas socioespaciais, mas compreende

suas origens e implicações históricas.

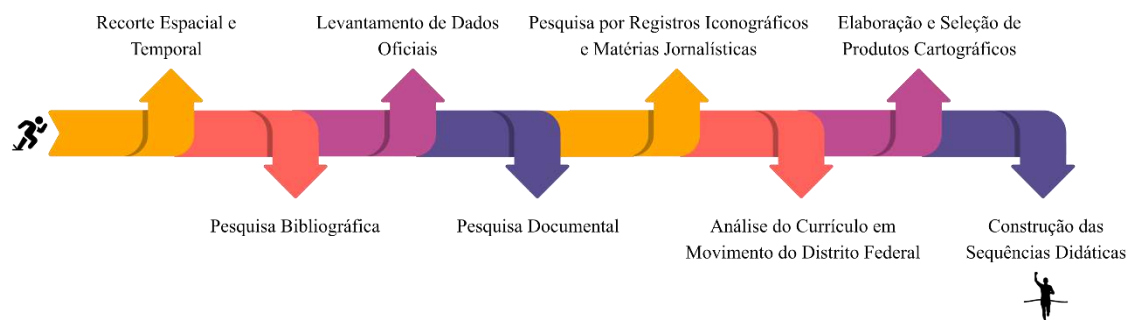
Assim, o espaço torna-se um revelador das contradições sociais, funcionando tanto como produto quanto como condição da reprodução da vida social. Nesse contexto, ao analisarmos a produção do espaço levaremos em consideração suas três dimensões indissociáveis: o concebido, o vivido e o percebido (Lefebvre, 2006).

Santos (2023) ao abordar o método em geografia apresenta as categorias do método geográfico: *forma*, *função*, *estrutura* e *processo*. Para o autor, elas representam o dinamismo da totalidade e possibilitam ao geógrafo desdobrá-la em partes, para então rearticulá-la de forma crítica e coerente com sua complexidade. Tais categorias serão consideradas na elaboração das sequências didáticas propostas.

Contudo, por tratar-se de um material voltado para o ensino de Geografia nos anos iniciais, essa articulação teórico-metodológica precisou passar por uma transposição didática, permitindo que o estudante interprete a materialidade urbana a partir da sua realidade vivida e perceba que a segregação socioespacial contemporânea não é fruto do acaso, mas resultado de processos históricos marcados por contradições e desigualdades.

Para a elaboração das referidas sequências didáticas buscamos uma atitude socioconstrutivista e adotamos a perspectiva da Didática Crítico-Social como método de ensino, onde o processo de conhecimento do aluno é mediado pelo professor. Desse modo, o principal objetivo dessa proposta é oferecer um material que auxilie o professor a mediar o processo de construção do conhecimento por meio do processo de aprendizagem do aluno (Cavalcanti, 2013). Ou seja, com o auxílio da mediação docente, estimulando a reflexão e a construção de conceitos, o estudante terá papel ativo no seu processo de aprendizagem.

2.2. Procedimentos Metodológicos



Diante do exposto, o recorte espacial desta pesquisa abrange o conjunto urbanístico de Brasília e outros espaços do Distrito Federal mencionados ao longo do trabalho, seja por sua relação com a construção da nova capital, seja por sua importância para compreender a ocupação e transformação desse território. Em relação ao recorte temporal, o foco recai sobre o período de construção de Brasília (1956-1960), embora alguns processos ocorridos depois desse intervalo também sejam abordados quando necessários ao desenvolvimento da análise.

Inicialmente, realizamos uma pesquisa bibliográfica em livros e artigos científicos que abordem o processo de construção de Brasília. Durante essa etapa, também buscamos estudos e análises relativos aos conceitos de espaço geográfico e espaço urbano que trouxeram sustentação teórica ao produto proposto.

Na sequência, por meio de pesquisa de gabinete e visitas técnicas, foi feito um levantamento de dados oficiais e informações governamentais em órgãos públicos: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE, Companhia de Planejamento do Distrito Federal – CODEPLAN, atual Instituto de Pesquisa e Estatística do Distrito Federal - IPEDF, Companhia Urbanizadora da Nova Capital do Brasil – Novacap. Além disso, foi realizada uma pesquisa documental, tanto em fontes primárias quanto secundárias, para reconstruir a história espacial de Brasília.

Em seguida, buscamos registros iconográficos no Arquivo Público do Distrito Federal – ArPDF. Tais materiais foram essenciais para a elaboração deste trabalho, pois trazem à tona imagens de tempos pretéritos e memórias daqueles que vivenciaram a cidade no período analisado. Também buscamos matérias jornalísticas da época (1956 - 1960) para identificar narrativas hegemônicas e contra-hegemônicas sobre a construção de Brasília.

Os documentos, fotografias, mapas e matérias jornalísticas levantados ao longo da pesquisa foram analisados de forma articulada. A consulta a esses materiais permitiu localizar antigas fazendas, acompanhar o avanço da ocupação urbana e reunir registros sobre a construção de Brasília.

Também foi realizada uma análise do Currículo em Movimento do Distrito Federal, documento norteador da rede pública de ensino, para verificar como Brasília e sua construção são abordadas no componente curricular de Geografia do referido currículo. Essa etapa da pesquisa permitiu identificar lacunas e verificar em quais momentos do Ensino Fundamental a temática aparece, além de fornecer elementos para a elaboração das sequências didáticas.

Ao longo da pesquisa, para compor as sequências didáticas, foram elaborados alguns produtos cartográficos: As Capitais do Brasil ao longo da história, Mapa Mudo do Distrito Federal, Regiões Administrativas do Distrito Federal; Eixos Monumental e Rodoviário; Eixos do Plano Piloto de Brasília; Núcleos Urbanos no Distrito Federal [1956 – 1960]. Para isso, utilizamos os softwares QGIS e Google Earth. Esses materiais foram utilizados para trabalhar conteúdos relacionados à localização geográfica, orientação espacial, escala e formação territorial.

Também recorremos a produtos cartográficos históricos e a mapas produzidos por instituições públicas. Esses materiais foram utilizados para identificar antigas fazendas existentes na área do atual Distrito Federal, observar aspectos da topografia e analisar a expansão urbana ao longo do tempo. Além de fornecer subsídios para as análises desenvolvidas na pesquisa, esse material foi incorporado a algumas sequências didáticas propostas.

Para ilustrar a “historinha” A Missão Cruls: Em busca do Lugar Perfeito, que compõe a primeira atividade do aluno, destinada ao 3º Ano do Ensino Fundamental, utilizamos a ferramenta Copilot, desenvolvida pela Microsoft, que utiliza inteligência artificial generativa para criação de imagens a partir de descrições elaboradas pelo autor. Cabe ressaltar que a utilização desse recurso foi informada ao final da referida “historinha” e a fonte devidamente referenciada.

Por fim, construímos oito sequências didáticas que abordam a temática explicitada. A elaboração das sequências didáticas foi orientada pelo Currículo em Movimento do Distrito Federal. As atividades foram organizadas de modo a possibilitar a problematização da construção de Brasília e suas contradições socioespaciais. Esse produto é composto por informações do plano de aula, sugestão de plano de aula e atividade do aluno, todas distribuídas entre o 3º e 4º Ano do Ensino Fundamental. O objetivo dessa etapa da pesquisa foi oferecer aos professores, que atuam na rede pública de ensino do Distrito Federal, um material didático que estimule a formação crítica dos estudantes acerca da construção de Brasília e suas contradições.

3. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

3.1 A Produção do Espaço

O espaço aqui analisado é entendido como um espaço historicamente produzido, carregado de intencionalidades, funções sociais e conflitos. Este espaço é ao mesmo tempo condição, meio e produto das práticas sociais. Rompe-se, portanto, com a visão cartesiana de um espaço geométrico e vazio, presente em abordagens positivistas, para adotar uma perspectiva dialética. Nesse sentido, o espaço aqui tratado é uma produção histórica e social, um espaço social – o espaço geográfico.

A produção do espaço é compreendida como um processo social complexo que envolve não apenas a materialidade espacial, mas também as relações humanas que incidem sobre o próprio espaço em um dado momento histórico (Alves, 2019). Essa visão ampla do espaço como produto social é compartilhada por Braga (2007), que o define como resultado contínuo das relações socioespaciais.

Concordamos com Godoy (2004) que o espaço é uma criação humana que resulta do constante movimento da sociedade sobre a natureza. Esta produção espacial manifesta-se por meio de um processo, no qual a ação humana, materializada através de técnicas, trabalho humano, relações de produção e projetos civilizatórios reconfigura continuamente a morfologia terrestre. Desse modo, o espaço geográfico pode ser visto como uma natureza humanizada ou artificial.

Desse modo, a existência humana está intimamente relacionada a produção e transformação do espaço. A ação humana, seja produzir, habitar, circular ou se relacionar interfere direta e indiretamente no espaço ao nosso redor. Assim, viver é também construir, modificar e atribuir sentidos ao espaço. A espacialidade não é algo neutro, mas um resultado concreto dos modos de vida que a sociedade desenvolve historicamente. Para Santos (2021) viver é produzir espaço, a vida humana é um processo de criação do espaço geográfico.

O espaço, enquanto categoria de análise, deve ser entendido como produto das relações sociais e das práticas humanas. Santos (2020) nos ensina que o espaço é dinâmico, dialético e fruto de uma construção histórica, sendo resultado da ação humana. Segundo Carlos (2013, p. 53), há uma relação dialética entre a sociedade e o espaço, pois um se realiza no outro e por meio do outro:

[...] a sociedade, ao produzir-se, o faz num espaço determinado, como

condição de sua existência, mas através dessa ação, ela também produz, conseqüentemente, um espaço que lhe é próprio e que, portanto, tem uma dimensão histórica com especificidades ao longo do tempo e nas diferentes escalas e lugares do globo.

Para Soja (1993), o espaço é fundamentalmente dado, contudo, sua organização e sentido são resultados de mudanças no decorrer do tempo, de transformações e das experiências sociais vividas neste mesmo espaço. Dessa forma, o espaço organizado é socialmente produzido e transformado, representando um componente dialético das relações sociais e espaciais.

O espaço socialmente produzido é uma estrutura criada, comparável a outras construções sociais resultantes das transformações de determinadas condições inerentes ao estar vivo, exatamente da mesma maneira que a história humana representa uma transformação social do tempo (Soja, 1993, p.101-102).

A organização do espaço é um produto social que é resultado de uma complexa dialética socioespacial, uma vez que, as relações sociais e espaciais são dialeticamente “inter-reativas” e “interdependentes”. Nesse sentido, “as relações sociais de produção são formadoras do espaço e contingentes ao espaço [...]” (Soja, 1993, p. 98). Em síntese, tais relações são dialeticamente “inter-reativas”, pois cada uma molda e é moldada pela outra. Ou seja, a organização do espaço reflete práticas sociais e, simultaneamente, influencia comportamentos humanos. As relações sociais e espaciais também são “interdependentes”, pois uma não se sustenta sem a outra, as relações de produção são formadoras do espaço e, ao mesmo tempo, condicionadas pelo espaço.

Para Alves (2019), enquanto o espaço é transformado a partir da sua (re)produção ocorrem mudanças e permanências. Portanto, em seu complexo processo de produção, o espaço transforma-se e a sociedade também, todavia, esse mesmo espaço guarda resquícios do passado que Santos (2020) define como rugosidades, heranças espaciais que interagem com o presente.

O conceito de rugosidades refere-se as marcas do passado que persistem no espaço geográfico (Santos, 2020). O espaço, nesse sentido, carrega marcas de temporalidades pretéritas, cujos vestígios são atualizados nas práticas cotidianas, nas estruturas urbanas, nos modos de produção e nas relações sociais. Para Santos (2021, p. 9), o espaço pode ser compreendido como uma “acumulação desigual de tempos”, ou seja, uma configuração histórica onde diferentes temporalidades se

sobrepoem e coexistem.

As rugosidades são o espaço construído, o tempo histórico que se transformou em paisagem, incorporado ao espaço. As rugosidades nos oferecem, mesmo sem tradução imediata, restos de uma divisão de trabalho Internacional, manifestadas localmente por combinações particulares do capital, das técnicas e do trabalho utilizados (Santos, 2004, p. 173).

Portanto, podemos pensar o espaço como herança, uma vez que, há formas espaciais herdadas do passado que resistem as transformações espaciais e persistem no presente. Para Santos (2004, p. 173) existem no presente processos e formas do passado que condicionam as dinâmicas atuais. O espaço seria “o testemunho de um momento do mundo”. Essa concepção rompe com a visão do espaço como mero cenário físico ou suporte neutro das ações humanas, para entendê-lo como resultado concreto de processos históricos desiguais, marcados por contradições e permanências.

De acordo com Massey (2008), o próprio processo de formação do espaço tem uma temporalidade. O espaço é a dimensão da simultaneidade, onde múltiplos tempos coexistem e interagem num dado momento. O tempo não é apenas sucessão, mas também coexistência no espaço. Dessa forma, espaço e tempo são dimensões profundamente co-constitutivas da realidade social. Trata-se, portanto, de uma construção social onde o tempo não se apresenta de forma linear, mas em camadas sobrepostas que conferem densidade ao espaço geográfico.

Lefebvre (2006) nos ensina que o espaço não é um mero palco das ações humanas, mas um produto social que reflete e reproduz as relações de produção. Essa perspectiva dialética é reforçada por Soja (1993), que ressalta a interdependência entre as relações sociais e espaciais. Assim, para assimilar a complexidade das dinâmicas socioespaciais e compreender o processo de produção do espaço, é necessário integrar dimensões abstratas, práticas e sensíveis da vida social (Alves, 2019).

Para Lefebvre (2006), a produção do espaço se desdobra em três dimensões indissociáveis: o concebido, o vivido e o percebido. O espaço concebido é o espaço planejado por técnicos, urbanistas e elites políticas. Esse espaço está relacionado às representações dominantes, impondo normas que buscam ordenar a vida social conforme interesses de reprodução do capital e de controle institucionalizado do território.

O espaço vivido, por sua vez, é marcado pelo uso que se faz do espaço. É o espaço dos habitantes, moradores, usuários e daqueles que o descrevem em forma de arte. A dimensão do vivido cria espaços de representação e resistência. Já o espaço percebido é relacionado à prática social e articula as dimensões do concebido e do vivido. A dimensão do percebido corresponde à experiência sensorial e material do espaço no dia a dia. O espaço percebido é o plano das práticas cotidianas, dos fluxos e das rotinas que estruturam a vida social (Lefebvre, 2006).

Ainda segundo Lefebvre (2006), o espaço não é apenas o reflexo das relações sociais de produção, mas é, ao mesmo tempo, a expressão e a incidência delas sobre o próprio espaço. O espaço é socialmente produzido e está em constante (re)construção por meio das experiências sociais vividas neste mesmo espaço. Nesse sentido, o espaço é resultado e, ao mesmo tempo, condição da reprodução social.

Portanto, o espaço é condição, meio e produto da reprodução da sociedade e está se reproduzindo ao longo do tempo histórico. “O espaço geográfico está impregnado de história” (Dollfus, 1982, p. 11). Nesse sentido, a sociedade produz seu próprio espaço e se reproduz por meio dele. Assim, é “[...] preciso considerar a reprodução da sociedade, em sua totalidade, realizando-se através da produção/reprodução do espaço” (Carlos, 2013, p. 53).

[...] ao mesmo tempo em que o homem produz o mundo objetivo (real e concreto), produz igualmente uma consciência sobre si – assim ele se produz no processo, como humano, consciência, desejos; um mundo de determinações e possibilidades capaz de metamorfosear a realidade [...] (Carlos, 2013, p. 56).

Segundo Santos (2023), a dialética permite compreender o espaço como totalidade em constante transformação, resultado da práxis social, e não apenas como uma coleção de objetos fixos. O espaço é tanto produto quanto condição da reprodução social, sendo necessário compreender suas contradições internas.

O espaço geográfico não é um cenário estático, mas uma construção dinâmica resultante de elementos materiais e práticas sociais. “O espaço é formado por um conjunto indissociável, solidário e também contraditório de sistemas de objetos e sistemas de ações, não considerados isoladamente, mas como o quadro único no qual a história se dá” (Santos, 2020, p. 63).

Os "sistemas de objetos" referem-se à infraestrutura física, como ruas, casas, prédios e ocupações irregulares, que organizam a vida cotidiana. Já os "sistemas de

ações" abrangem as atividades sociais, econômicas e culturais que ocorrem nesses lugares. Esses sistemas formam um conjunto indissociável, pois os objetos moldam as ações, enquanto as ações produzem e transformam os objetos.

Assim sendo, o espaço é um produto social, constituído por uma realidade objetiva, estando em constante processo de transformação. Portanto, para estudar o espaço é necessário compreender sua relação com a sociedade. Pois, a sociedade não pode operar fora do espaço. "A sociedade só pode ser definida através do espaço, já que o espaço é resultado da produção, uma decorrência de sua história – mais precisamente, da história dos processos produtivos impostos ao espaço pela sociedade" (Santos, 2023).

Diante da complexidade do espaço, e da necessidade de analisá-lo em sua totalidade, Santos (2023) apresenta quatro categorias de análise: forma, função, estrutura e processo. Essas categorias do método geográfico representam o movimento da totalidade e permitem que o geógrafo a fragmente e, em seguida, possa reconstruí-la.

Forma, função, estrutura e processo são quatro termos disjuntivos, mas associados, a empregar segundo um contexto do mundo de todo dia. Tomados individualmente, representam apenas realidades parciais, limitadas, do mundo. Considerados em conjunto, porém, e relacionados entre si, eles constroem uma base teórica e metodológica a partir da qual podemos discutir os fenômenos espaciais em totalidade (Santos, 2023, p. 71)

Santos (2023, p. 77) nos alerta que não podemos estudar determinado espaço por meio de uma dessas categorias isoladamente. "Na verdade, a interpretação de uma realidade espacial ou de sua evolução só se torna possível mediante uma análise que combine as quatro categorias analíticas, porquanto seu relacionamento é não apenas funcional, mas também estrutural". Assim sendo, forma, função, estrutura e processo agem em conjunto gerando novas informações do espaço geográfico.

Ante o exposto, se faz necessário entender cada uma dessas categorias de análise. A forma é um objeto geográfico espacializado, é o aspecto visível de determinada coisa, ou um arranjo de objetos, um padrão (Santos, 2023). A forma revela uma parcela da totalidade e não pode ser analisada isoladamente, pois produziríamos apenas uma mera descrição. Contudo, a categoria forma pode representar valores e finalidades. Os valores dizem respeito aos significados sociais atribuídos às formas, já as finalidades são as funções que a forma desempenha em

determinado contexto social e temporal.

Para Santos (2023), função é a atividade ou tarefa que se espera de uma forma, instituição, pessoa ou objeto. As formas contidas no espaço têm funções e não há neutralidade nas formas espaciais. Cabe ressaltar que as funções podem mudar no decorrer do tempo e as formas adquirem novos contextos espaciais. Logo, cada forma apresenta uma função que não pode ser ignorada quando analisamos determinado espaço, pois revela desigualdades, disputas e intenções. A categoria função é fundamental para compreender o espaço geográfico em sua totalidade, já que cada forma possui uma funcionalidade e precisamos olhar para além da materialidade das coisas.

A estrutura é a categoria analítica que envolve a inter-relação entre todas as partes de um todo, o seu modo de construção ou organização. A estrutura refere-se à organização interna do espaço em determinado momento histórico, resultado das relações sociais, econômicas e políticas que se materializam em formas e funções (Santos, 2023). A estrutura não é estática e está em constante transformação, expressando como a sociedade se organiza, revelando lógicas sociais, políticas e econômicas que moldam o espaço.

Santos (2023) ensina que a categoria processo é uma ação contínua, que relaciona a concepção de tempo e mudança. O processo diz respeito às ações e interações que abrangem as categorias forma, função e estrutura no transcurso do tempo. Ela é a categoria que expressa o movimento, a transformação contínua do espaço a partir das relações humanas. Desse modo, cada forma é resultado de processos passados e, ao mesmo tempo, participa de processos atualmente em curso.

Em síntese, forma e função estão associados a outras duas categorias, estrutura e processo. Elas, em conjunto, possibilitam o desenvolvimento de um método geográfico capaz de apreender a totalidade do espaço. “Em outras palavras, forma, função, processo e estrutura devem ser estudados concomitantemente e vistos na maneira como interagem para criar e moldar o espaço através do tempo” (Santos, 2023, p. 71). Ao analisar essas categorias de forma inter-relacionada torna-se possível obter uma visão mais completa de como o espaço é criado, transformado e usado.

3.2 A Produção do Espaço Urbano

O espaço está organizado em subespaços, dentre eles há o espaço das

cidades. A cidade, compreendida pelos geógrafos como espaço urbano, é resultado dos processos e das relações sociais que ocorreram com o passar do tempo. Nesse sentido, no que se refere ao processo de produção do espaço urbano, não é possível separar a sociedade do espaço geográfico, uma vez que a cidade é um espaço social.

[...] a cidade pode ser entendida, dialeticamente, enquanto produto, condição e meio para a reprodução das relações sociais — relações produtoras da vida humana, no sentido amplo da reprodução da sociedade. Aqui a cidade se reafirma enquanto espaço social na medida em que se trata da realização do ser social — produzindo um espaço — ao longo do processo histórico. Na perspectiva apontada, a análise da cidade, em sua dimensão espacial, se abre para a análise da vida humana em sua multiplicidade (Carlos, 2007, p. 21)

A cidade é uma construção humana, fruto das relações sociais e da necessidade do ser humano de viver em sociedade. “Antes da cidade, houve a pequena povoação, o santuário e a aldeia, o acampamento, o esconderijo, a caverna, o montão de pedras; e antes de tudo isso, houve certa predisposição para a vida social que o homem compartilha [...]” (Mumford, 1998, p. 11).

Desse modo, o espaço urbano é produzido e reproduzido pelas relações humanas que ocorreram ao longo da história. Nesse processo dinâmico, a cidade incorpora ações pretéritas, reage às ações do presente e possibilita ações futuras. Carlos (2007, p. 21) esclarece que as relações sociais possuem uma espacialidade, pois estão materializadas em um território real e concreto, nesse caso a cidade. Portanto, “[...] ao produzir sua vida, a sociedade produz/reproduz um espaço através da prática sócio-espacial”.

Segundo Rolnik (2017), a cidade é uma obra coletiva resultado da imaginação e do trabalho articulado de várias pessoas. Ela nasce em virtude do processo de sedentarização do ser humano e impõe uma nova relação entre a sociedade e a natureza. “Embutida na origem da cidade há uma outra diferenciação, a social: ela exige uma complexidade de organização social só possível com a divisão do trabalho” (Sposito, 2022, p. 14).

Nessa mesma direção, para Carlos (2007), a cidade é materializada por meio do trabalho do homem. Esse trabalho é acumulado ao longo do processo histórico, portanto, a cidade é um produto histórico-social. A sociedade produz socialmente o espaço urbano no transcurso do tempo. E conforme cada momento histórico, o espaço urbano será produzido de uma maneira diferente, devido às diferentes características

que a sociedade assumiu ao longo da história. Nesse sentido, podemos perceber a dimensão espacial da cidade enquanto realidade material concreta resultante das relações entre os membros da sociedade em um movimento constante.

Além da esfera do trabalho, a produção do espaço urbano também está relacionada a vida cotidiana. “Nessa direção, a cidade como espaço produzido vai ganhando novos sentidos, conferidos pelos modos de apropriação do ser humano, objetivando a produção da sua vida” (Carlos, 2007, p. 23). Dessa forma, os indivíduos em suas práticas cotidianas participam da produção contínua do espaço urbano e são, ao mesmo tempo, moldados por ele. É oportuno mencionarmos a dialética sociedade/espaço, em que cada um se efetiva no outro e mediante o outro (Carlos, 2013). Sob essa ótica, a produção do espaço se dá por meio do processo de constituição da sociedade.

A interação sociedade/espaço revela que o espaço urbano é socialmente produzido. Já a dinamicidade desse processo demonstra que o espaço urbano é continuamente reproduzido. Nesta lógica, o espaço urbano está em constante movimento, reproduzindo-se de forma contínua. Trata-se de um processo ininterrupto de mudança, que acompanha o desenvolvimento e as transformações da sociedade.

Para Corrêa (1995, p. 7), o espaço urbano é constituído por diferentes usos da terra que resultam na organização espacial da cidade. Ou seja, o espaço urbano é fragmentado e essa fragmentação é produto das ações de diferentes agentes modeladores que produzem e consomem o espaço urbano. Porém, “[...] o espaço urbano é simultaneamente fragmentado e articulado”.

O espaço urbano capitalista – fragmentado, articulado, reflexo, condicionante social, cheio de símbolos e campo de lutas – é um produto social resultado de ações acumuladas através do tempo, e engendradas por agentes que produzem e consomem espaço (Corrêa, 1995, p. 11).

Santos (2021, p. 34) nos ensina que “o próprio espaço nos aparece como um todo fragmentado”. Contudo, os diferentes usos da terra no espaço urbano possuem relações diretas uns com os outros, gerando uma unidade articulada. Portanto, a cidade é ao mesmo tempo fragmentada e articulada (Corrêa, 1995). Ou seja, em natureza e intensidade diferentes cada parte do espaço urbano mantém relações com as demais, produzindo assim, um espaço complexo.

A cidade apresenta-se como um espaço dotado de complexidade, pois ao mesmo tempo que é fragmentada e articulada é, também, um reflexo da sociedade.

Para Corrêa (1995) a divisão articulada presente na organização espacial da cidade é uma expressão espacial de processos sociais. Assim, por ser fragmentado e resultado dos processos e das relações sociais, o espaço urbano é intensamente desigual. Cabe ressaltar que essa desigualdade é uma característica do espaço urbano capitalista que se materializa em áreas segregadas que não possuem estruturas adequadas e são negligenciadas pelo poder público.

Outro ponto que amplia a complexidade do espaço urbano é a sua mutabilidade no transcurso do tempo. Ou seja, o espaço urbano é a expressão espacial das ações humanas que se realizaram no passado e estão ocorrendo no presente. A cidade é, portanto, um produto social, que é continuamente moldada e transformada pelas interações humanas.

A cidade se configura como um artefato elaborado, uma obra humana, fruto de um processo histórico complexo. Trata-se de um espaço que foi apropriado socialmente e transformado por diferentes processos ao receber formas, funções e estruturas específicas (Santos, 2023). Cada forma, estrutura e a organização urbana como um todo foram moldados por uma série de processos, econômicos, especulativos, políticos e sociais, que interagem em ritmos e natureza variáveis.

“O espaço da cidade é também um condicionante da sociedade”. Esse condicionamento se dá por meio do papel que as formas espaciais desempenham na reprodução das condições e relações de produção (Corrêa, 1995, p. 8). Ao considerar o espaço urbano como condicionante, Roberto Lobato Corrêa aponta que sua configuração com ruas, edificações, estruturas e diversos usos da terra influencia diretamente nos modos de produção e nos fluxos cotidianos. Desse modo, o espaço urbano, com sua materialidade e organização, impõe limites e possibilidades à ação dos sujeitos. É necessário ressaltar que a organização física da cidade não funciona como um mero ambiente passivo, mas sim como um espaço dinâmico, moldado pelas interações sociais. Logo, o espaço urbano assume papel ativo no processo histórico, sendo simultaneamente resultado e meio das relações sociais.

Segundo Corrêa (1995, p. 9), é na cidade que diferentes classes sociais vivem e se reproduzem. O espaço urbano, por ser o local que envolve o cotidiano, crenças, valores e o futuro próximo de muitas pessoas assume uma dimensão simbólica que se materializa em suas formas e estruturas. Ao mesmo tempo, a cidade configura-se como um campo de lutas. Pois, o cotidiano e o futuro próximo encontram-se num contexto de fragmentação desigual do espaço, ocasionando conflitos sociais. Dessa

forma, a cidade é “[...] o cenário e o objeto das lutas sociais, pois visam, afinal de contas, o direito à cidade, à cidadania plena e igual para todos”.

Destaca-se que o espaço urbano é um produto social, sua produção é resultado de ações humanas que ocorreram no decorrer do tempo ocasionando conflitos e negociações entre diferentes agentes, que produzem e consomem espaço. Dentre esses agentes podemos citar: os proprietários dos meios de produção, os proprietários fundiários, os promotores imobiliários, o Estado e os grupos sociais excluídos (Corrêa, 1995).

A produção do espaço, seja o da rede urbana, seja o intraurbano, não é o resultado da "mão invisível do mercado", nem de um Estado hegeliano, visto como entidade supraorgânica, ou de um capital abstrato que emerge de fora das relações sociais. É consequência da ação de agentes sociais concretos, históricos, dotados de interesses, estratégias e práticas espaciais próprias, portadores de contradições e geradores de conflitos entre eles mesmos e com outros segmentos da sociedade (Corrêa, 2013, p. 43).

De acordo com Corrêa (2013), esses agentes sociais concretos participam, em maior ou menor intensidade, da produção do espaço urbano e suas ações estão inseridas no processo de produção, circulação e consumo de riquezas. Isso porque o homem é um ser social que possui a capacidade de transformar o espaço ao seu redor, transformando-o em um produto. Desse modo, conforme Carlos (2007), o espaço urbano pode ser compreendido como um produto, condição e meio para a reprodução das relações sociais.

Para Carlos (2007) o espaço na cidade é produzido e reproduzido enquanto mercadoria, pois serve às necessidades de acumulação capitalista. Dessa forma, o espaço urbano está submetido à dinâmica do mercado no qual o solo urbano, enquanto propriedade privada ou estatal, é condição do desenvolvimento do capitalismo.

Na lógica capitalista, a cidade configura-se como mercadoria e passa a ter valor de uso e valor de troca. Ou seja, algo que pode ser comprado, vendido e explorado economicamente. Isso significa que o espaço urbano adquire valor de uso, em relação a sua função, para quem o vivência (moradia, mobilidade, acesso a serviços), e valor de troca no mercado imobiliário (preço de terrenos, imóveis, investimentos). Essas duas dimensões transformam o espaço urbano em objeto de especulação, ocasionando contradições, segregação e conflitos.

3.3 A Historicidade do Espaço Urbano

A cidade não pode ser compreendida como um fenômeno pronto e acabado, ela está em constante transformação. Durante o processo histórico, o espaço urbano assumiu características, formas e funções distintas. De acordo com Carlos (2024, p. 57), a cidade tem história e nasce da necessidade de organizar um espaço dado. “A cidade é uma realização humana, uma criação que vai se constituindo ao longo do processo histórico e que ganha materialização concreta, diferenciada, em função de determinações históricas específicas”.

As mudanças que ocorrem no espaço urbano, no transcurso do tempo, ainda que reflitam processos de modernização e reestruturação do espaço, estão profundamente entrelaçadas às vivências e percepções daqueles que habitam e experienciam a cidade (Abreu, 2013).

Para ir ao encontro da interpretação dos lugares, a geografia tem que considerar que as formas sociais são produtos históricos, resultado da ação humana sobre a superfície terrestre, e que expressam a cada momento as relações sociais que lhe deram origem (Silva, 2012, p. 1).

Nesse sentido, não é possível compreender a cidade unicamente por meio da descrição das paisagens urbanas, pois elas não abarcam as relações sociais que a constituíram e não demonstram o caráter dinâmico desse espaço. Deste modo, se faz necessário considerar os aspectos das interações socioespaciais que configuram essa porção do espaço geográfico, e que no decorrer do tempo constroem e transformam o espaço urbano.

Se quisermos identificar a cidade, devemos seguir a trilha para trás, partindo das mais completas estruturas e funções urbanas conhecidas, para os componentes originários, por mais remotos que se apresentem no tempo, no espaço e na cultura [...] (Mumford, 1998, p. 11).

Portanto, podemos afirmar que a produção do espaço urbano é um processo em curso. Ou seja, o espaço urbano não é estático. Pelo contrário, sua produção é dinâmica e segue se reproduzindo de acordo com os ritmos impostos pela sociedade. Lefebvre (2011) também diz que a cidade tem uma história. Isso porque ela é obra de uma história de indivíduos e grupos que realizam essa obra em condições históricas distintas.

A cidade enquanto produto histórico e social tem relações com a sociedade em seu conjunto, com seus elementos constitutivos, e com sua história. Portanto, ela vai se transformando à medida que a sociedade como um todo se modifica (Carlos, 2024, p. 68).

Logo, o espaço urbano conta parte de sua história, pois a cidade também é um registro, uma escrita, a própria materialização de sua história (Rolnik, 2017). A cidade preserva em seu interior as marcas das sucessivas transformações a ela impostas.

É preciso refletirmos sobre a relação entre espaço e tempo. Santos (2021) nos leva a perceber o espaço, e consequentemente o espaço das cidades, como algo dinâmico e contraditório, onde o passado, o presente e o futuro se entrelaçam de forma desigual. Nesse contexto, é necessário superarmos a visão limitada que restringe a geografia ao estudo do presente, uma vez que, a compreensão dos lugares exige a incorporação de temporalidades. Segundo Carlos (2007), na medida em que os indivíduos produzem sua existência no decorrer do tempo, o fazem produzindo um espaço socializado. Desse modo, espaço e tempo são indissociáveis.

Portanto, a cidade configura-se como um processo dinâmico e contínuo de construção histórico-social, gerado por práticas hegemônicas e por ações cotidianas que refletem os distintos modos de habitar e experimentar o espaço urbano. Nessa perspectiva, a cidade é entendida como um artefato complexo, simultaneamente material, histórico, social e cultural, produzido e reproduzido pela ação humana ao longo do tempo.

Para Sposito (2022, p. 11):

[...] o espaço é história, e nesta perspectiva, a cidade de hoje é o resultado cumulativo de todas as outras cidades de antes, transformadas, destruídas, reconstruídas, enfim produzidas pelas transformações sociais ocorridas através dos tempos, engendradas pelas relações que promovem estas transformações.

De acordo com Paviani (1996), o espaço urbano está impregnado de movimento, mudanças e transformações. Nesse contexto, as categorias espaço e tempo possuem uma íntima união orgânica e interdependente integrando-se de forma coesa por forças acumuladas na urbanização pretérita que indicam, em diferentes momentos e formações socioespaciais, pressões, tendências e desejos.

A cidade, por ser uma construção humana, é resultado do próprio movimento da sociedade no fluir do tempo. Esse movimento projeta mudanças e permanências no espaço urbano, ocasionando uma construção socioespacial que é reflexo da

própria sociedade (Paviani, 1996). Ou seja, as pressões e desejos da sociedade criam tendências que mudam ou preservam o espaço das cidades.

Segundo Santos (2022, p. 67), “todo espaço é geográfico” o que inclui o espaço urbano, porque é determinado pelo movimento da sociedade. Assim, o espaço é modificado para atender as necessidades da sociedade. O espaço contém movimento e para sua interpretação “a noção de tempo é fundamental. A sociedade é atual, mas a paisagem, pelas suas formas, é composta de atualidades de hoje e do passado” (Santos, 2021, p. 59).

Santos (2021) propõe uma leitura do espaço, especialmente o urbano, como uma realidade marcada pela fluidez e pelas contradições, onde distintas camadas temporais se cruzam de maneira assimétrica. O autor convida à superação de uma abordagem reducionista da geografia, centrada apenas no tempo presente, argumentando que entender plenamente os lugares exige considerar as múltiplas temporalidades que os compõem. Assim, o espaço torna-se palco de permanências e rupturas, refletindo tanto as marcas do passado quanto as intenções do futuro.

3.4 A Natureza Contraditória do Espaço Urbano

O espaço urbano, enquanto produto das relações sociais é marcado por contradições que refletem a própria dinâmica da sociedade. Estas contradições emergem da coexistência de processos como integração e exclusão, homogeneização e diversidade, planejamento e espontaneidade.

A terra urbana, mercadoria que tem o preço definido por critérios físicos e locais, adquire um conteúdo político em razão da luta pelo espaço urbano. Nesse contexto, a ocupação de áreas nobres e áreas desvalorizadas tem uma íntima relação com o poder aquisitivo das pessoas que habitam tais regiões. O investimento seletivo do poder público em infraestrutura e equipamentos urbanos em determinadas regiões da cidade contribui com a especulação imobiliária e perpetua a segregação espacial (Rolnik, 2017). Essa dinâmica não só reforça a desigualdade no acesso a bens e serviços, mas também consolida um ciclo de exclusão, no qual os recursos se concentram nos espaços valorizados enquanto as áreas periféricas permanecem vulneráveis e desassistidas. Consequentemente, a própria cidade se transforma em um campo de disputas, onde a segregação espacial se revela tanto como sintoma quanto como instrumento da marginalização social.

Para Rolnik (2017) a segregação espacial na cidade é um fato e resulta na

desigualdade no acesso a serviços públicos, infraestrutura e qualidade de vida. Tal fenômeno é evidenciado na fragmentação do espaço urbano, na separação dos seus habitantes em classes sociais e no mercado imobiliário. Os muros, materiais e imateriais, definem os acessos e o lugar de cada indivíduo nessa porção do espaço.

Não podemos esquecer a discrepância no tratamento que o poder público oferece as diferentes porções da cidade, onde a ação do Estado produz e promove segregação. Por fim, esses fatores são todos produtores de segregação espacial e não apenas refletem contradições preexistentes, mas também as reforçam (Rolnik, 2017).

Concordamos com Rolnik (2017) que a terra urbana é uma mercadoria, na lógica mercadológica imposta pelo setor imobiliário, quem possui mais recursos financeiros se apropria de espaços amplos em áreas nobres. Todavia, a população menos abastada fica restrita as regiões com baixa infraestrutura e equipamentos urbanos limitados. Ou seja, os indivíduos ocupam o espaço urbano de acordo com seu poder aquisitivo, o que confirma a segregação e a marginalização de populações em áreas periféricas.

3.5 A Construção de Brasília no Ensino de Geografia

A construção de Brasília pode ser analisada a partir da perspectiva da produção social do espaço (Lefebvre, 2006), onde o espaço é resultado das relações sociais de produção. Em razão do seu caráter utópico, Brasília promoveu e ainda promove contradições e desigualdades. O projeto inicial pretendia que a nova capital simbolizasse um novo Brasil, negando os problemas urbanos enfrentados nas outras cidades brasileiras. Assim, enquanto utopia idealizada, Brasília silenciou aspectos da sua construção e ocupação que eram contrários ao seu propósito inicial (Holston, 1993). Desse modo, o ideal que Brasília buscava alcançar foi frustrado pelas políticas de exclusão e segregação socioespacial.

Para Holston (1993, p. 199), o discurso de que Brasília representaria um novo Brasil, um novo projeto de sociedade, se esvaiu quando o Estado marginalizou e segregou os operários, responsáveis pela construção, para tentar manter seu planejamento original: “[...] o governo pretendia inaugurar a cidade construída como se esta não tivesse uma história de construção e de ocupação”.

De acordo com Gouvêa (2010), o período de construção da nova capital, de 1956 a 1960, foi marcado pela intensa imigração. Estimulados pela propaganda

governamental, milhares de brasileiros deslocaram-se para o planalto central para trabalhar na construção de Brasília. Esses trabalhadores, chamados jocosamente de Candangos, foram atraídos pelo sentimento de esperança propagado por políticos da época – incluindo o próprio presidente da República, Juscelino Kubitschek.

“Os candangos vinham para o Planalto Central não somente para construir uma cidade, mas para construir a “capital da esperança”, pois tinham a esperança de melhores dias para trazer suas famílias e viver com dignidade” (Gouvêa, 2010, p. 90). Todavia, o período da construção de Brasília já era marcado por contradições: a cidade monumental com arquitetura moderna e a precariedade nas condições de vida e trabalho dos candangos. Ou seja, as contradições socioespaciais que envolvem a Capital Federal já estavam presentes desde sua instalação.

Mesmo concebida como uma capital moderna e distinta das demais cidades brasileiras, Brasília enfrentou desafios relacionados à habitação e ao mercado de trabalho que a tornaram semelhante a outras grandes cidades do país (Holston, 1993). A demanda por moradia, desde o início da construção, tornou-se um problema central em razão do grande contingente de operários que chegavam na região para trabalhar. A Companhia Urbanizadora da Nova Capital (Novacap), criada em 1956 para gerenciar e coordenar o processo de construção de Brasília, permitiu núcleos de moradia provisórios para alojar os milhares de trabalhadores envolvidos na construção (Coelho, 2008).

Para Ribeiro (2010, p. 30):

Grandes projetos, como a construção de Brasília, freqüentemente ocorrem em áreas parcamente povoadas, atraindo trabalhadores migrantes e tomando a construção de acampamentos obrigatória. Se assim não fosse, haveria que deixar aos que chegam a decisão de construir suas habitações onde pretendessem, o que acarretaria um sem-número de problemas, dado que a relativa dispersão populacional que provavelmente ocorreria poderia implicar inclusive ocupação de áreas destinadas à edificação da obra.

Ou seja, a construção de núcleos provisórios e acampamentos para os operários era inevitável. Porém o caráter temporário dessas edificações de madeira e lona já demonstrava que não havia o interesse, por parte do poder público, que a crescente população de Candangos continuasse na cidade modernista após sua inauguração em 1960.

Ainda durante o período da construção, o poder público, para preservar o planejamento urbano inicial de Brasília, não hesitou em “usar seu poderes

administrativos e policiais para remover a força de trabalho da capital construída. Negando aos operários da construção direitos de residência, pretendia evitar que o Brasil por eles representado fincasse raízes na cidade inaugural” (Holston, 1993, p. 200).

As situações de conflito social envolvendo moradia foram intensificadas após a inauguração de Brasília. Entretanto, as mobilizações de resistência e o peso das representações sociais acabaram por alterar a lógica imposta. As autoridades se viram compelidas a reconhecer o direito à moradia aos trabalhadores que ergueram a nova capital. Ainda assim, na tentativa de preservar o projeto de cidade idealizado, optou-se por criar “cidades satélites”, desprovidas de infraestrutura adequada para acolher o grande contingente de operários e suas famílias.

Segundo Paviani (2025), o fluxo migratório contínuo pós-inauguração forçou a expansão das cidades-satélites e, em momentos posteriores, expandiu a mancha urbana para além dos limites político-administrativos do Distrito Federal. Esse fenômeno deu início a um complexo processo de metropolização regional, integrando socioeconomicamente a Capital Federal aos municípios goianos vizinhos, o chamado Entorno. Essa assimetria alimenta a segregação socioespacial, empurrando as populações de menor poder aquisitivo para as periferias distantes e desprovidas de serviços básicos, enquanto os investimentos públicos e privados se concentram nas áreas centrais e valorizadas.

Nessa circunstância utópica e contraditória é preciso pensar dialeticamente o espaço em questão. O paradoxo central reside no fato de que, embora Brasília tenha sido construída pelo esforço coletivo e pela força de trabalho dos Candangos, a apropriação dos seus benefícios ocorreu de maneira privada, desigual e excludente. O que é refletido ainda hoje quando analisamos, por exemplo, o acesso a infraestrutura de qualidade, o transporte e as áreas de lazer.

Portanto, nas aulas de Geografia, o estudo sobre Brasília não deve tratar o espaço urbano como algo pronto. A intenção é mostrar aos estudantes que a cidade é fruto de uma construção social dinâmica, marcada por escolhas políticas e desigualdades socioespaciais. Conforme aponta Paviani (2007), a transferência da capital para o Planalto Central nas décadas de 1950 e 1960 funcionou como uma estratégia para interiorizar a economia e reorganizar o território nacional. Trazer esse processo para o contexto da sala de aula permite discutir de perto o contraste entre o projeto idealizado pelo urbanismo modernista de Lúcio Costa e o impacto real

provocado pelas migrações e pela ocupação do solo.

De acordo com Paviani (2025), Brasília expandiu-se muito além do Plano Piloto original, transformando-se em uma complexa e fragmentada metrópole polinucleada: onde áreas nobres concentram infraestrutura de excelência, outras, dialeticamente, sofrem com a exclusão de benefícios urbanos centrais.

Se, de um lado, o Plano Piloto de Brasília é um núcleo elitizado, habitado por empresários enriquecidos, funcionários bem-postos na hierarquia pública, entre os quais se destacam governantes, ministros, senadores, deputados, magistrados, procuradores, etc., de outro, os demais núcleos periféricos, quase duas dezenas, foram construídos como locais de moradia do operariado, seguido de uma classe média-média, média-baixa e trabalhadores braçais, funcionários empobrecidos e desempregados (Paviani, 2025, p. 65).

No Ensino de Geografia, investigar a construção da Capital Federal e sua evolução pós-1960 transforma Brasília em um laboratório vivo para os alunos compreenderem conceitos fundamentais como segregação socioespacial, periferação e as profundas disparidades na distribuição de infraestrutura urbana. Segundo Cavalcanti (2013, p. 24), “se o espaço contribui para a formação do ser humano, este, por sua vez, com sua intervenção, com seus gestos, com seu trabalho, com suas atividades, transforma constantemente o espaço”. Diante disso, o ensino de geografia deve promover a consciência do espaço na formação escolar. “A finalidade de ensinar Geografia para crianças e jovens deve ser justamente a de os ajudar a formar raciocínios e concepções mais articulados e aprofundados a respeito do espaço”.

As crianças e os jovens devem conseguir pensar seu próprio espaço de forma crítica e abrangente por meio do raciocínio geográfico. Uma maneira de alcançar tal objetivo é ensiná-los a pensar o espaço dialeticamente, onde os conteúdos possibilitem a eles o exercício desse pensamento e a forma como esse pensamento é viável (Cavalcanti, 2013).

Mas, para isso, tem que ser mais que um amontoado de conhecimentos solto, e deve estar claro ao professor qual visão de mundo que está sendo expressa nas aulas. Tem que ir além de um conhecimento estático, de uma paisagem pronta. Deve passar a idéia de movimento, no qual as pessoas, ao construir a sociedade, produzam um espaço com suas marcas, carregado de historicidade (Callai, 1999, p. 62).

Ao abordar a construção de Brasília e seus desdobramentos em sala de aula é necessário mobilizar os sete princípios do raciocínio geográfico previstos na Base Nacional Comum Curricular – BNCC. Desse modo, ao elaborarmos nossas sequências didáticas, focamos na análise de elementos empíricos, concretos e visíveis da realidade de Brasília. A título de exemplo, a *localização* dos diferentes núcleos urbanos e a *extensão* territorial de sua mancha urbana servem como suportes concretos para que o aluno compreenda graficamente a *distribuição* dos núcleos urbanos e a consequente *diferenciação* de áreas no Distrito Federal. A partir desse cenário observável, as atividades promovem a *analogia* ao comparar as paisagens do Plano Piloto com as das periferias, estabelecendo uma *conexão* causal entre a migração histórica, o aumento populacional e a segregação atual, o que capacita o educando a decodificar a complexa *ordem* do arranjo espacial brasiliense (BNCC, 2018).

Por fim, no contexto do ensino de geografia, se faz necessário abordar a questão utópica que envolve a Capital da República e a realidade imposta durante sua construção e ocupação, que ainda hoje repercutem socialmente e espacialmente. O tema pode ser abordado em sala de aula ao demonstrar como a visão modernista de desenvolvimento acabou gerando tensões e contradições durante sua construção. Ao adotar essa perspectiva dialética, possibilitamos que os estudantes compreendam que o espaço urbano não é um dado fixo ou estático, mas está em constante transformação e pode perpetuar desigualdades socioespaciais.

3.6 Sequência Didática no Processo de Ensino e Aprendizagem

Sequência didática é “um conjunto de atividades ordenadas, estruturadas e articuladas para a realização de certos objetivos educacionais, quem têm um princípio e um fim conhecidos tanto pelos professores como pelos alunos” (Zabala, 1998, p. 18). Nessa perspectiva, ao utilizarmos uma sequência didática como instrumento no processo de ensino e aprendizagem não podemos partir de ações isoladas, pois essa proposta didático-metodológica está ancorada na articulação de diferentes ações pedagógicas com intenções educativas claras.

A finalidade de elaborar sequências didáticas e utilizá-las em sala de aula é ajudar o aluno na construção de novos conhecimentos e saberes (Oliveira, 2013). Assim, mais do que uma simples organização de tarefas feitas pelo professor, a sequência didática constitui uma forma de estruturar o trabalho pedagógico,

favorecendo a participação dos estudantes e atribuindo maior sentido às aprendizagens desenvolvidas ao longo do processo educativo.

Segundo Zabala (1998), as sequências didáticas ultrapassam a ideia de um mero roteiro de aulas, uma vez que envolvem intencionalidade pedagógica, articulação de entre as atividades e conteúdos e participação ativa dos estudantes durante sua aplicação em sala de aula. Desse modo, a sequência didática contempla tanto a organização do trabalho pedagógico do professor quanto o processo de construção do conhecimento pelos estudantes.

Para Cavalcanti (2013, p. 138), o ensino escolar é o processo de construção do conhecimento mediado pelo professor. Ou seja, aluno e professor assumem um papel ativo na sala de aula. “O aluno é ativo porque ele é sujeito do processo e, por isso, sua atividade mental ou física é fundamental para a relação ativa com os objetos de conhecimento; o professor é ativo porque é ele quem faz a mediação do aluno com aqueles objetos”. Essa compreensão aproxima-se da proposta de sequência didática discutida neste trabalho, pois sua organização prevê a participação dos estudantes em diferentes etapas da aprendizagem. Ao planejar atividades articuladas entre si, o professor cria condições para que os alunos estabeleçam relações entre os conteúdos estudados e os conhecimentos já construídos ao longo de suas experiências.

No entanto, se faz necessário reforçar a necessidade do planejamento na elaboração de uma sequência didática, pois o professor deve delimitar o tema, os objetivos, os conteúdos abordados, a definição e a estruturação das etapas, bem como a elaboração da atividade a ser realizada pelos estudantes. Esse processo exige que o professor organize todas essas ações de forma articulada e com uma intencionalidade pedagógica definida.

O uso de sequências didáticas, bem planejadas e com intencionalidade, auxilia na organização do trabalho docente e contribui com a conexão do conhecimento empírico do aluno com o conhecimento científico. Por meio da leitura de imagens, fotografias antigas, mapas, contação de histórias, dentre outras estratégias, o professor enriquece seu material pedagógico e contribui com o aprendizado dos seus estudantes.

Zabala (1998) e Oliveira (2013) nos ensinam que as atividades propostas precisam dialogar com aquilo que os estudantes já conhecem e vivenciam. Pois, quando os novos conteúdos são relacionados às experiências dos estudantes, eles

tendem a compreender melhor os conceitos estudados e a participar com mais envolvimento das aulas.

Nesse sentido, cabe ao professor criar caminhos para que os alunos resgatem suas vivências e participem, de forma ativa, das propostas em sala de aula (Cavalcanti, 2013). Para isso, as situações de aprendizagem precisam trazer desafios que de fato estimulem o pensamento e a participação dos alunos, sem cair em tarefas simples demais ou muito complexas ao ponto de desmotivar.

Ao longo da sequência didática, atividades que envolvam interpretação, reflexão, comparação, conexão, formulação de hipóteses e resolução de problemas estimulam o estudante a refletir, comparar realidades e formular hipóteses são válidas para que o estudante possa aproximar sua leitura de mundo dos conceitos científicos da Geografia. Essa visão direcionou a elaboração das propostas que apresentamos nesta pesquisa.

3.7 A Teoria do Desenvolvimento Cognitivo de Piaget e as Sequências Didáticas Propostas

Ao elaborarmos as sequências didáticas propostas nesta pesquisa buscamos levar em consideração a Epistemologia Genética de Jean Piaget. Pois, a construção do conhecimento não ocorre de forma passiva, mas é impulsionada por processos dinâmicos e inseparáveis: assimilação, acomodação e equilíbrio. A assimilação acontece quando o sujeito incorpora uma nova experiência aos esquemas mentais que já possui. A acomodação surge quando essa experiência não se encaixa, exigindo mudanças ou a criação de novos esquemas. Já a equilíbrio atua como ação reguladora: mobilizando a assimilação e a acomodação, uma vez que, reorganiza o pensamento e possibilita o avanço intelectual (Piaget, 2007).

Conforme Piaget (2007), o desenvolvimento mental na criança se estrutura em quatro grandes estágios do desenvolvimento cognitivo. O primeiro estágio é denominado sensório-motor (0 – 2 anos), fase em que a inteligência da criança é motora e se apoia em ações práticas e percepções físicas sobre o meio. Na sequência, o estágio pré-operatório (2 – 7 anos) se dá com desenvolvimento da linguagem e o início da função simbólica no qual a criança adquire uma inteligência representativa.

No estágio operatório concreto (7 – 11 anos), momento que abarca o público-alvo das nossas sequências didáticas, as crianças desenvolvem um pensamento mais

lógico, reversível e operatório (Piaget, 2007). Embora ainda não haja abstração, “as crianças desenvolvem a capacidade de realizar operações mentais sobre objetos e eventos concretos” (Queiroz, 2024). Para Lepre (2025, p.12-13) nessa fase “são construídas as estruturas operatórias, por meio de esquemas conceituais concretos” Ou seja, “[...] a operação mental ainda necessita do real, do apoio do mundo concreto”. Por fim, no estágio operatório formal (11 – 12 anos em diante) o indivíduo construirá o pensamento hipotético-dedutivo e desenvolverá a habilidade de superar o próprio real, por meio de hipóteses abstratas e deduções teóricas (Piaget, 2007).

Diante disso, as sequências didáticas propostas nesta pesquisa, direcionadas a estudantes de 8 e 9 anos (3º e 4º Ano do Ensino Fundamental), promovem a assimilação, ao acrescentar novas informações aos conhecimentos prévios dos estudantes, geram questionamentos durante o processo de acomodação e auxiliam no alcance da equilíbrio, ao fornecer estratégias concretas de construção do conhecimento. Uma vez que, o material didático foi estruturado para fornecer justamente o suporte concreto indispensável para essa faixa etária. A proposta pedagógica ancora-se no uso de recursos visuais e materiais, como fotografias históricas e atuais, mapas, vídeos, música, reportagens de jornal, gráficos, tabelas, *sites* interativos, dentre outros, que funcionam como o amparo do real, com o apoio do mundo concreto. Assim, as sequências didáticas ofertadas respeitam e validam a capacidade executiva desse público-alvo.

3.8 Análise do Currículo em Movimento do Distrito Federal

O Currículo em Movimento do Distrito Federal foi construído coletivamente e de forma democrática. Atualmente, o currículo em vigor nessa unidade da federação está em sua 2ª edição. Esse fato evidencia sua identidade dinâmica, que é reforçada em seu próprio nome “em movimento”.

Questões que motivaram sua revisitação são elencadas no próprio currículo, como: organização escolar em ciclos para as aprendizagens, homologação da Base Nacional Comum Curricular – BNCC em 2017, alteração das matrizes curriculares. Todavia, após discussões entre professores e diversos profissionais da educação, ficou decidido que manteriam as concepções teóricas e os princípios pedagógicos da sua 1ª edição: “formação para Educação Integral; Avaliação Formativa; Pedagogia Histórico-Crítica e Psicologia Histórico-Cultural; Currículo Integrado; Eixos Integradores (para os Anos Iniciais: Alfabetização, Letramentos e Ludicidade; e, para

os Anos Finais: Ludicidade e Letramentos) e Eixos Transversais (Educação para a Diversidade, Cidadania e Educação em e para os Direitos Humanos e Educação para a Sustentabilidade)". Também decidiram manter a estrutura: objetivo de aprendizagem / conteúdo (Distrito Federal, 2018, p. 8).

O Currículo em Movimento é considerado uma grande conquista para a educação pública do Distrito Federal, pois promove uma abordagem integrada, cidadã e centrada no aluno. O documento também estimula a formação integral, avaliação formativa e a participação ativa dos estudantes no processo de aprendizagem. Além disso:

A perspectiva de uma aprendizagem interdisciplinar e com temas transversais proporciona reflexões e vivências acerca do respeito e tolerância às diferenças, o repúdio aos preconceitos e discriminações de qualquer ordem, o saber analisar e atuar nestas situações e de injustiças sociais e, enfim, uma formação pautada em valores morais e éticos (Melo de Souza e Peluso, 2019, p. 41).

Nesse contexto, a Geografia pode contribuir com a formação cidadã e auxiliar na compreensão crítica da realidade social (Melo de Souza e Peluso, 2019). Inserida na área de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas, a Geografia tem forte ênfase na função formativa dos estudantes, pois fornece ao estudante instrumentos analíticos para compreender sua própria realidade.

Contudo, ao investigarmos menções específicas a Brasília e à sua construção no currículo verificamos como elas são escassas no componente curricular de Geografia. Durante a pesquisa, constatamos que no currículo do Ensino Fundamental apenas no 3º e 4º Ano há essa previsão curricular. Já no currículo do Ensino Médio, a título de curiosidade, não identificamos nenhuma menção.

Portanto, mesmo com os avanços significativos que o Currículo em Movimento trouxe para a educação pública, o currículo negligencia a relevância singular de Brasília como objeto privilegiado de ensino geográfico no contexto do Distrito Federal. A construção de Brasília, um dos eventos mais significativos da história do território nacional e local, está limitada a poucos objetivos de aprendizagem e conteúdos do 3º e 4º dos anos iniciais do Ensino Fundamental.

Em uma rede de ensino que atua no próprio território do Distrito Federal, a omissão de Brasília como conteúdo estruturante na formação cidadã e espacial dos estudantes evidencia uma desarticulação entre o currículo e realidade vivida. Embora

o Currículo em Movimento adote uma base teórica crítica e atualizada, seu silêncio em relação a Brasília, enquanto cidade projetada, construída por migrantes e símbolo de uma política desenvolvimentista, é uma limitação grave, especialmente no ensino da Geografia. A ausência de tratamento sistemático de Brasília, sua construção e implicações socioespaciais compromete a possibilidade de os estudantes compreenderem criticamente o espaço urbano em que vivem.

Portanto, diante da sua característica dinâmica, por dever estar constantemente em movimento, espera-se que o currículo do Distrito Federal em sua próxima edição reconheça Brasília como objeto geográfico privilegiado para a compreensão da produção do espaço urbano e da organização territorial do Brasil.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa nasceu de uma inquietação sobre a lacuna de materiais didáticos que, no ensino de Geografia, sobretudo nos anos iniciais do Ensino Fundamental, abordem a construção de Brasília (1956-1960) e seus desdobramentos geográficos. Ao longo deste trabalho, buscamos não nos conformar com as narrativas oficiais que, por vezes, silenciam os operários que com suas próprias mãos ergueram a Capital Federal. Nosso intuito foi revelar as complexas dinâmicas socioespaciais e as contradições de um projeto modernista que, em sua utopia, acabou por gerar profundas desigualdades no centro do Brasil.

Compreendemos que os objetivos propostos foram alcançados, uma vez que conseguimos analisar criticamente esse processo e propor planos de aula e atividades pedagógicas que se materializaram em oito sequências didáticas que podem auxiliar no ensino de conteúdos sobre Brasília. A articulação da nossa fundamentação teórica à elaboração do produto pedagógico responde à proposta do Mestrado Profissional em Ensino de Geografia em Rede Nacional (PROFGEO), demonstrando que o rigor científico e a prática pedagógica devem caminhar juntos.

Ao adotar o método materialista histórico-dialético, reconhecemos a dimensão histórica dos processos sociais em constante contradição e movimento. Sob essa ótica, compreendemos o espaço geográfico não como um mero palco, mas uma construção social viva, dinâmica e, por essência, contraditória. Com isso, ficou evidente que o espaço de Brasília expressa diretamente as contradições sociais da época de sua construção. O choque entre a cidade projetada pelo Estado e a realidade enfrentada pelos operários que vieram trabalhar na capital deu início à segregação socioespacial que hoje caracteriza a realidade material do Distrito Federal.

No plano pedagógico, o desafio central foi realizar a transposição didática desse arranjo teórico-metodológico para a cognição de estudantes do 3º e 4º ano do Ensino Fundamental. Contudo, os planos de aula que propomos demonstram que a mediação docente confere ao aluno um papel ativo no seu próprio processo de aprendizagem. Ao mobilizar diferentes estratégias e recursos, auxiliamos o professor a conectar o conhecimento empírico do estudante ao conhecimento científico.

Acreditamos que nossas sequências didáticas têm plenas condições de serem aplicadas no 3º e 4º ano, sinalizando a possibilidade de realizar a transição didática do conhecimento científico para o conhecimento escolar. Por fim, ressaltamos que as

atividades propostas foram estruturadas com o intuito de se mostrarem exequíveis e aplicáveis à realidade da sala de aula.

Como em qualquer investigação científica, reconhecemos que este trabalho não esgota a complexidade do tema. Apontamos como limitações da pesquisa e sugestões para trabalhos futuros a necessidade de incluir mais Regiões Administrativas na análise e elaborar novas sequências didáticas, aprofundando o debate sobre a periferização no Distrito Federal.

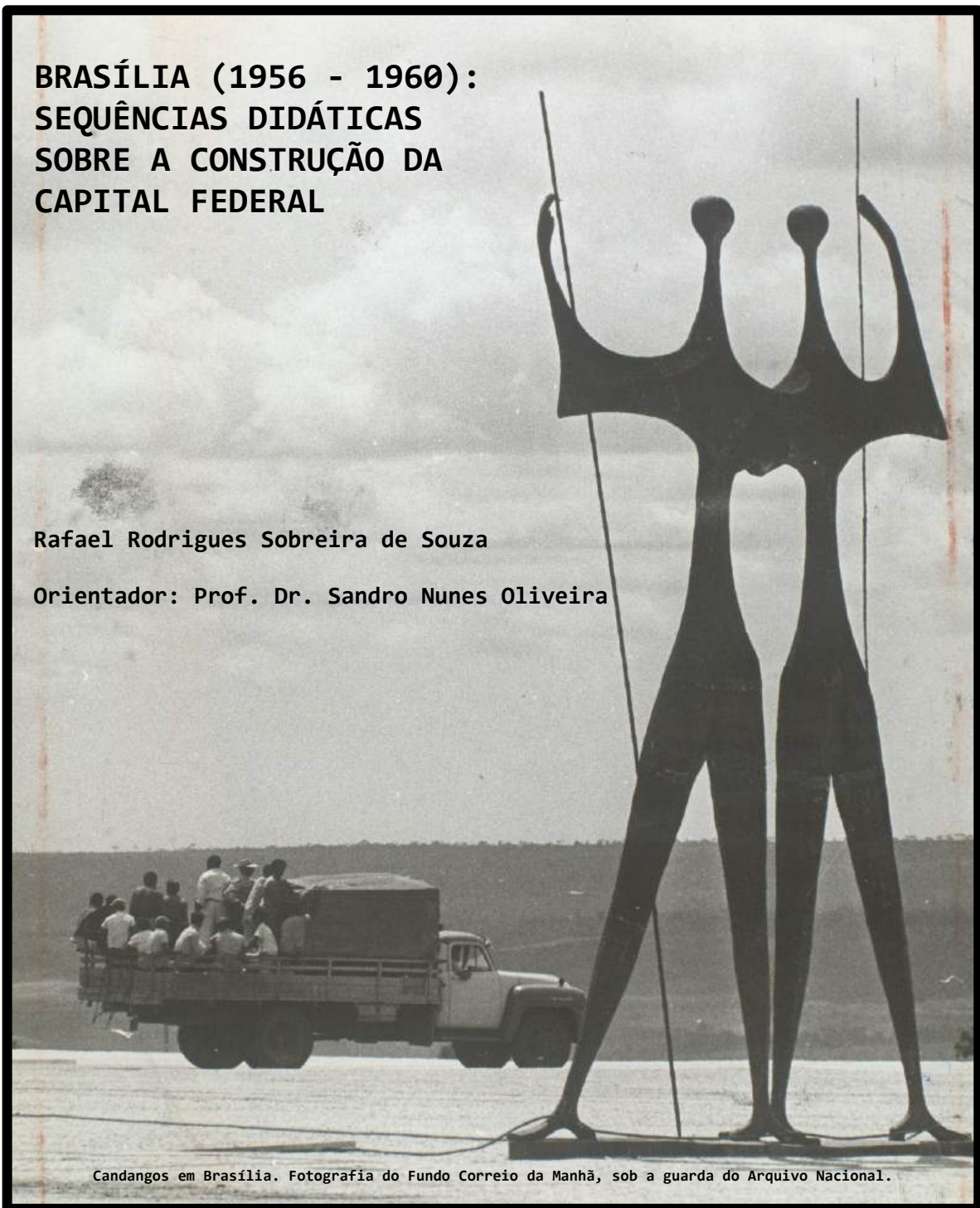
Com este trabalho, almejamos qualificar a prática dos professores que ensinam Geografia nos anos iniciais, oferecendo caminhos didáticos que facilitem o estudo sobre a formação socioespacial de Brasília e do Distrito Federal. Buscamos oferecer aos docentes da rede pública de ensino do DF caminhos pedagógicos para abordar o tema proposto e, ao mesmo tempo, exercitar o pensamento crítico dos seus alunos ao interpretarem e questionarem a realidade urbana em que vivem.

5. RESULTADO

BRASÍLIA (1956 - 1960): SEQUÊNCIAS DIDÁTICAS SOBRE A CONSTRUÇÃO DA CAPITAL FEDERAL

Rafael Rodrigues Sobreira de Souza

Orientador: Prof. Dr. Sandro Nunes Oliveira



Candangos em Brasília. Fotografia do Fundo Correio da Manhã, sob a guarda do Arquivo Nacional.

APRESENTAÇÃO

Prezado(a) docente,

Este material reúne um conjunto de sequências didáticas elaboradas para subsidiar o estudo sobre o processo de construção de Brasília (1956-1960) nos anos iniciais do Ensino Fundamental. Estruturado de forma prática, cada bloco temático oferece um plano de aula, orientação do professor e propostas de atividades articuladas para os estudantes do 3º e 4º anos.

Os conteúdos aqui abordados foram adaptados e estão em consonância com o Currículo em Movimento do Distrito Federal, organizado pela Secretaria de Estado de Educação - SEEDF. Mais do que um roteiro de conteúdos, este produto didático nasce da necessidade de suprir a escassez de materiais que abordem a Capital Federal sob uma ótica geográfica e crítica.

Ao propor estas sequências didáticas, nosso objetivo é apoiar o trabalho dos Professores de Pedagogia que ministram aulas de geografia, instrumentalizando-os para discutir a produção do espaço urbano de Brasília para além dos discursos oficiais. Esperamos que este material seja um convite para que seus alunos investiguem a construção de Brasília por meio de suas contradições, do papel dos operários e das dinâmicas socioespaciais que moldaram o território do Distrito Federal, construindo, desde cedo, um pensamento crítico.

Boas aulas!

SUMÁRIO

3º ANO

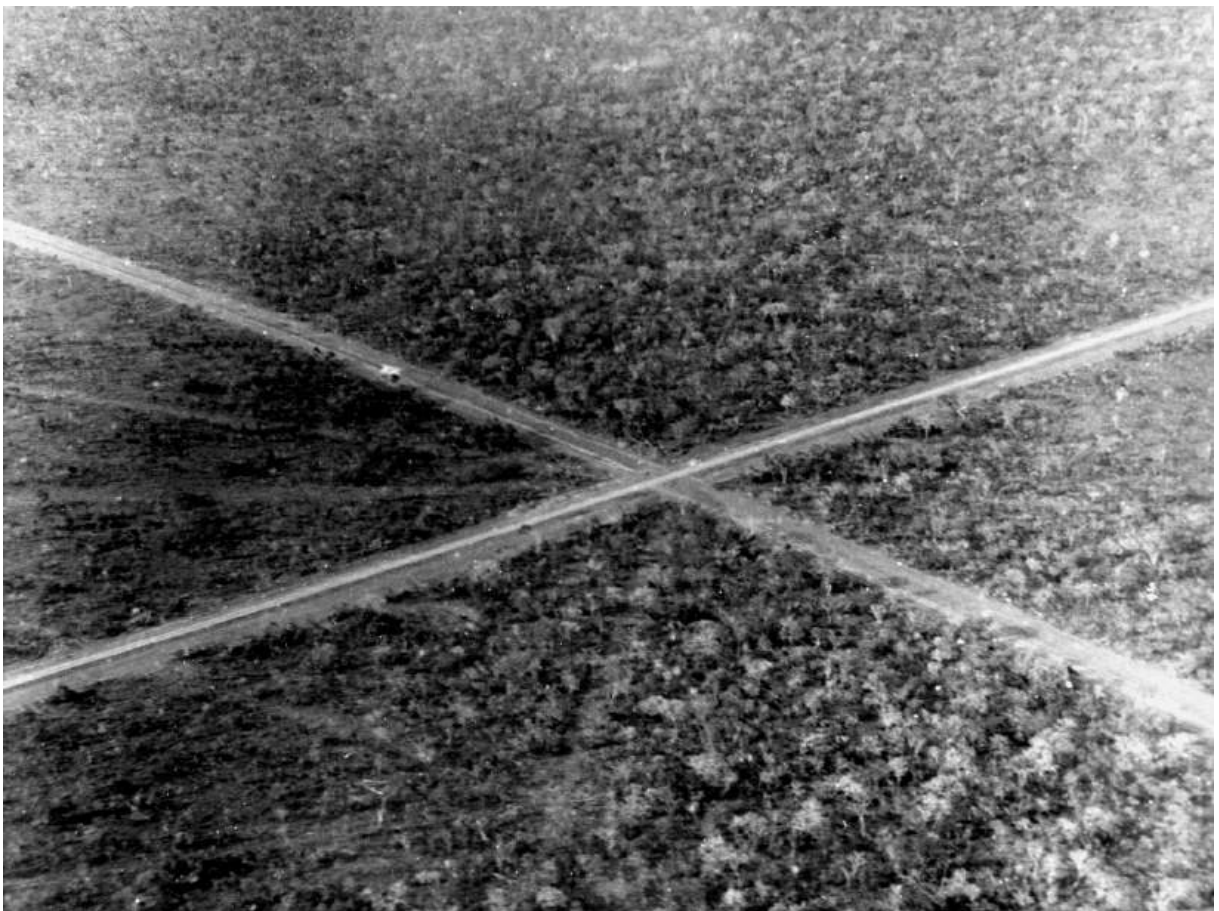
A Localização Estratégica de Brasília.....	52
A Expansão da Mancha Urbana no Distrito Federal	60
Do Plano Piloto às Regiões Administrativas	76
Brasília: Cidade Planejada ou Segregada?	88

4º ANO

A Produção do Espaço Urbano de Brasília	95
Brasília e seus Eixos Estruturantes.....	107
Regiões Administrativas do DF: Mobilidade e Cotidiano.....	117
Brasília e a Carta de Atenas (1933): Utopia Modernista e a Realidade Brasiliense.....	127

3º ANO

A Localização Estratégica de Brasília



**Cruzamento dos eixos Monumental e Rodoviário de Brasília [1957].
Fonte: Arquivo Público do Distrito Federal – ArPDF.**



Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Brasília
Campus Riacho Fundo

INFORMAÇÕES DO PLANO DE AULA

Tema: A Localização Estratégica de Brasília.

Nível de Ensino: Ensino Fundamental – Anos Iniciais.

Série: 3º ano.

Local de realização da aula: Sala de aula.

Componente Curricular: Geografia.

Duração: 2 aulas de 50 minutos cada.

Autor da proposta de aula: Rafael Rodrigues Sobreira de Souza.

Instituição: Campus Riacho Fundo do Instituto Federal de Brasília (IFB).

Conteúdos Específicos:

- A transferência da capital do Brasil.
- A escolha do lugar onde seria construída a nova capital.
- A organização espacial de Brasília.

Objetivos:

- Compreender os motivos históricos e geográficos que levaram à transferência da capital do Brasil do Rio de Janeiro para Brasília.
- Identificar os fatores que influenciaram a escolha do local onde Brasília foi construída, valorizando sua posição geográfica estratégica no território nacional.

Conhecimentos prévios dos alunos:

- Atividades produtivas: tipos de produção; locais de trabalho; ferramentas e instrumentos; modificação da natureza, impactos e riscos. Instrumentos e máquinas de trabalho; remuneração e salário; remuneração e gênero; relações de poder; regras de trabalho (*Previstos no Currículo em Movimento do Distrito Federal, p. 258*).

Recursos Complementares:

- Projetor multimídia (datashow) e computador com acesso à internet.



Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Brasília
Campus Riacho Fundo

SUGESTÃO DE PLANO DE AULA

Orientações iniciais para os(as) professores(as)

- Professor(a), caso necessário, adapte este plano de aula à realidade da sua turma. Sinta-se à vontade para incluir outros temas e etapas que enriqueçam o desenvolvimento das atividades.
- Professor(a), familiarize-se com o tema antes de aplicar a atividade para os estudantes.
- **Atenção!** Lembre-se de verificar a conexão do computador a internet e montar o projetor multimídia antes de iniciar a aula.
- **Observação:** A atividade do estudante deve ser impressa e entregue para cada aluno.

Etapa 1: Problematização

- Professor(a), informe à turma que inicialmente será exibido um vídeo. Oriente os estudantes a prestarem bastante atenção, pois os principais aspectos abordados serão necessários para realizar a atividade.
- O vídeo “Histórias do Brasil - Quando Juscelino Kubitschek decidiu a construção da capital em Brasília?”, com duração de 4 minutos, apresenta um resumo sobre a mudança da capital do Brasil e outros temas relacionados ao processo de sua construção. Ele está disponível gratuitamente no YouTube, no Canal TV Senado: <https://www.youtube.com/watch?v=5WDwxGyf0d0>.
- Professor(a), após a exibição do vídeo faça os seguintes questionamentos aos estudantes para induzir a reflexão crítica:
 - ✓ *A ideia de construir uma nova capital começou com o Presidente Juscelino Kubitschek?*
 - ✓ *Quais as principais motivações para mudar a capital do Brasil?*
 - ✓ *Por que vocês acham que eles escolheram justamente esse local para construir Brasília?*

Etapa 2: Leitura guiada e coletiva

- Professor(a), agora leia pausadamente para os alunos esse fragmento de texto extraído da obra “A Cidade Modernista: uma crítica de Brasília e sua utopia” de James Holston.

Observação: Projete o texto no projetor multimídia e diga aos estudantes que se não entenderem alguma palavra podem perguntar seu significado para você.

“A idéia de Brasília”

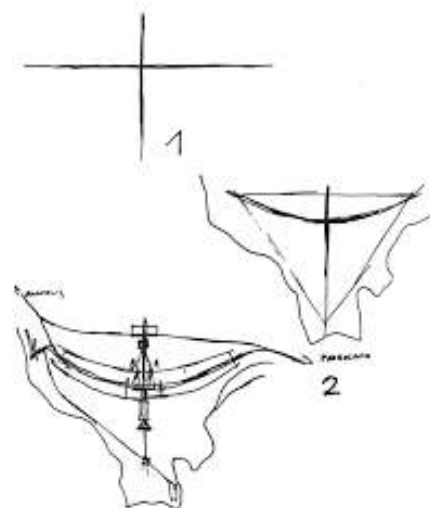
[...] Desde o último quartel do século XVIII, reformadores, revolucionários e estadistas propunham a transferência da capital para o interior como meio de povoar, desenvolver e assegurar a posse do vasto sertão brasileiro. Era uma proposta defendida por pessoas com objetivos políticos tão diferentes quanto o autocrático marquês de Pombal, o revolucionário Tiradentes, o patriarca da Independência José Bonifácio de Andrada e Silva, e o diplomata Varnhagen. Desde seus primórdios, a "idéia de Brasília" (tal como é chamada) teve a característica peculiar de atrair, como a imagem de um novo Brasil e como estratégia de desenvolvimento, o interesse de perspectivas políticas radicalmente diferentes, e mesmo violentamente opostas entre si. Essa idéia por fim obteve forma legal na primeira Constituição republicana de 1891. Seu artigo terceiro reservou uma área de 14 400 quilômetros quadrados no Planalto Central para a instalação da futura capital federal. Ao debaterem este artigo, os parlamentares argumentaram que a mudança da capital para o interior iria permitir ao governo estabelecer a soberania sobre todo o território do Brasil, longe da costa colonial e a salvo de ataques navais. Ao mesmo tempo, sustentavam que a mudança propiciaria a integração nacional ao estimular o desenvolvimento dos recursos do interior, gerando eixos de crescimento econômico a partir do centro em direção aos mais longínquos pontos do país [...] (Holston, 1993, p. 24 - 25).

Etapa 3: Análise de fontes históricas

- Professor(a), nessa etapa apresente aos estudantes o recorte de jornal e os croquis de Lúcio Costa. Na sequência, pergunte o que havia no planalto central antes da construção de Brasília. Questione-os sobre as fazendas e vilas que já existiam na região. Explore a organização espacial de Brasília, falando do eixo monumental e eixo rodoviário.



Recorte do Jornal À NOITE. Publicação 26/12/1957. Fonte: Arquivo Público do Distrito Federal – ArPDF.



Croquis de Lúcio Costa para Projeto Piloto de Brasília [1957]. Fonte: Arquivo Público do Distrito Federal – ArPDF.

Etapa 4: Atividade do Aluno



Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Brasília
Campus Riacho Fundo

ATIVIDADE DO ALUNO – A LOCALIZAÇÃO ESTRATÉGICA DE BRASÍLIA

Nome do(a) estudante: _____

Nome do(a) professor(a): _____

Data de realização da atividade: ____/____/____

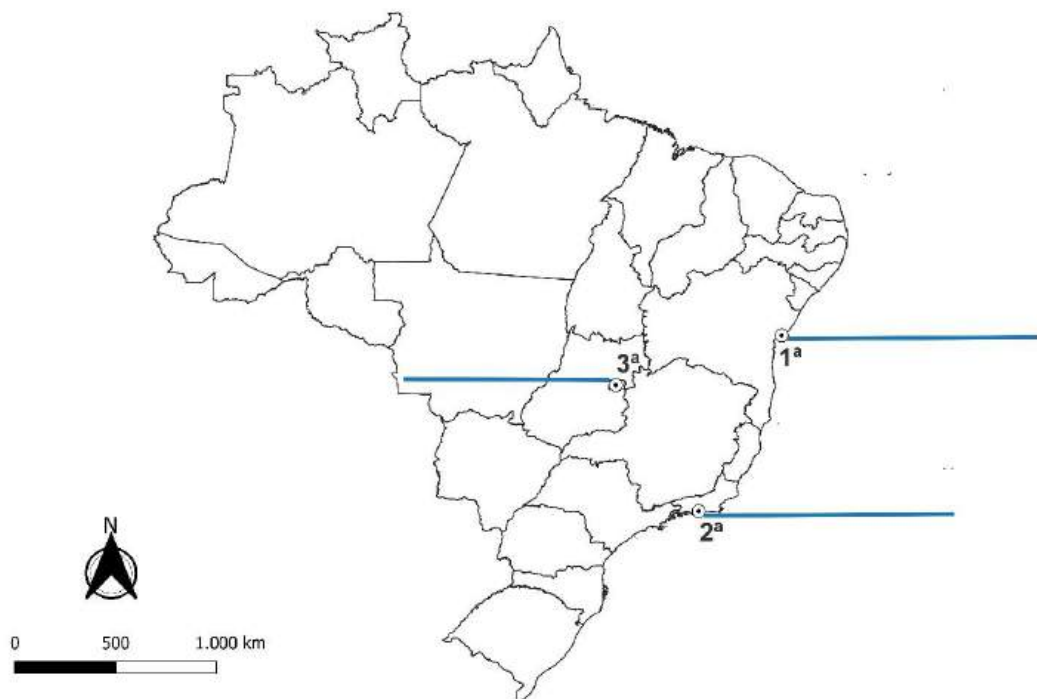
QUESTÕES DA ATIVIDADE

Você sabia que o Brasil já teve três capitais diferentes?

- A primeira capital do Brasil foi **Salvador**, de 1549 até 1763.
- Depois, a capital passou a ser o **Rio de Janeiro**, de 1763 até 1960.
- Hoje, a capital do nosso país é **Brasília**, desde 1960.

Questão 1. Indique no mapa abaixo o nome das três capitais que o Brasil teve ao longo da história:

As Capitais do Brasil ao Longo da História



Questão 2. Complete a frase usando as palavras abaixo:

desenvolvimento	povoamento	integração nacional
proteger	interior	ataques

A mudança da capital do Brasil para o _____ do país tinha como principais objetivos a _____, estimular o _____ econômico, garantir o _____ do vasto território brasileiro, além de _____ a sede do governo de _____ pelo mar.

Questão 3. Leia junto com o(a) professor(a) a historinha abaixo e depois responda o que se pede:

A Missão Cruls: Em Busca do Lugar Perfeito



O Início da Aventura

Luiz Cruls, um cientista muito curioso, foi chamado para liderar uma missão muito importante: demarcar um bom lugar para construir a nova capital do Brasil.

Preparando a Mochila

Cruls reuniu mapas, bússola, livros antigos e chamou um grupo animado de exploradores para acompanhá-lo. Eles estavam prontos para explorar o Planalto Central.



Lendo o Passado

Durante a viagem, Cruls contou que leu textos de pessoas muito importantes da história do Brasil, como Varnhagen e Hipólito José da Costa. Esses textos o ajudaram a entender melhor a região.

Observando o Espaço

Eles caminharam bastante e observaram tudo com atenção: fauna, flora, relevo, rios. Cruls queria ter certeza de que havia espaço suficiente para a nova capital.





Sentindo a Salubridade

Eles respiraram fundo... o ar era puro! Cruls explicou que isso mostrava que a salubridade da região era boa, e isso era essencial para a saúde de todos que viveriam ali.

Explorando a Hidrografia

Perto dali, encontraram rios e córregos. “Água é boa”, disse Cruls. Eles marcaram no mapa cada rio importante da região.



Conhecendo o Clima

O grupo também reparou no clima: durante o dia fazia sol, mas à noite o vento era mais fresquinho.

Mais que um Lugar

Cruls explicou que não era só uma mudança de lugar — construir a nova capital envolvia pensar em tudo: clima, salubridade, hidrografia, espaço e na pequena população que já habitava a região.



De Volta com Descobertas

Depois de muitos dias, eles voltaram com um relatório cheio de anotações. A Missão Cruls tinha ajudado o Brasil a escolher o melhor lugar para a futura capital, chamado Quadrilátero Cruls. Posteriormente outras expedições foram feitas para estudar mais ainda a região.

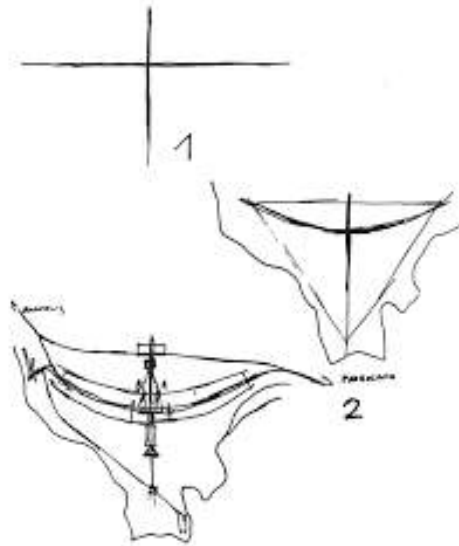
Observação: Texto de autoria própria e ilustrações geradas por inteligência artificial no Copilot (Microsoft, 2025).

A) Qual o objetivo da Missão Cruls?

B) Quais elementos geográficos Luiz Cruls analisou com sua equipe?

C) Qual foi o resultado da expedição de Luiz Cruls?

Questão 4. Um arquiteto chamado Lúcio Costa fez o melhor desenho de como seria a nova capital do Brasil: Brasília. Olhe com atenção o desenho abaixo. Ele mostra como a cidade foi pensada antes de ser construída.



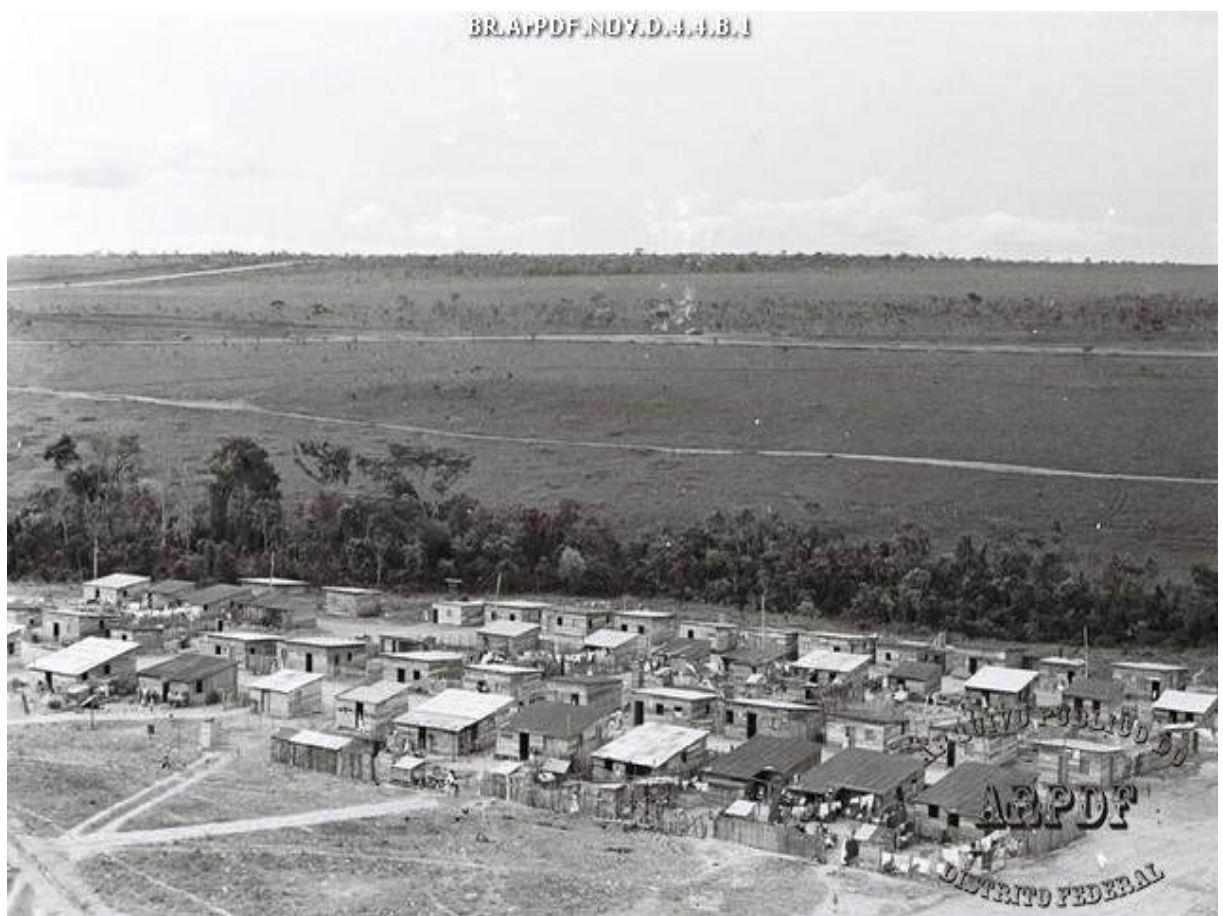
Por que você acha que Lúcio Costa fez um desenho antes de começar a construir Brasília?

- A) Porque queria brincar de desenhar cidades.
- B) Porque precisava saber onde ficariam as casas, ruas e prédios antes de construir.
- C) Porque a cidade já existia e ele só estava copiando.
- D) Porque queria fazer um desenho bonito para colocar na parede.

Questão 5. Agora se você fosse participar desse concurso, como seria Brasília?

3º ANO

A Expansão da Mancha Urbana no Distrito Federal



Candangolândia [1958].

Fonte: Arquivo Público do Distrito Federal – ArPDF.



Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Brasília
Campus Riacho Fundo

INFORMAÇÕES DO PLANO DE AULA

Tema: A Expansão da Mancha Urbana no Distrito Federal.

Nível de Ensino: Ensino Fundamental – Anos Iniciais.

Série: 3º ano.

Local de realização da aula: Sala de aula.

Componente Curricular: Geografia.

Duração: 3 aulas de 50 minutos cada.

Autor da proposta de aula: Rafael Rodrigues Sobreira de Souza.

Instituição: Campus Riacho Fundo do Instituto Federal de Brasília (IFB).

Conteúdos Específicos:

- A Formação do Território do Distrito Federal
- A Expansão da Mancha Urbana do DF ao Longo das Décadas

Objetivo:

- Analisar o processo histórico-social de formação do território do DF, analisando a transformação do espaço geográfico a partir da ocupação pré-existente, da construção da capital planejada e da consequente expansão urbana periférica, utilizando uma sequência de mapas como fonte primária de análise.

Conhecimentos prévios dos alunos:

- Brasília, Distrito Federal, RIDE, capitais do Brasil. (*Previstos no Currículo em Movimento do Distrito Federal, p. 261*).

Recursos Complementares:

Projeter multimídia (datashow), computador com acesso à internet, tinta guache azul e esponja.



Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Brasília
Campus Riacho Fundo

SUGESTÃO DE PLANO DE AULA

Orientações iniciais para os(as) professores(as)

- Professor(a), caso necessário, adapte este plano de aula à realidade da sua turma. Sinta-se à vontade para incluir outros temas e etapas que enriqueçam o desenvolvimento das atividades.
- Professor(a), familiarize-se com o tema antes de aplicar a atividade para os estudantes.
- **Atenção!** Lembre-se de verificar a conexão do computador a internet e montar o projetor multimídia antes de iniciar a aula.
- **Observação:** A atividade do estudante deve ser impressa e entregue para cada aluno.

Etapa 1: Problematização

- Professor(a), inicie uma conversa com os alunos de forma lúdica e investigativa:
1. Vamos imaginar que estamos em um avião que faz fotografias aéreas. Se voássemos sobre a área do Distrito Federal antes de 1956, o que as fotos mostrariam no lugar onde hoje fica o Plano Piloto?
 2. E se o avião sobrevoasse Planaltina na mesma época, o que vocês acham que as fotografias aéreas registrariam?

Etapa 2: Instrumentalização

- Professor(a), agora vamos construir junto com os estudantes o conceito de mancha urbana. Organize a turma em grupos pequenos e distribua uma folha de papel para cada estudante. Vamos precisar de tinta guache azul e pedaços de esponja.

Momento 1: O que é mancha urbana?

- I. Comece perguntando aos alunos: Se olharmos uma cidade de cima, ela se parece com o quê? Deixe que deem suas respostas.
- II. Em seguida, entregue um pote com tinta guache azul para cada grupo e um pedaço de esponja para cada estudante. Peça que cada um mergulhe a esponja na tinta e carimbe a folha.
- III. Explique: "Essa marca azul é como se fosse a cidade vista de cima. Quando muitas casas, ruas e prédios ficam juntos, formam uma mancha. Por isso chamamos de mancha urbana."

Momento 2: Você sabia que a mancha urbana cresce?

- I. Na sequência, oriente os estudantes a fazer novas manchas no papel, utilizando a esponja, ao lado da mancha que já haviam feito.

- II. Em seguida, o professor anuncia: "Passaram-se alguns anos e mais pessoas chegaram para morar perto dessa cidade. O que aconteceu com a mancha inicial?" Deixe que deem suas respostas. Por fim, complemente: "Ocorreu a expansão da mancha urbana!"

Etapas 3: Leitura guiada e coletiva

- Professor(a), leia pausadamente o texto abaixo para os alunos.

Observação: Projete o texto no projetor multimídia e diga aos estudantes que se não entenderem alguma palavra podem perguntar seu significado para você.

A história do território do Distrito Federal

O território é um espaço organizado, cuidado e governado por pessoas. Aqui no Distrito Federal, o nosso território tem uma história muito interessante. Na área que foi escolhida para ser o Distrito Federal existiam muitas fazendas que pertenciam a três municípios goianos: Formosa, Luziânia e Planaltina. Inclusive, as cidades Planaltina (1859) e Brazlândia (1933) já existiam bem antes do começo da construção de Brasília em 1956.

Enquanto Brasília estava sendo construída (1956-1960), muitas pessoas vieram de várias partes do Brasil para trabalhar na construção. Esses trabalhadores, chamados de candangos, passaram a morar em outros lugares ao redor do Plano Piloto. Assim, foram surgindo as primeiras Cidades Satélites do Distrito Federal, que hoje chamamos de Regiões Administrativas, ou simplesmente RAs.

Como vimos, algumas Regiões Administrativas são até mais antigas que Brasília, como Planaltina, fundada em 1859, e Brazlândia, criada em 1933, quando o Distrito Federal ainda nem existia. Outras surgiram pouco antes da inauguração da capital, como Taguatinga (1958), Paranoá (1957), Núcleo Bandeirante (1956), Candangolândia (1956) e Fercal (1956).

Depois de 1960, com o crescimento da população, novas Regiões Administrativas foram sendo criadas para organizar melhor o território e cuidar das pessoas. Assim, surgiram lugares como Gama, Sobradinho, Guará, Ceilândia, Samambaia, Santa Maria, Recanto das Emas, São Sebastião e muitas outras.

Com o passar do tempo, o Distrito Federal continuou crescendo, e novas RAs foram criadas já nos anos 2000, como Águas Claras, Sudoeste/Octogonal, Varjão, Estrutural, Jardim Botânico, Itapoã, Vicente Pires e Sol Nascente e Pôr do Sol. Mais recentemente, surgiram Arniqueira, Arapoanga e Água Quente, mostrando que o território do Distrito Federal está sempre em transformação.

Hoje, o Distrito Federal possui 35 Regiões Administrativas. Cada uma tem sua própria história, suas características, seus costumes e sua população. Todas juntas formam o nosso território, mostrando que Brasília vai muito além do Plano Piloto. Ela é feita de muitos lugares diferentes, mas que convivem e se conectam no mesmo espaço.

Rafael Rodrigues, 2026.

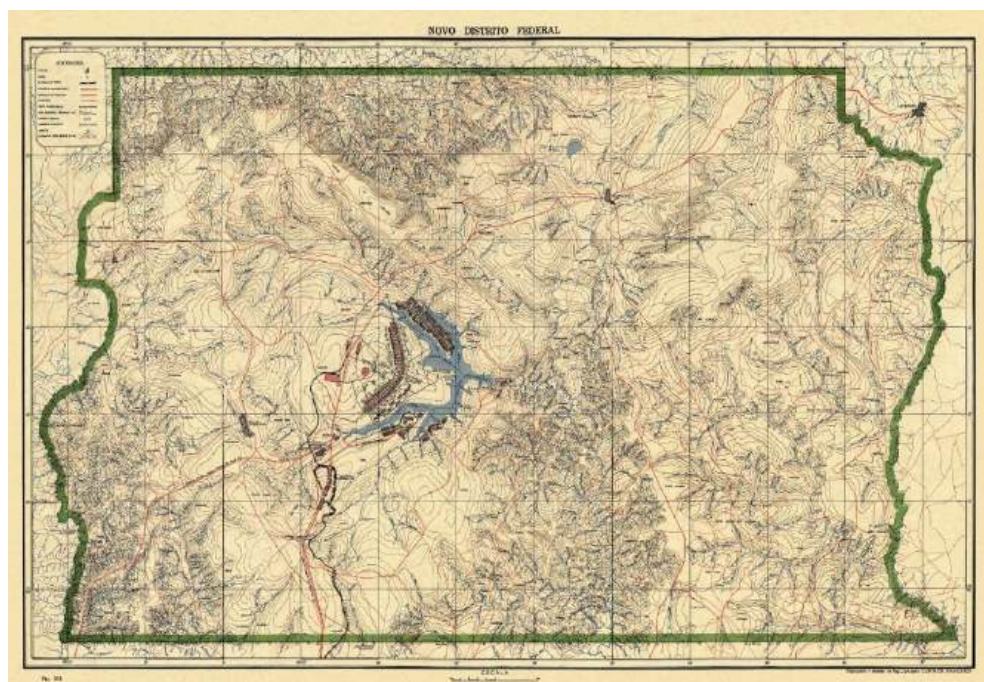
Etapas 4: Análise de Produtos Cartográficos

- Professor(a), inicie a análise explicando que o mapa a seguir foi elaborado no contexto da construção de Brasília, no final da década de 1950, e registra a forma como as terras do Distrito Federal estavam organizadas antes e durante a implantação da nova capital. O documento revela a divisão fundiária da região, destacando antigas fazendas, glebas e limites territoriais, fundamentais para compreender o processo de ocupação, desapropriação e reorganização do espaço do DF.



Novo Distrito Federal – Planta Índice Cadastral (1958).
Fonte: Arquivo Público do Distrito Federal – ArPDF.

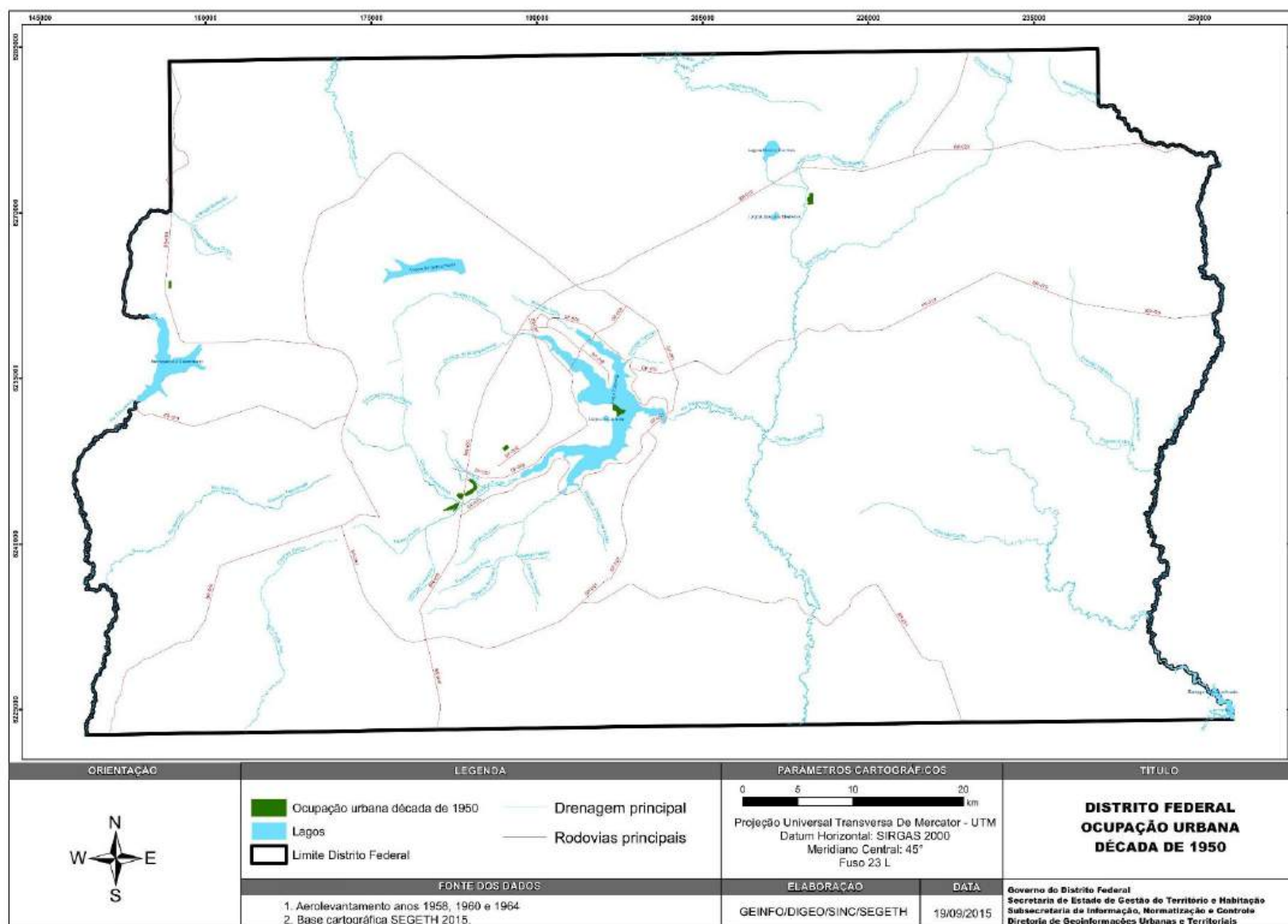
- Na sequência, explique que o próximo mapa foi elaborado pelo IBGE, ainda no contexto da implantação de Brasília, sendo um dos primeiros mapas topográficos detalhados do DF. Enfatize que diferentemente do primeiro mapa, que enfatiza a divisão das terras e das fazendas, este mapa tem como principal objetivo representar os elementos físicos do território, como: relevo, rios e cursos d'água, áreas de chapadas e vales, estradas e caminhos, além da localização do Plano Piloto em implantação.

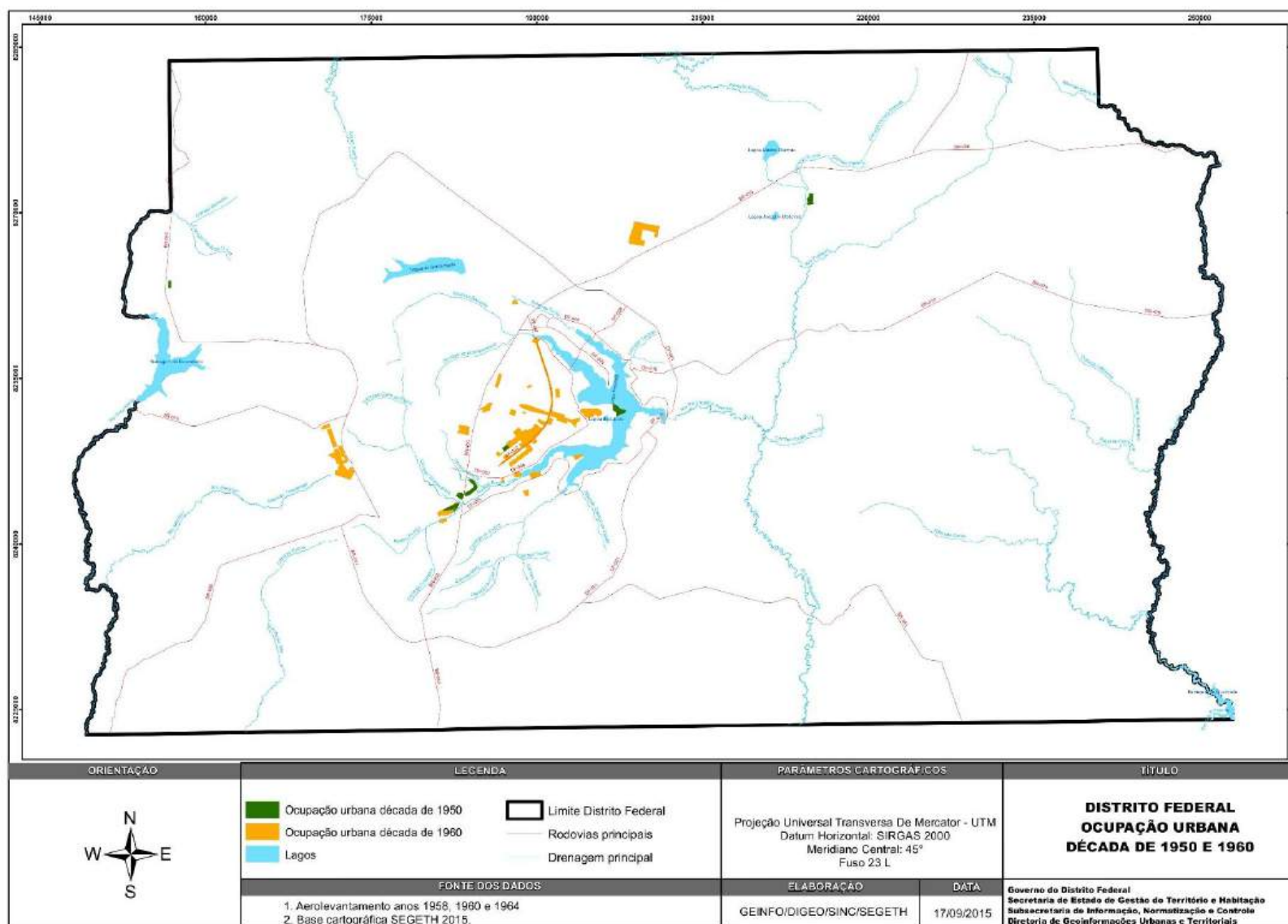


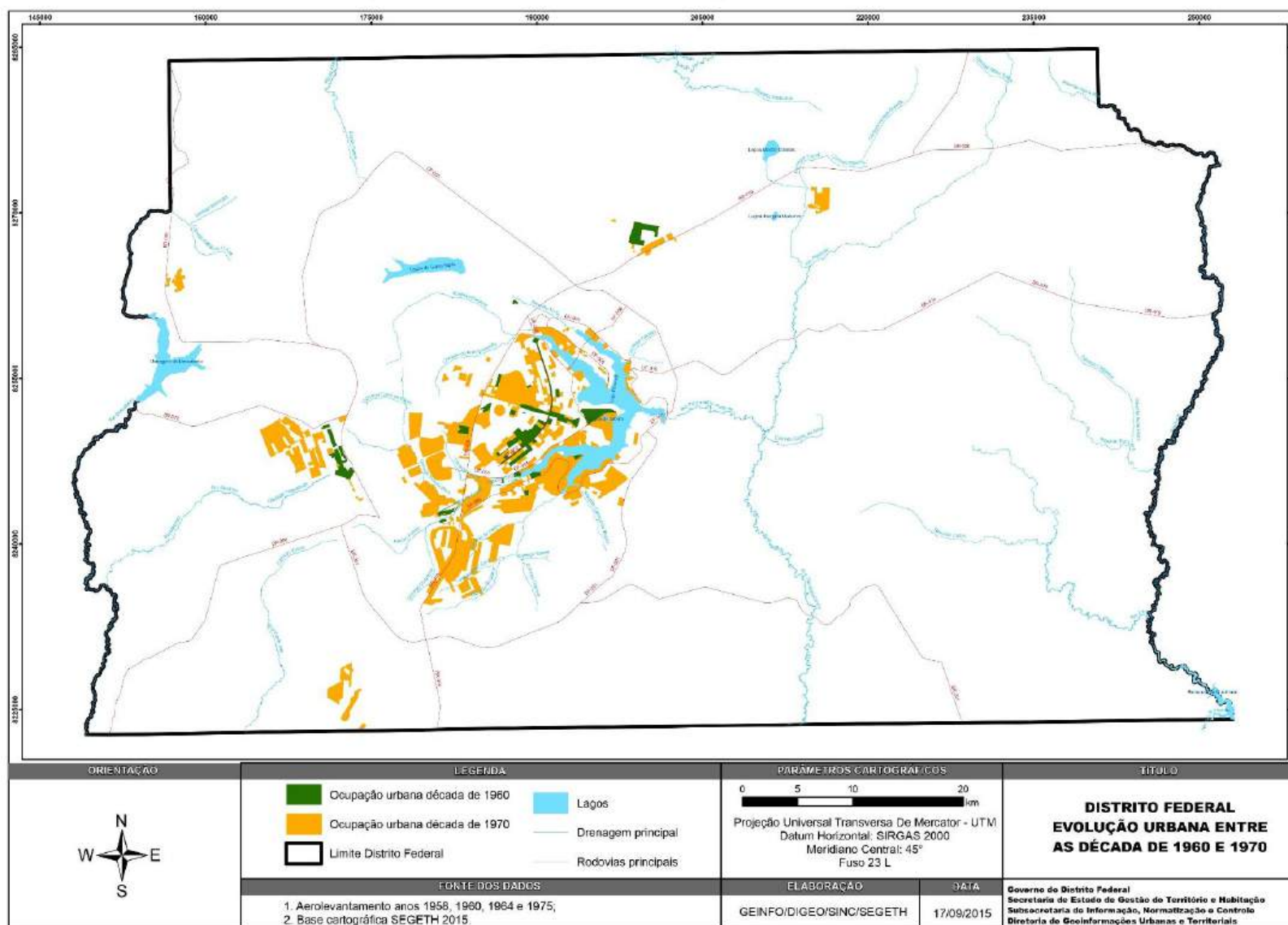
Novo Distrito Federal (1960). Fonte: IBGE, “Atlas do Brasil – Geral e Regional”. Organizado pela Divisão de Geografia do Conselho Nacional de Geografia, Rio de Janeiro, 1960.

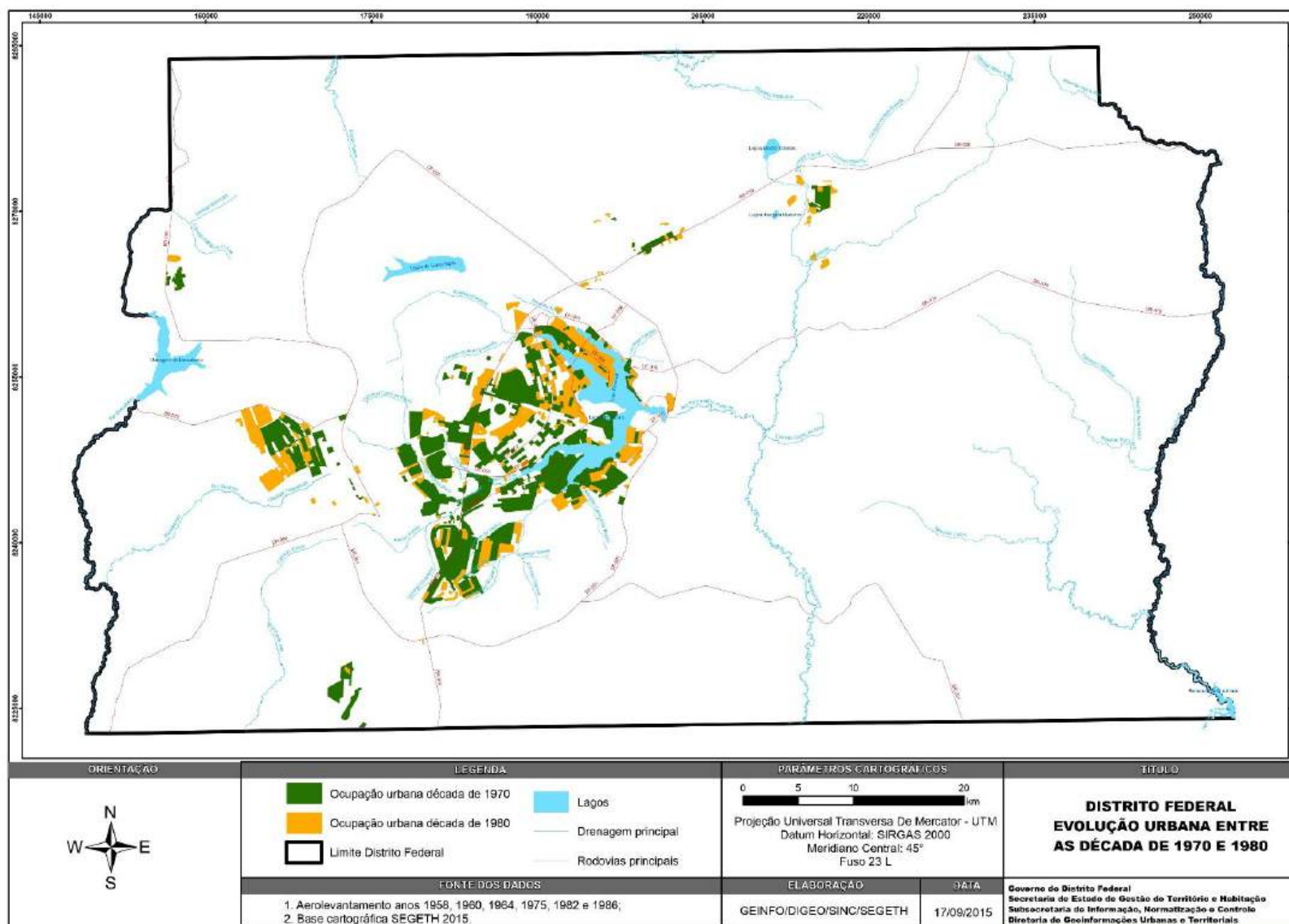
- Ressalte que o território do DF já existia antes da capital, que a cidade foi implantada sobre um espaço natural e social já em uso e que a escolha do local não foi apenas política, mas também técnica e estratégica. Conclua reforçando que mapas não são apenas desenhos, mas instrumentos de poder, planejamento e organização do espaço.
- Professor(a), agora você exibirá e analisará, juntamente com os alunos, a sequência de mapas sobre a evolução urbana do Distrito Federal entre 1950 e 2013.

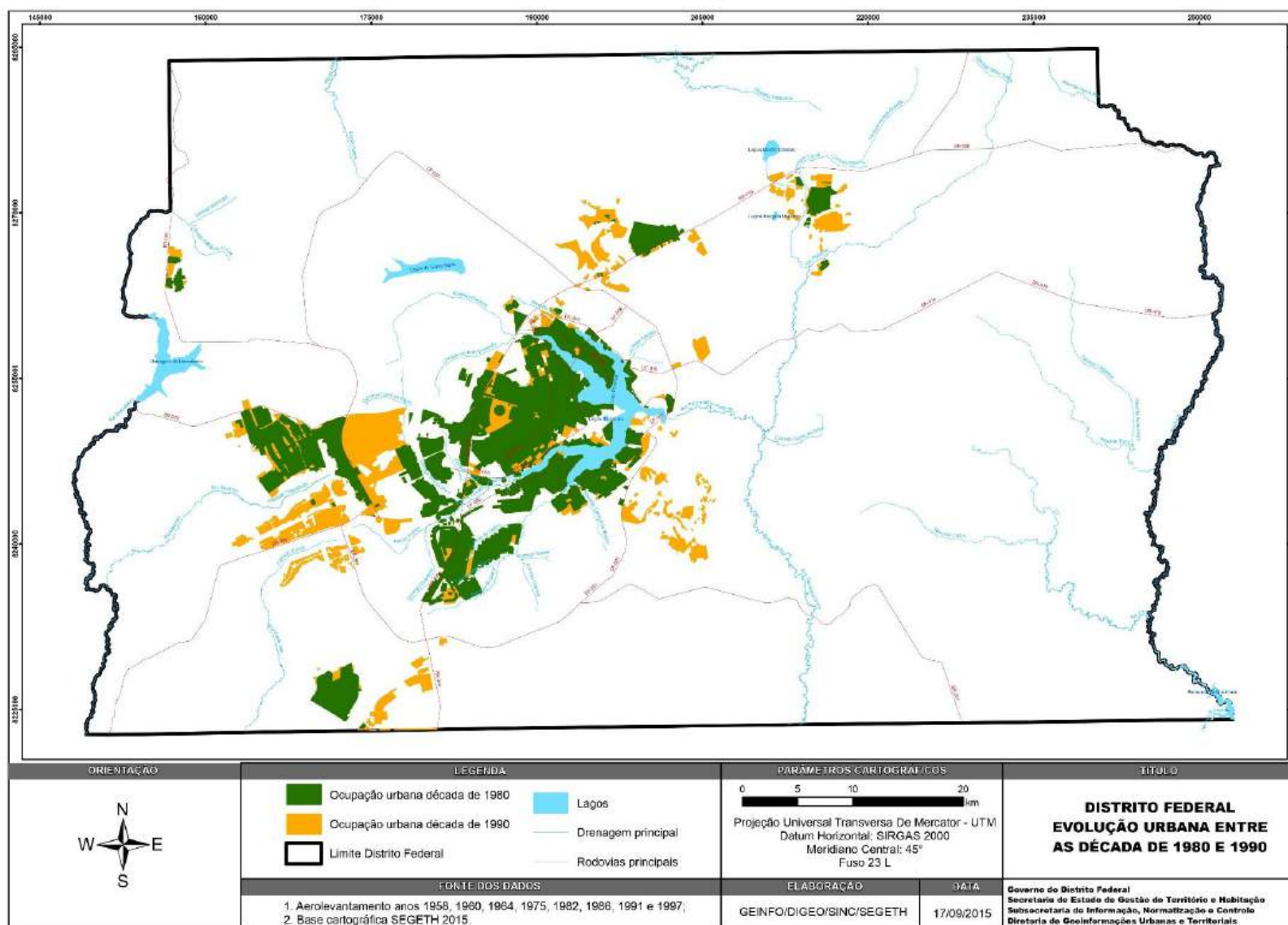
Orientação: Inicie conversando com a turma sobre como eles imaginam que era o DF há muito tempo. Em seguida, apresente os mapas em ordem cronológica. Chame a atenção para o crescimento das manchas coloridas que representam a área urbana. Na década de 1950, ela é pequena e concentrada. A partir da década de 1960, a mancha urbana começa a se expandir e se torna muito maior e mais complexa.

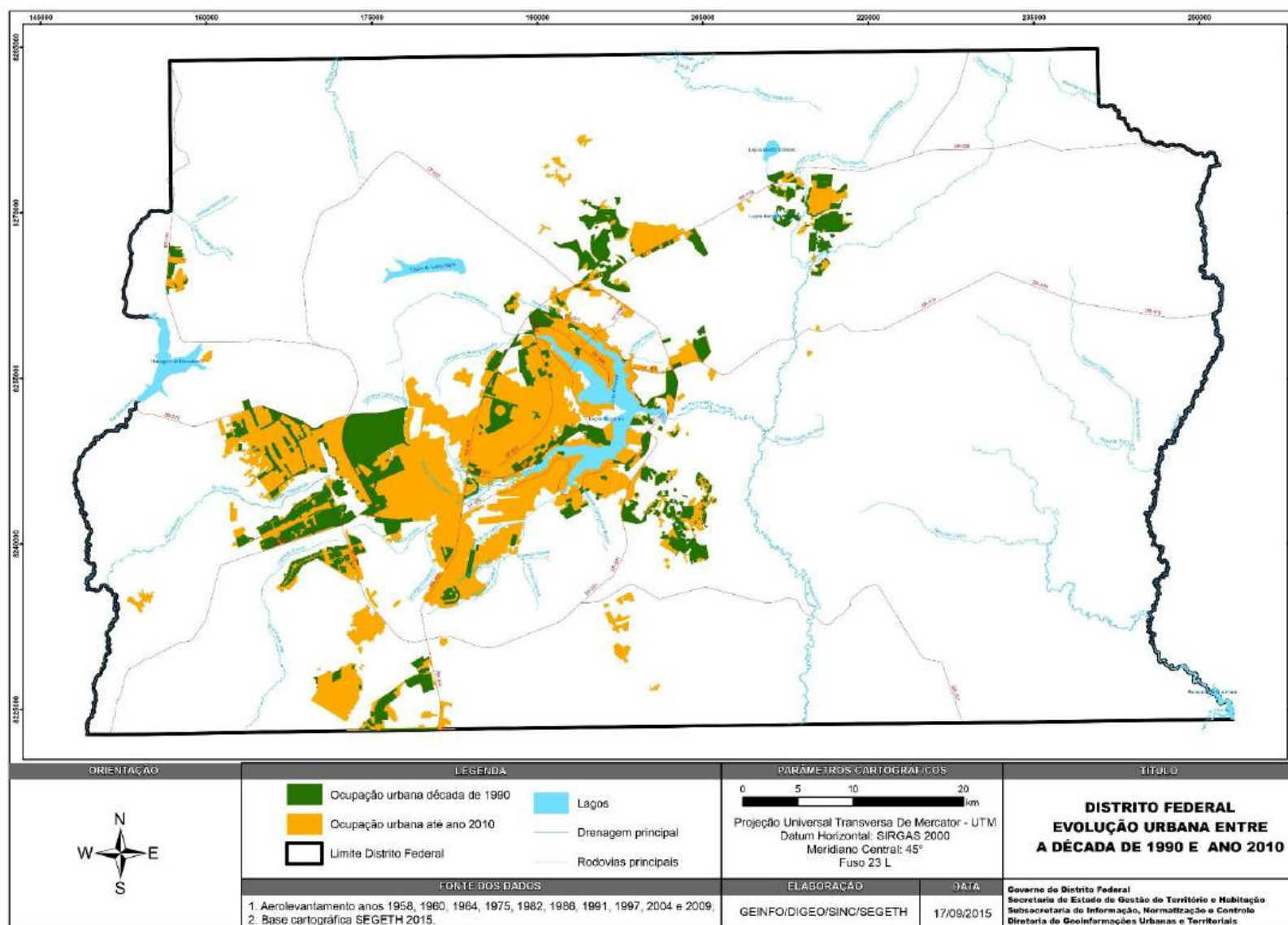


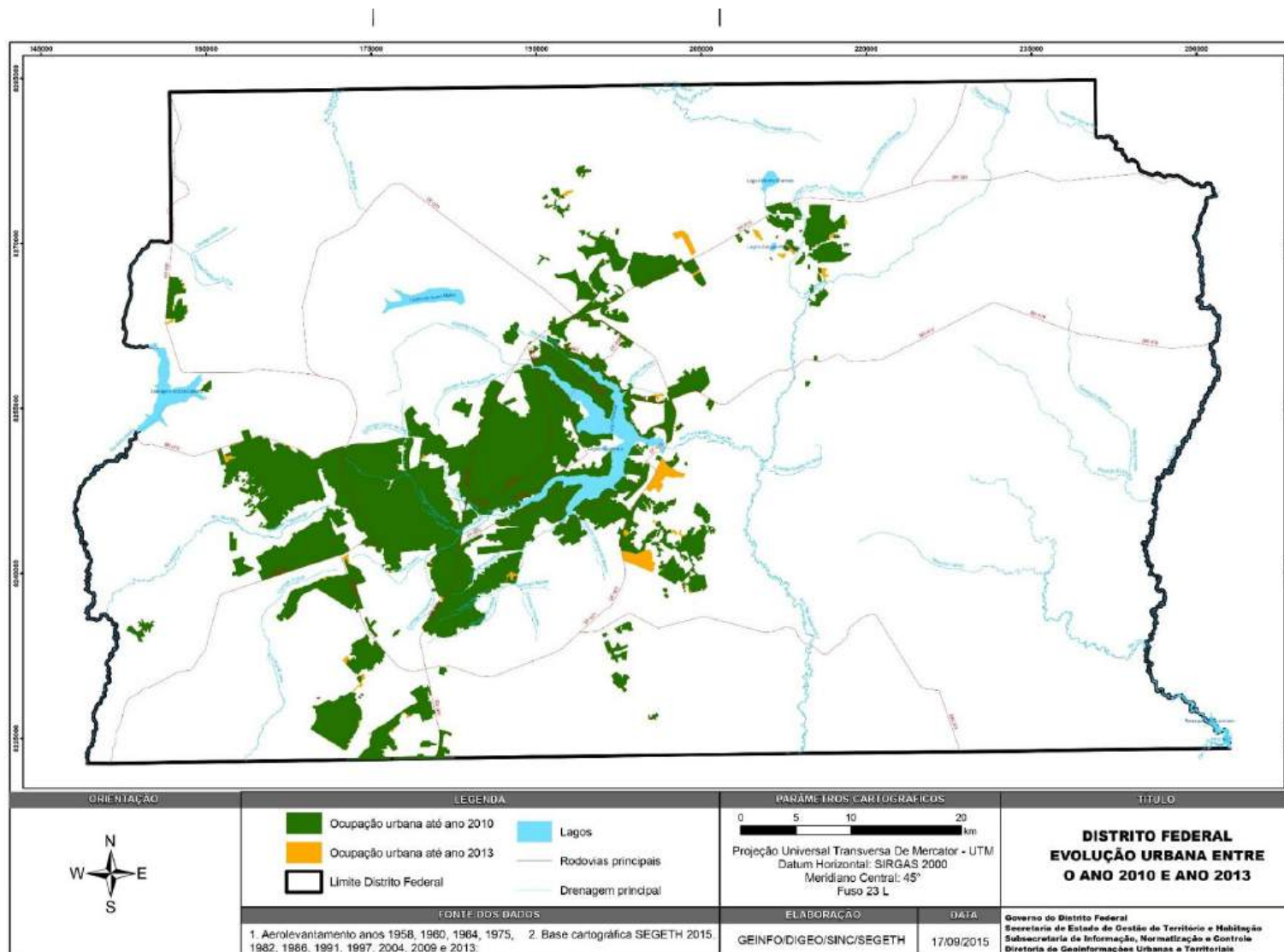












Etapa 4: Atividade do Aluno



Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Brasília
Campus Riacho Fundo

ATIVIDADE DO ALUNO – A EXPANSÃO DA MANCHA URBANA NO DISTRITO FEDERAL

Nome do(a) estudante: _____

Nome do(a) professor(a): _____

Data de realização da atividade: ____/____/____

Questão 1. Antes da construção de Brasília, que cidades já existiam no território onde hoje é o Distrito Federal?

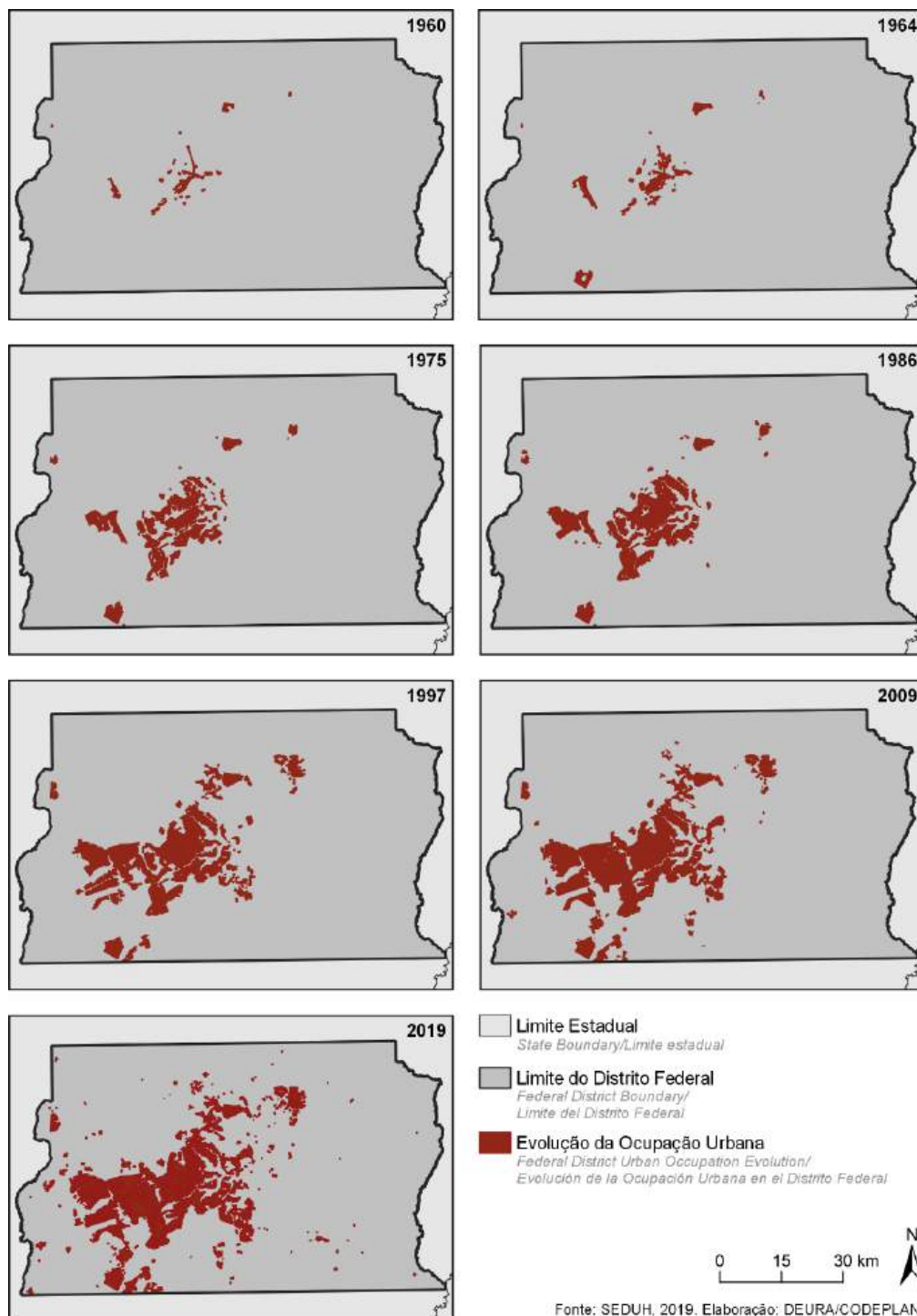
- A) Taguatinga e Ceilândia.
- B) Gama e Sobradinho.
- C) Planaltina e Brazlândia.
- D) Águas Claras e Samambaia.

Questão 2. Complete cada frase usando uma das palavras do quadro abaixo. Cada palavra será usada uma única vez.

Brazlândia	trinta e cinco	Mancha urbana	fazendas
------------	----------------	---------------	----------

- a) Antes da construção de Brasília, existiam muitas _____ na região do Distrito Federal.
- b) Planaltina e _____ já existiam antes da construção de Brasília.
- c) Atualmente, o Distrito Federal possui _____ Regiões Administrativas.
- d) _____ é a área do território ocupada de forma contínua por edificações, ruas, avenidas e equipamentos urbanos.

Questão 3. Com base na sequência de mapas da evolução da ocupação urbana do Distrito Federal, responda o que se pede:



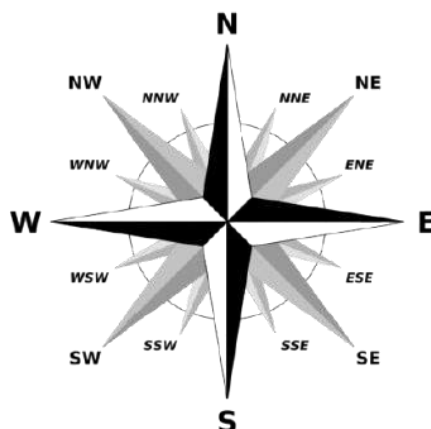
a) Observe o mapa de 1960. A mancha urbana no DF durante o início da história de Brasília era grande ou pequena?

b) Ela estava mais concentrada em uma região ou espalhada pelo território?

c) Compare os mapas de 1964 e 2009 e complete as frases abaixo com uma das palavras entre parênteses:

- I. A mancha urbana de 2009 é _____ (maior / menor) do que a de 1964.
- II. Observando o crescimento da mancha urbana no Distrito Federal vemos sua expansão principalmente nos sentidos _____ (noroeste / nordeste) e _____ (sudoeste / sudeste).

Rosa dos Ventos:



Pontos cardeais:

N = Norte
E = Leste
S = Sul
W = Oeste

Pontos colaterais:

NE = Nordeste
SE = Sudeste
SW = Sudoeste
NW = Noroeste

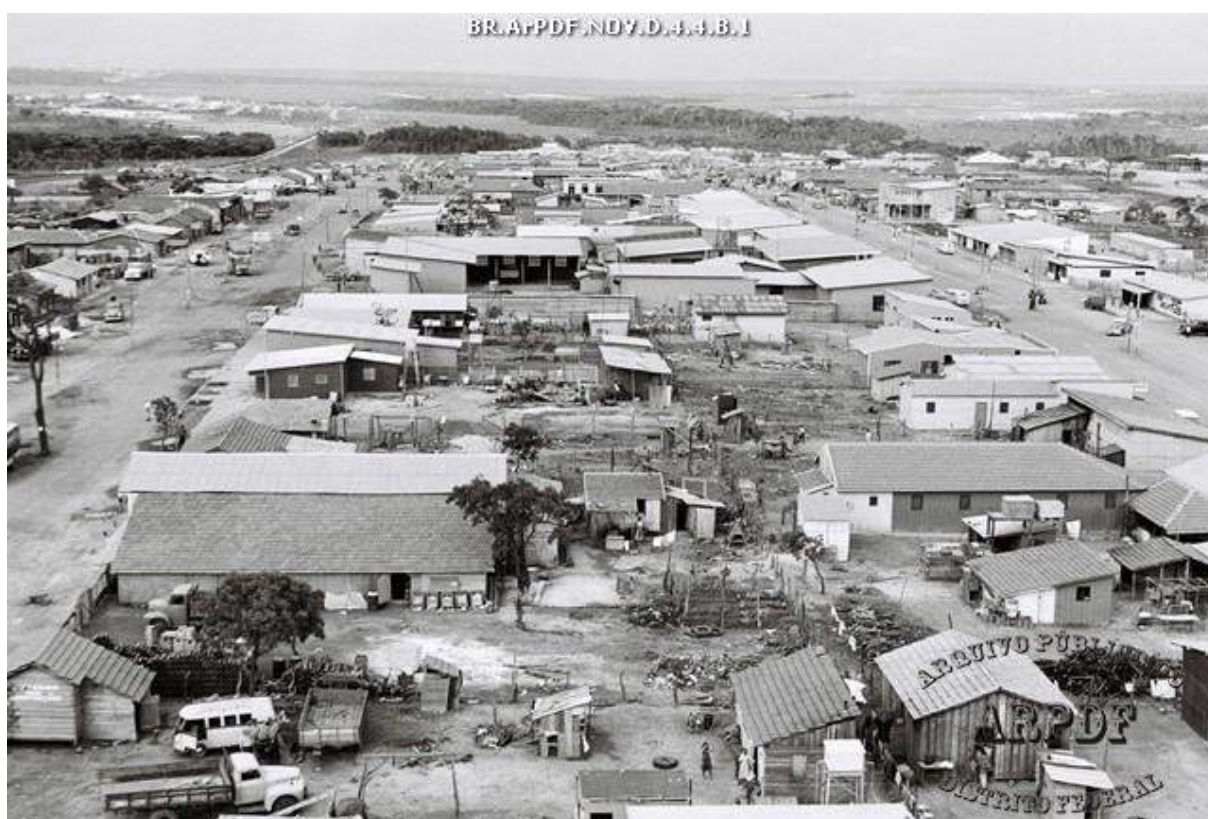
Questão 3. Com lápis de cor, desenhe como você imagina que estará a mancha urbana do Distrito Federal no futuro, em 2060:

Mapa Mudo do Distrito Federal



3º ANO

Do Plano Piloto às Regiões Administrativas



**Núcleo Bandeirante, antiga Cidade Livre [1958].
Fonte: Arquivo Público do Distrito Federal – ArPDF.**



Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Brasília
Campus Riacho Fundo

INFORMAÇÕES DO PLANO DE AULA

Tema: DO PLANO PILOTO ÀS REGIÕES ADMINISTRATIVAS

Nível de Ensino: Ensino Fundamental – Anos Iniciais.

Série: 3º ano.

Local de realização da aula: Sala de aula.

Componente Curricular: Geografia.

Duração: 2 aulas de 50 minutos.

Autor da proposta de aula: Rafael Rodrigues Sobreira de Souza.

Instituição: Campus Riacho Fundo do Instituto Federal de Brasília (IFB).

Conteúdos Específicos:

- O processo de ocupação e fundação das primeiras Regiões Administrativas (RA's);
- A relação entre aumento populacional, invasões de terras e criação das primeiras cidades do Distrito Federal.

Objetivos:

- Compreender como o crescimento populacional entre 1957 e 1960 impulsionou o surgimento das primeiras RA's;
- Identificar quais cidades já existiam antes de Brasília e quais nasceram durante sua construção;
- Relacionar o processo de ocupação irregular e as invasões com a formação da RA's, antigas cidades-satélites;
- Reconhecer que existem diferenças entre as Regiões Administrativas do DF.

Conhecimentos prévios dos alunos:

- Brasília, Distrito Federal, RIDE, capitais do Brasil. (*Previstos no Currículo em Movimento do Distrito Federal, p. 261*).

Recursos Complementares:

- Projetor multimídia (datashow), computador com acesso à internet, réguas para uso dos estudantes.



Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Brasília
Campus Riacho Fundo

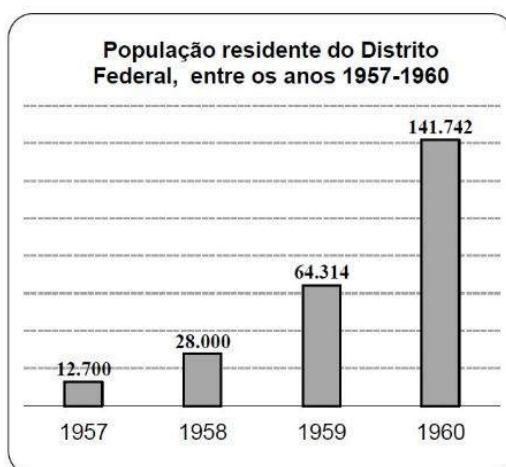
SUGESTÃO DE PLANO DE AULA

Orientações iniciais para os(as) professores(as)

- Professor(a), caso necessário, adapte este plano de aula à realidade da sua turma. Sinta-se à vontade para incluir outros temas e etapas que enriqueçam o desenvolvimento das atividades.
- Professor(a), familiarize-se com o tema antes de aplicar a atividade para os estudantes.
- **Atenção!** Lembre-se de verificar a conexão do computador a internet e montar o projetor multimídia antes de iniciar a aula.
- **Observação:** A atividade do estudante deve ser impressa e entregue para cada aluno.

Etapa 1: Problematização

- Professor(a), inicie a aula perguntado aos estudantes:
- ✓ “Vocês acham que todas as pessoas que vieram construir Brasília conseguiram morar no Plano Piloto?”
- Em seguida, mostre esse gráfico de crescimento populacional e questione:



População residente do Distrito Federal, entre os anos 1957-1960.

Fonte: GDF (1974) e IBGE (1959;1960).

- ✓ “Olhando para o gráfico podemos dizer que a população do DF aumentou ou diminuiu durante a construção de Brasília?”
- ✓ “O que acontece quando chegam muitas pessoas em um lugar que não tem casas suficientes para morar?”
- ✓ “Onde vocês acham que os trabalhadores construíram suas casas durante e depois da construção de Brasília?”
- ✓ “Como vocês imaginam que eram as condições de vida dessas novas moradias?”

- Agora, mostre essas duas imagens para os estudantes e pergunte quais semelhanças e diferenças eles identificam.



Barracos de madeira em meio ao cerrado [1957-1960].
Fonte: Arquivo Público do Distrito Federal – ArPDF.



Moradia de alto padrão no Distrito Federal [1957-1960].
Fonte: Arquivo Público do Distrito Federal – ArPDF.

Etapla 2: Leitura guiada e coletiva

- Professor(a), leia pausadamente o texto abaixo para os alunos.

Observação: Projete o texto no projetor multimídia e diga aos estudantes que se não entenderem alguma palavra podem perguntar seu significado para você.

Evolução das Regiões Administrativas

Os núcleos urbanos Planaltina e Brazlândia já existiam antes da transferência da capital, criados em 1859 e 1933, respectivamente. Durante a construção de Brasília, novos núcleos habitacionais foram criados para abrigar os trabalhadores. Em 1956, foi criada a Cidade Livre, posteriormente denominada Núcleo Bandeirante. A Vila Paranoá era um acampamento de trabalhadores, que vieram construir a Barragem do Lago

Paranoá, em 1957, e ali permaneceram. A cidade de Taguatinga foi criada em 1958, para abrigar os trabalhadores que chegavam para as obras da capital. O Cruzeiro foi fundado em 1959, para alojar funcionários públicos transferidos para Brasília. O Gama foi inaugurado em 1960, para acomodar as famílias de trabalhadores transferidos do Plano Piloto, assim como Sobradinho, também fundado em 1960.

Para facilitar a administração dessas localidades, o Distrito Federal foi dividido em Regiões Administrativas (RAs), por meio da Lei Federal 4.545/1964, com o intuito de descentralizar e melhorar a coordenação dos serviços de natureza local. Cada RA possui um administrador regional, indicado pelo governador do Distrito Federal. Em 1964 havia oito RAs, que foram subdivididas de acordo com o desenvolvimento da ocupação urbana do Distrito Federal [...].

Fonte: Instituto de Pesquisa e Estatística do Distrito Federal – IPEDF, 2020.

- Por fim, após a leitura, acrescente dizendo que com o crescimento urbano, novas RA's foram sendo criadas ao longo das décadas, até chegar às 35 atuais.

Etapa 3: Explorando a legislação

- Professor(a), mostre aos alunos o documento oficial abaixo que proíbe o uso do termo “satélite” para designar cidades do DF.



DECRETO Nº 19040, DE 18 DE FEVEREIRO DE 1998,

Proíbe a utilização da expressão “satélite” para designar as cidades situadas no território do Distrito Federal, nos documentos oficiais e outros documentos públicos no âmbito do GDF.

O GOVERNADOR DO DISTRITO FEDERAL, no uso das atribuições que lhe confere o art. 100, inciso XXVI, da Lei Orgânica do Distrito Federal e:

Considerando que as aglomerações urbanas do Distrito Federal já assumem características de cidades, cada vez mais independentes social, econômica e culturalmente do Plano Piloto;

Considerando que várias delas se constituem referência e polos econômicos e culturais de expressão distrital e regional;

Considerando que nos últimos três anos o Distrito Federal conseguiu dar largos passos para a urbanização de todas as suas cidades;

Considerando a satisfação de suas necessidades básicas tais como, a instalação de energia elétrica em 100% das moradias regularizadas ou regularizáveis, pondo fim às ligações clandestinas; a implantação da rede de água tratada em 98% e de esgoto em 85% dos domicílios nas mesmas condições; a manutenção da limpeza urbana em altos padrões, através da implementação de Parcerias Populares e de programas como o Brasília Verde e Limpa; a descentralização das atividades culturais através de programas como o Temporadas Populares e abertura de novos e reabertura de antigos espaços culturais; a regularização fundiária com a escrituração de propriedades unifamiliares em várias localidades; a mudança na filosofia da segurança pública através de projetos como o de Polícia Comunitária; DECRETA:

Art. 1º As cidades situadas no território do Distrito Federal, deverão ser designadas pelos seus respectivos nomes em documentos oficiais e outros documentos públicos no âmbito do Governo do Distrito Federal, vedada a utilização da expressão “satélite”.

Art. 2º Este decreto entra em vigor na data de sua publicação.

Art. 3º Revogam-se as disposições em contrário.

Brasília, 18 de fevereiro de 1998.

110º da República e 38º de Brasília.

CRISTOVAM BUARQUE

- Explique que o termo “cidades-satélites” era usado para diferenciar o Plano Piloto das demais cidades, reforçando desigualdades socioespaciais históricas.
- Verifique com os estudantes as justificativas do decreto, como a independência econômica e cultural das cidades e os avanços em infraestrutura.
- Motive os estudantes a refletir sobre os aspectos sociais, econômicos e culturais mencionados no decreto que foram utilizados para tal mudança de nomenclatura.

Etapa 3: Atividade do Aluno



Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Brasília
Campus Riacho Fundo

ATIVIDADE DO ALUNO – DO PLANO PILOTO ÀS REGIÕES ADMINISTRATIVAS

Nome do(a) estudante: _____

Nome do(a) professor(a): _____

Data de realização da atividade: ____/____/____

Questão 1. Complete a frase:

O Distrito Federal é formado por _____.

- () apenas uma região administrativa.
- () muitas regiões administrativas.
- () vários municípios.

Questão 2. Algumas regiões administrativas do DF têm mais casas, outras têm mais prédios e algumas têm mais árvores. Isso mostra que:

- A) Todos os lugares do Distrito Federal são iguais.
- B) Existem diferenças entre as regiões administrativas do Distrito Federal.
- C) Não existem cidades no Distrito Federal.
- D) Tudo é igual no Distrito Federal.

Questão 3. Muitas pessoas vieram de longe para ajudar a construir nossa capital. Sobre os candangos, marque um “X” na opção correta:

- () Eram pessoas que moravam em Brasília antes dela ser construída.
- () Eles vieram de vários lugares do Brasil para trabalhar na construção de Brasília.
- () Eram turistas que visitaram Brasília e decidiram ficar.

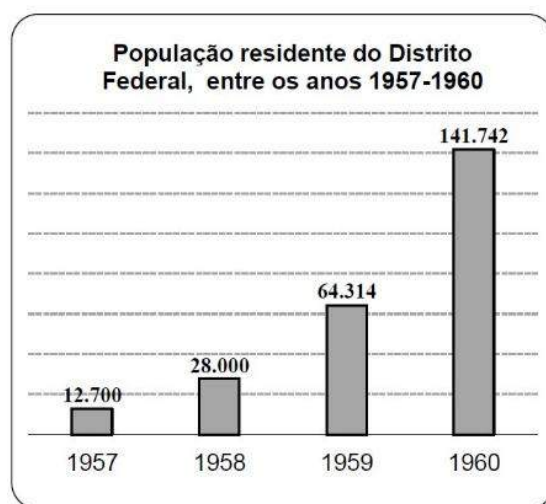
Questão 4. No período da construção, não havia muitas casas em Brasília. Os candangos começaram a morar em lugares simples, próximos aos canteiros de obras ou em meio ao cerrado, que mais tarde se tornaram algumas das cidades do Distrito Federal.

Por que você acha que os candangos moravam em lugares mais simples durante e depois da construção de Brasília?

Questão 5. Leia o texto abaixo com a ajuda do(a) Professor(a), observe o gráfico e responda o que se pede.

Entre 1957 e 1960, milhares de trabalhadores chegaram ao Distrito Federal para participar da construção de Brasília. Muitos inclusive trouxeram suas famílias. Como havia poucas opções de moradia no Plano Piloto as pessoas começaram a ocupar terrenos de forma improvisada, dando origem a invasões que mais tarde se transformaram em cidades. Assim, nasceram cidades como o Núcleo Bandeirante, Candangolândia e o Paranoá.

Pouco tempo depois, cidades como Taguatinga, Sobradinho, Gama e Ceilândia, foram criadas pelo governo para retirar e reorganizar invasões que estavam surgindo próximas a nova capital. Enquanto o Plano Piloto foi planejado para autoridades e funcionários públicos, os operários e suas famílias acabaram ficando ou foram transferidos para as chamadas cidades-satélites, marcando desde o início a desigualdade social e espacial dentro do DF.



População residente do Distrito Federal, entre os anos 1957-1960.
Fonte: GDF (1974) e IBGE (1959;1960).

I) O que aconteceu com o número de pessoas que moravam no Distrito Federal entre 1957 e 1960?

☐ Aumentou.

☐ Diminuiu.

II) Como o aumento populacional ajudou a formar as primeiras RA's, antigamente chamadas de cidades-satélites?

☐ A maioria das pessoas tiveram que ocupar áreas, pois não conseguiam morar no Plano Piloto. Depois essas áreas acabaram virando novas cidades.

☐ Todas as pessoas envolvidas na construção de Brasília conseguiram morar no Plano Piloto.

III) Como era a vida das famílias que foram morar nas primeiras cidades do DF?

() Difícil, porque faltava escola, hospital e transporte.

() Fácil, porque já tinha tudo pronto e organizado.

IV) O que o crescimento expressivo da população do DF ocasionou durante e depois da construção de Brasília?

() A continuação do plano urbanístico proposto por Lúcio Costa.

() O surgimento de novas cidades que começaram como acampamentos e ocupações irregulares.

Questão 6. O Distrito Federal é cheio de lugares incríveis. Sua missão é descobrir qual fotografia pertence a qual Região Administrativa. Olhe bem para as imagens e para os nomes das cidades. Em seguida, use seu lápis para ligar a foto ao nome da RA:



Núcleo Bandeirante



Gama



Planaltina



Taguatinga

Questão 7. Observe a tabela abaixo e responda o que se pede.

RA	CIDADE	FUNDAÇÃO
I	PLANO PILOTO	21/04/1960
II	GAMA	12/10/1960
III	TAGUATINGA	05/06/1958
IV	BRAZLÂNDIA	05/06/1933
V	SOBRADINHO	13/05/1960
VI	PLANALTINA	19/08/1859
VII	PARANOÁ	25/10/1957
VIII	NÚCLEO BANDEIRANTE	19/12/1956
IX	CEILÂNDIA	27/03/1971
X	GUARÁ	05/05/1969
XI	CRUZEIRO	30/11/1959
XII	SAMAMBAIA	25/10/1989
XIII	SANTA MARIA	10/02/1993
XIV	SÃO SEBASTIÃO	25/06/1993
XV	RECANTO DAS EMAS	28/07/1993
XVI	LAGO SUL	30/08/1960
XVII	RIACHO FUNDO	13/03/1990
XVIII	LAGO NORTE	10/01/1960

RA	CIDADE	FUNDAÇÃO
XIX	CANDANGOLÂNDIA	03/11/1956
XX	ÁGUAS CLARAS	06/05/2003
XXI	RIACHO FUNDO 2	06/05/1995
XXII	SUDOESTE/OCTOGONAL	06/05/2003
XXIII	VARJÃO	06/05/2003
XXIV	PARK WAY	13/03/1961
XXV	ESTRUTURAL (SCIA)	27/01/2004
XXVI	SOBRADINHO II	11/10/1991
XXVII	JARDIM BOTÂNICO	01/09/2004
XXVIII	ITAPOÃ	07/07/2005
XXIX	SIA	14/07/2005
XXX	VICENTE PIRES	26/05/2009
XXXI	FERCAL	11/09/1956
XXXII	SOL NASCENTE E PÔR DO SOL	14/08/2019
XXXIII	ARNIQUEIRA	01/10/2019
XXXIV	ARAPOANGA	21/12/2022
XXXV	ÁGUA QUENTE	21/12/2022

 Cidades fundadas antes ou durante a construção de Brasília

Fontes: CODEPLAN (PDAD, 2021); Diário Oficial do Distrito Federal (DODF de 22/12/2022).

I) Marque as duas cidades que já existiam antes da construção de Brasília.

() Planaltina () Guará () Itapoã () Brazlândia () Varjão () Arniqueira () Samambaia

II) Qual dessas cidades nasceu em 1956 durante a construção de Brasília?

() Ceilândia () Candangolândia () Vicente Pires () Jardim Botânico

III) Escreva o nome das 11 regiões administrativas que foram fundadas no período da construção de Brasília:

IV) Escreva o nome das duas últimas regiões administrativas criadas no DF:

Questão 8. Agora vamos explorar um mapa das Regiões Administrativas do Distrito Federal. Você terá alguns desafios: fazer o que se pede utilizando o mapa e a legenda que estão no final da atividade.

OBS.: Siga os comandos com atenção e descubra mais sobre a história das primeiras cidades do DF

I) Marque um “X” na RA que você mora.

II) Circule a RA do Plano Piloto.

III) Pinte de verde três RA’s que ficam longe do centro (Plano Piloto).

IV) Pinte de roxo três RA’s que ficam perto do centro (Plano Piloto).

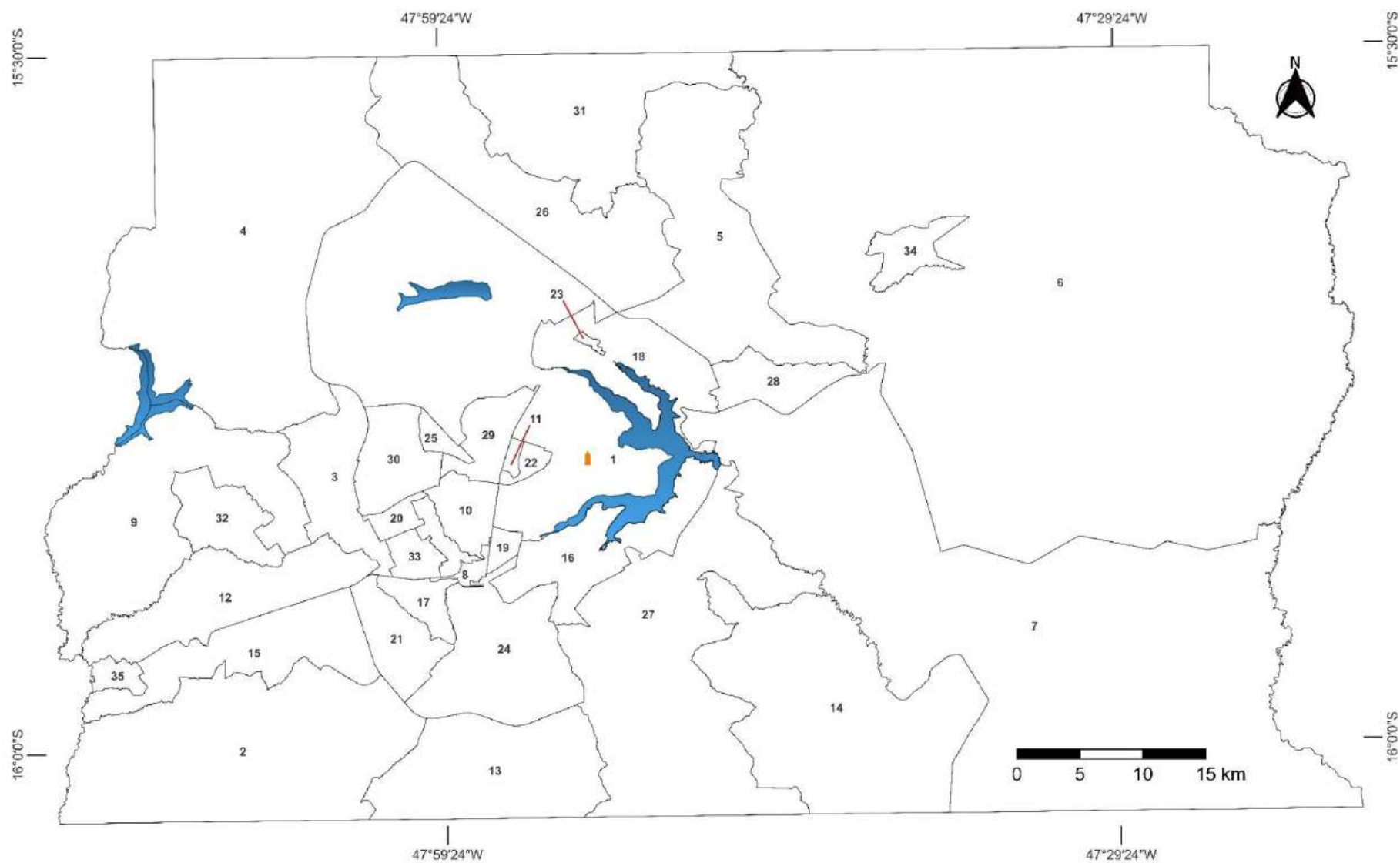
V) Desenhe um triângulo nas duas últimas RA’s criadas no DF.

VI) Desenhe um quadrado nas duas RA’s mais antigas do DF.

VII) O símbolo laranja na RA I representa o Marco Zero, foi de onde todas as medições do projeto de Brasília partiram. Tendo como referência a escala do mapa, use uma régua para medir as seguintes distâncias em linha reta.

- Do Marco Zero até sua RA: _____ km.
- Do Marco Zero até Água Quente: _____ km.
- Do Marco Zero até Santa Maria: _____ km.
- Do Marco Zero até Arapoanga: _____ km.
- Do Marco Zero até São Sebastião: _____ km.
- Do Marco Zero até Sudoeste/Octogonal: _____ km.
- Do Marco Zero até Samambaia: _____ km.
- Do Marco Zero até Candangolândia: _____ km.

Regiões Administrativas do Distrito Federal



Sistema de Coordenadas Geográficas, Datum: SIRGAS 2000
Elaborador: Rafael Rodrigues Sobreira de Souza
Orientador: Sandro Nunes de Oliveira
Fonte: GeoPortal (2025); IBGE (2025); PDAD (2021).

LEGENDA

1 - PLANO PILOTO	13 - SANTA MARIA	25 - ESTRUTURAL (SCIA)
2 - GAMA	14 - SÃO SEBASTIÃO	26 - SOBRADINHO II
3 - TAGUATINGA	15 - RECANTO DAS EMAS	27 - JARDIM BOTÂNICO
4 - BRAZLÂNDIA	16 - LAGO SUL	28 - ITAPOÁ
5 - SOBRADINHO	17 - RIACHO FUNDO	29 - SIA
6 - PLANALTINA	18 - LAGO NORTE	30 - VICENTE PIRES
7 - PARANOÁ	19 - CANDANGOLÂNDIA	31 - FERCAL
8 - NÚCLEO BANDEIRANTE	20 - ÁGUAS CLARAS	32 - SOL NASCENTE E PÔR DO SOL
9 - CEILÂNDIA	21 - RIACHO FUNDO 2	33 - ARNIQUEIRA
10 - GUARÁ	22 - SUDOESTE/OCTOGONAL	34 - ARAPOANGA
11 - CRUZEIRO	23 - VARJÃO	35 - ÁGUA QUENTE
12 - SAMAMBAIA	24 - PARK WAY	

3º ANO

Brasília: Cidade Planejada ou Segregada?



**Construção de madeira no cerrado [1957-1960].
Fonte: Arquivo Público do Distrito Federal – ArPDF.**



Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Brasília
Campus Riacho Fundo

INFORMAÇÕES DO PLANO DE AULA

Tema: Brasília: Cidade Planejada ou Segregada?

Nível de Ensino: Ensino Fundamental – Anos Iniciais.

Série: 3º ano.

Local de realização da aula: Sala de aula.

Componente Curricular: Geografia.

Duração: 2 aulas de 50 minutos.

Autor da proposta de aula: Rafael Rodrigues Sobreira de Souza.

Instituição: Campus Riacho Fundo do Instituto Federal de Brasília (IFB).

Conteúdos Específicos:

- Brasília planejada e suas contradições;
- A segregação espacial no Distrito Federal.

Objetivo:

- Compreender a produção do espaço urbano do DF como expressão de contradições socioespaciais, relacionando a gênese e a localização das Regiões Administrativas à lógica de ocupação e aos fluxos populacionais históricos, para compreender a estruturação e a perpetuação das desigualdades entre o núcleo planejado e as periferias.

Conhecimentos prévios dos alunos:

- Brasília, Distrito Federal, RIDE, capitais do Brasil. (*Previstos no Currículo em Movimento do Distrito Federal, p. 261*).

Recursos Complementares:

- Projetor multimídia (datashow) e computador com acesso à internet.



Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Brasília
Campus Riacho Fundo

SUGESTÃO DE PLANO DE AULA

Orientações iniciais para os(as) professores(as)

- Professor(a), caso necessário, adapte este plano de aula à realidade da sua turma. Sinta-se à vontade para incluir outros temas e etapas que enriqueçam o desenvolvimento das atividades.
- Professor(a), familiarize-se com o tema antes de aplicar a atividade para os estudantes.
- **Atenção!** Lembre-se de verificar a conexão do computador a internet e montar o projetor multimídia antes de iniciar a aula.
- **Observação:** A atividade do estudante deve ser impressa e entregue para cada aluno.

Etapa 1: Problematização

- Professor(a), inicie a aula explicando que músicas muitas vezes falam sobre lugares, sentimentos ligados a espaços ou à vida em sociedade.
- Na sequência, projete a gravação da música “Brasília de Fachada” de autoria do Rodrigo Rogers. A música apresenta uma leitura crítica do espaço urbano do Distrito Federal, denunciando que Brasília não é apenas a imagem planejada e monumental do Plano Piloto, mas também um território marcado por uma profunda desigualdade socioespacial.
- Ela está disponível gratuitamente no YouTube, no Canal Rodrigo Rogers: https://www.youtube.com/watch?v=cnxY1al0zLU&list=RDcnxY1al0zLU&start_radio=1
- Após ouvir a música, converse com a turma sobre o fato de que Brasília foi uma cidade planejada, mas que esse planejamento não significou igualdade para todos. Ao longo do tempo, a organização da cidade acabou separando os locais onde vivem os grupos com maior renda daqueles onde mora a população com menor renda. Essa divisão não é apenas física, mas também social, econômica e simbólica, pois influencia o acesso a serviços, oportunidades e a forma como cada lugar é visto e valorizado.
- Em seguida, peça que os estudantes respondam coletivamente as seguintes perguntas:
 - ✓ *Quais lugares de Brasília aparecem direta ou indiretamente na música?*
 - ✓ *Como a música mostra diferenças entre o Plano Piloto e outras Regiões Administrativas?*
 - ✓ *Que problemas sociais são citados na letra?*
 - ✓ *Você acha que todas as pessoas que vivem no Distrito Federal têm as mesmas oportunidades? Por quê?*
- Para complementar essa etapa, projete a imagem a seguir e conduza o debate com o seguinte questionamento:



Catadores no Lixão da Estrutural, desativado em 2018. Fonte: Correio Braziliense.

Na música “Brasília de Fachada” fala-se de lugares de luxo e lugares esquecidos. Como a foto do antigo lixão da Estrutural ajuda a pensar nesses contrastes entre o que é mostrado nos cartões-postais e a realidade de muitas pessoas?

Etapa 2: Socialização

- Professor(a), inicialmente reforce para os estudantes que a cidade não é igual para todos e que o espaço urbano é construído pelas relações sociais que criam e ampliam desigualdades sociais e espaciais.
- Posteriormente, pergunte:
 - ✓ *Que tipo de cidade queremos construir no futuro?*
 - ✓ *O que pode ser feito para diminuir essas desigualdades?*

Dica: Estimule respostas completas, não apenas frases curtas. Promova diálogo entre os alunos, pedindo que expliquem seu ponto de vista para a turma.

Etapa 3: Atividade do Aluno



Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Brasília
Campus Riacho Fundo

ATIVIDADE DO ALUNO – BRASÍLIA: CIDADE PLANEJADA OU SEGREGADA?

Nome do(a) estudante: _____

Nome do(a) professor(a): _____

Data de realização da atividade: ____/____/____

Questão 1. Responda as questões abaixo:

a) Você mora do Distrito Federal?

b) Se você morar no DF, indique em qual Região Administrativa. Caso contrário, escreva o nome do seu Município e em qual estado ele está localizado.

c) E sua escola?! Onde está localizada?

d) Pense em todos os lugares do Distrito Federal que você já visitou. Pode ser a casa de um parente, um parque, um shopping, um hospital ou qualquer outro lugar. Escreva os nomes das Regiões Administrativas que você conhece ou já visitou:

Questão 2. Brasília é uma cidade linda, famosa no mundo inteiro. Mas, nem todo o Distrito Federal é igual. Algumas regiões administrativas têm mais escolas, creches, parques, hospitais e opções de lazer. Outras têm menos.

a) Como você se sente quando percebe essas diferenças entre as regiões administrativas do DF? O que passa pela sua cabeça?

b) Muitas pessoas dizem que Brasília é uma cidade injusta e cheia de desigualdades. Na sua opinião o que isso significa?

c) Imagine que você é uma pessoa que pode ajudar o Distrito Federal. O que você faria para que todas as regiões do DF tivessem mais qualidade de vida?

Questão 3. Pensando na sua cidade, responda as questões abaixo:

a) Faça uma lista dos problemas que você identifica na sua cidade.

b) Como você acha que esses problemas podem ser resolvidos?

Questão 4. Leia com atenção a reportagem sobre a desigualdade de árvores em diferentes regiões do Distrito Federal.



[Página inicial](#) [Distrito Federal](#)

Distrito Federal

Imagem revela número desigual de árvores em áreas ricas e pobres do DF

O Metrôpoles sobrevoou endereços na Asa Sul e no Sol Nascente. O contraste de áreas verdes nas duas regiões é expressivo

Jéssica Ribeiro
10/03/2025 09:15, atualizado 10/03/2025 09:16



Compartilhar notícia



[Siga](#)  Google Discover



Agora, responda às questões abaixo, mostrando o que você sabe sobre a importância das árvores e o meio ambiente:

I) O que a reportagem mostra sobre as árvores no Distrito Federal?

- a) Que todas as regiões têm o mesmo número de árvores.
- b) Que há mais árvores em áreas ricas do que em áreas pobres.
- c) Que não existem árvores no DF.
- d) Que as árvores crescem apenas em áreas de seca.

II) Qual é a importância das árvores nas cidades?

- a) Produzem sombra e deixam o clima mais agradável.
- b) Servem apenas para enfeitar as ruas.
- c) Não têm nenhuma função importante.
- d) São usadas apenas para fazer móveis.

III) Qual região administrativa foi citada na reportagem como tendo poucas árvores?

- a) Lago Sul.
- b) Asa Sul.
- c) Sol Nascente.
- d) Plano Piloto.

IV) Na sua região administrativa há muitas árvores?

V) Por que é importante ter árvores nas cidades?

VI) Proponha soluções criativas para aumentar a quantidade de árvores em locais com poucas áreas verdes.

VII) Crie uma campanha de conscientização para sua comunidade sobre a importância de plantar e preservar árvores. Faça um desenho e escreva uma frase curta que chame a atenção das pessoas, como se fosse um cartaz ou panfleto.



4º ANO

A Produção do Espaço Urbano de Brasília



**Construção do Congresso Nacional [1958].
Fonte: Arquivo Público do Distrito Federal – ArPDF.**



Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Brasília
Campus Riacho Fundo

INFORMAÇÕES DO PLANO DE AULA

Tema: A Produção do Espaço Urbano de Brasília.

Nível de Ensino: Ensino Fundamental – Anos Iniciais.

Série: 4º ano.

Local de realização da aula: Sala de aula.

Componente Curricular: Geografia.

Duração: 3 aulas de 50 minutos cada.

Autor da proposta de aula: Rafael Rodrigues Sobreira de Souza.

Instituição: Campus Riacho Fundo do Instituto Federal de Brasília (IFB).

Conteúdos Específicos:

- Planejamento do DF: construção e processos migratórios;
- Etapas de ocupação no DF.

Objetivos:

- Compreender como os conceitos de espaço e espaço urbano se manifestam na produção do espaço urbano de Brasília;
- Analisar a construção de Brasília a partir de aspectos históricos e espaciais;
- Refletir sobre os fluxos migratórios relacionados a construção de Brasília.

Conhecimentos prévios dos alunos:

- População total do DF e sua distribuição, fluxos migratórios. Modos de vida nas regiões administrativas do DF. Principais atividades econômicas e produtivas. Espaços de memória, cultura, lazer e patrimônio (*Previstos no Currículo em Movimento do Distrito Federal, p. 263*).

Recursos Complementares:

- Projetor multimídia (datashow) e computador com acesso à internet.



Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Brasília
Campus Riacho Fundo

SUGESTÃO DE PLANO DE AULA

Orientações iniciais para os(as) professores(as)

- Professor(a), caso necessário, adapte este plano de aula à realidade da sua turma. Sinta-se à vontade para incluir outros temas e etapas que enriqueçam o desenvolvimento das atividades.
- Professor(a), familiarize-se com o tema antes de aplicar a atividade para os estudantes.
- **Atenção!** Lembre-se de verificar a conexão do computador a internet e montar o projetor multimídia antes de iniciar a aula.
- **Observação:** A atividade do estudante deve ser impressa e entregue para cada aluno.

Etapa 1: Problematização

- Professor(a), informe à turma que inicialmente será exibido um vídeo. Oriente os estudantes a prestarem bastante atenção, pois os principais aspectos abordados serão necessários para realizar a atividade.
- O vídeo “Brasília 62 anos: Vila Planalto é símbolo da história | JORNAL DA CNN”, com duração de 9 minutos e 26 segundos, conta a história da Vila Planalto, uma comunidade criada pelos operários que contribuíram com a construção de Brasília. Ele está disponível gratuitamente no YouTube, no Canal CNN Brasil: <https://www.youtube.com/watch?v=PzaAF3iEwNo>.
- Professor(a), após a exibição do vídeo faça os seguintes questionamentos aos estudantes para induzir a reflexão crítica:
 - ✓ Após a inauguração de Brasília, em 1960, o que aconteceu com os acampamentos dos operários?
 - ✓ Qual situação os operários que construíram a Capital Federal precisaram enfrentar?
 - ✓ Como a Vila Planalto conseguiu resistir as demolições exigidas pelo Estado?
 - ✓ Se vocês fossem um dos operários que construíram Brasília e de repente ficassem sem moradia e sem trabalho, o que vocês fariam para tentar resolver essa situação?

Etapa 2: Leitura guiada e análise conceitual

- Professor(a), agora leia pausadamente para os alunos esse fragmento de texto extraído da obra “A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção.” De Milton Santos.

Observação: Projete o texto no projetor multimídia e diga aos estudantes que se não entenderem alguma palavra podem perguntar seu significado para você.

O Espaço

“O espaço é formado por um conjunto indissociável, solidário e também contraditório de sistemas de objetos e sistemas de ações, não considerados isoladamente, mas como o quadro único no qual a história se dá” (Santos, 2020, p. 63).

Análise Conceitual

A citação de Milton Santos nos ajuda a entender que o espaço, ou espaço geográfico, é como um grande palco onde várias coisas acontecem ao mesmo tempo:

"Sistemas de objetos": São todas as coisas físicas que existem no lugar – as casas, os prédios, as plantações, as ruas, as pontes etc. Tudo que podemos ver e tocar.

"Sistemas de ações": São todas as atividades que as pessoas fazem nesse lugar – trabalhar, brincar, estudar, conversar, comprar, vender, plantar, construir, cuidar. São os movimentos, as decisões e a vida das pessoas.

O espaço é onde tudo se conecta. Quando Milton Santos diz que o espaço é um conjunto indissociável ele quer dizer que as coisas (os objetos) e as ações das pessoas não podem se separar. É solidário, pois dependemos dele para existir. Porém, também é contraditório. Pois, nem sempre tudo é perfeito: há poluição, desmatamento, pobreza, desigualdade.

Espaço Urbano: o espaço das cidades

“A cidade é uma realização humana, uma criação que vai se constituindo ao longo do processo histórico e que ganha materialização concreta, diferenciada, em função de determinações históricas específicas” (Carlos, 2024, p. 57).

Análise Conceitual

A citação da Ana Fani Alessandri Carlos nos ajuda a entender que a cidade não é algo que aparece pronto ou por acaso. Ela é uma "realização humana", ou seja, nós, as pessoas, criamos e construímos a cidade com nossas ideias, trabalho e necessidades.

A cidade é como uma obra de arte gigante e viva que nunca fica totalmente pronta. Ela vai se constituindo ao longo da história, o que significa que a cidade está sempre mudando. O que vemos hoje é resultado de tudo que aconteceu antes. Ah! Cada cidade é única. Pois, a história de cada uma foi diferente.

Etapa 3: Análise Iconográfica

- Professor(a), esse momento foi pensado com base no método geográfico proposto por Milton Santos, que propõe analisar o espaço a partir de quatro categorias interligadas: **forma, função, processo e estrutura**. A proposta se desenvolve por meio da leitura de imagens históricas da Praça dos Três Poderes, acompanhadas de pequenos textos explicativos:

A Produção do Espaço Urbano de Brasília

- Brasília foi construída no Planalto Central do Brasil, em uma região coberta pela vegetação do cerrado.



Presidente JK em sua 1ª viagem para onde seria construída Brasília [1956].
Fonte: Arquivo Público do Distrito Federal – ArPDF.

- Máquinas e muitos trabalhadores chegaram para transformar esse espaço em cidade. Começaram a abrir ruas, construir alojamentos e, enquanto isso, criaram relações sociais entre si. Esse **processo** exemplifica a produção do espaço.



Vista aérea do início das obras e acampamento [1958].
Fonte: Arquivo Público do Distrito Federal – ArPDF.

- Para entendermos a produção do espaço urbano de Brasília vamos analisar o **processo** de construção da Praça dos Três Poderes.



Esplanada dos Ministérios; Praça dos Três Poderes; Congresso Nacional [1958].
Fonte: Arquivo Público do Distrito Federal – ArPDF.

- Cada **forma** da Praça dos Três Poderes tem uma **função**: o Congresso Nacional (faz as leis), o Palácio do Planalto (é o local de trabalho do Presidente) e o Supremo Tribunal Federal (cuida da justiça).



Praça dos Três Poderes; Congresso Nacional [1958].
Fonte: Arquivo Público do Distrito Federal – ArPDF.

- Construir Brasília foi um **processo** cheio de esforço. Pessoas de várias partes do Brasil vieram trabalhar e ajudaram a transformar o cerrado em cidade.



Candangos no canteiro de obras do Congresso Nacional [1958-1959].
Fonte: Arquivo Público do Distrito Federal – ArPDF.

- A praça foi planejada para que os poderes (Executivo, Legislativo e Judiciário) ficassem próximos, mas separados. Sua **função** é abrigar as sedes dos três poderes e representar a independência e harmonia entre eles.



Vista do Congresso Nacional e Palácio do Planalto, ambos em construção [1958 – 1959].
Fonte: Arquivo Público do Distrito Federal – ArPDF.

- A **estrutura** é o jeito que a cidade é montada: ruas, calçadas, rampas e tudo mais. Mas não é só isso! Ela também mostra como as pessoas interagem naquele espaço. Na Praça dos Três Poderes, por exemplo, os prédios dos três poderes juntos mostram que ali é um lugar feito para decisões importantes do país.



Congresso Nacional em construção [1958 – 1959].
Fonte: Arquivo Público do Distrito Federal – ArPDF.

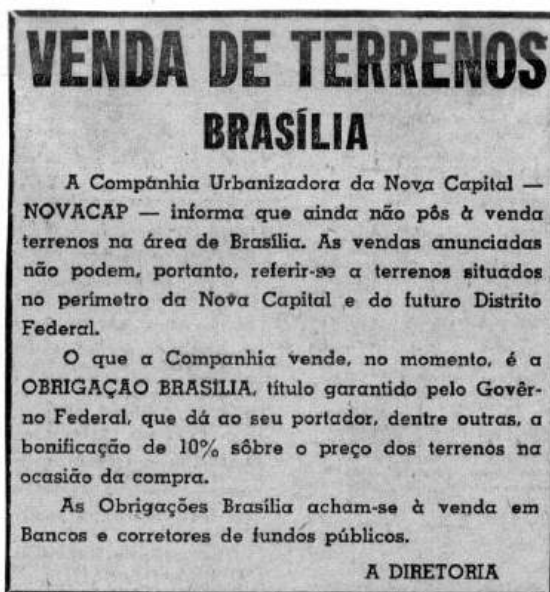
- Mesmo depois de pronta, Brasília ainda está sendo (re)produzida, pois ocorrem mudanças e permanências. Esse processo inclui reformas, novos prédios e novas ideias para tornar a cidade melhor.



Inauguração de Brasília [21/04/1960].
Fonte: Arquivo Público do Distrito Federal – ArPDF.

Etapa 4: Análise de fontes históricas

- Professor(a), nessa etapa apresente aos estudantes o fragmento de jornal, o depoimento de Elísio Evangelista Alves e a fotografia do Arquivo Público do Distrito Federal – ArPDF. Na sequência, questione: Quem eram os Candangos e por que eles moravam em barracos de madeira e acampamentos? Será que todo mundo podia comprar esses terrenos ou só algumas pessoas? Por que os Candangos queriam continuar morando nesses lugares mesmo depois que Brasília foi inaugurada? Como seria para você ajudar a construir uma cidade, mas não ter um lugar para morar nela?



BR.ArPDF.NOV.D.04.01.Z
Divisão de Divulgação/ Setor de Documentação
DIÁRIO DE NOTÍCIAS - Data: 29/12/1957

Recorte do Jornal DIÁRIO DE NOTÍCIAS.
Publicação 29/12/1957. Fonte: Arquivo
Público do Distrito Federal – ArPDF.

Depoimento de Elísio Evangelista Alves Programa De História Oral – ArPDF

É, do acampamento começou a aparecer aqueles barraco, aquelas coisa ali, porque o que tá lá hoje, que eles chamam de Vila Planalto. Lá não, era o acampamento das firmas que estavam localizada ali no acampamento da Planalto. Foi primeiro acampamento, na realidade aquilo não existia não. Aquelas casa ali era do pessoal, dos engenheiro, daquelas famílias que vinham, que outras firmas foram autorizando aquilo ali. Porque a parte mais central das obras eram ali, por causa, ministérios, o Palácio da Alvorada, o palácio do despacho, o Congresso, Tribunal de Contas. Então ali concentrava mais. Depois foi espalhando por Brasília toda [...] (Alves, 1990, p. 2).



Vista da Esplanada dos Ministérios com Candangos [03/09/1959].
Fonte: Arquivo Público do Distrito Federal – ArPDF.



Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Brasília
Campus Riacho Fundo

ATIVIDADE DO ALUNO – A PRODUÇÃO DO ESPAÇO URBANO DE BRASÍLIA

Nome do(a) estudante: _____

Nome do(a) professor(a): _____

Data de realização da atividade: ____/____/____

Questão 1. Leia com atenção o início da história do Seu Antônio em Brasília.

Seu Antônio veio de longe ajudar a construir Brasília, lá da Paraíba no Nordeste. Ele trabalhava muito e dormia num alojamento com seus amigos. Eles e todos os outros operários até receberam o apelido de Candangos. No começo era um apelido ruim, mas depois eles foram gostando. Pois, passaram a ter orgulho do trabalho que estavam realizando. Mas mesmo com a cidade crescendo, ninguém dizia onde Seu Antônio e seus amigos iam morar quando Brasília ficasse pronta. Ele começou a pensar: “Eu também ajudei a fazer essa cidade, não quero ir embora. Eu quero viver aqui!”.

Depois escreva um final para essa grande aventura e responda as perguntas abaixo:

De onde Seu Antônio e a maioria dos operários que construíram Brasília vieram?

Qual foi o apelido que os operários da construção de Brasília receberam?

Onde a maioria dos operários dormiam durante o período da construção da nova capital? _____

Questão 2. Leia o fragmento do poema sinfônico “Brasília, Sinfonia da Alvorada” composto por Tom Jobim e letra de Vinícius de Moraes e responda:

[...] começaram a chegar de todos os cantos da imensa pátria os trabalhadores: os homens simples e quietos, com pés de raiz, rostos de couro e mãos de pedra, e que, no calcanho, em carro de boi, em lombo de burro, em paus-de-arara, por todas as formas possíveis e imagináveis, começaram a chegar de todos os lados da imensa pátria, sobretudo do Norte; foram chegando do Grande Norte, do Meio Norte e do Nordeste, em sua simples e áspera doçura; foram chegando em grandes levas do Grande Leste, da Zona da Mata, do Centro-Oeste e do Grande Sul; foram chegando em sua mudez cheia de esperança, muitas vezes deixando para trás mulheres e filhos a aguardar suas promessas de melhores dias; foram chegando de tantos povoados, tantas cidades cujos nomes pareciam cantar saudades aos seus ouvidos, dentro dos antigos ritmos da imensa pátria...

Por que você acha que tantas pessoas vieram de lugares diferentes para ajudar a construir Brasília?

De onde vieram os trabalhadores que construíram Brasília?

Que tipos de transporte eles usaram para chegar em Brasília?

Que sentimento os trabalhadores tinham ao chegar?

Questão 3. Leia o fragmento de texto abaixo e faça o que se pede:

A Vila Planalto surgiu, a partir do final de 1956, de um grupo de acampamentos de obra das empreiteiras que construíram o Palácio da Alvorada, o Brasília Palace Hotel, a Praça dos Três Poderes e a Esplanada dos Ministérios (Zarur, 1996, p. 81).

Em que ano a Vila Planalto foi construída? _____

Como a Vila Planalto surgiu?

Na imagem abaixo circule de azul a Praça dos Três Poderes e de laranja a Vila Planalto:



Vista aérea da Esplanada dos Ministérios [1958 – 1959].
Fonte: Arquivo Público do Distrito Federal – ArPDF.

Questão 4. Leia com atenção o texto abaixo e depois responda com atenção:

Brasília foi construída para ser uma cidade moderna e diferente das outras cidades do Brasil. Porém, mesmo planejada, ela também teve problemas parecidos com os de outras cidades. Após sua inauguração, em 1960, os operários enfrentaram falta de emprego e moradia.

O que aconteceu com muitas pessoas que foram morar em Brasília após a tão esperada inauguração?

- A) Elas conseguiram casas no centro da cidade.
- B) Elas não tiveram problemas para encontrar empregos.
- C) Elas ficaram fora do centro da cidade por causa do planejamento que as excluía.
- D) Elas foram morar em outras cidades por opção própria.

4º ANO

Brasília e seus Eixos Estruturantes



**Vista aérea da região central do Plano Piloto [1956 - 1960].
Fonte: Arquivo Público do Distrito Federal – ArPDF.**



Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Brasília
Campus Riacho Fundo

INFORMAÇÕES DO PLANO DE AULA

Tema: Brasília e seus Eixos Estruturantes

Nível de Ensino: Ensino Fundamental – Anos Iniciais.

Série: 4º ano.

Local de realização da aula: Sala de aula.

Componente Curricular: Geografia.

Duração: 3 aulas de 50 minutos.

Autor da proposta de aula: Rafael Rodrigues Sobreira de Souza.

Instituição: Campus Riacho Fundo do Instituto Federal de Brasília (IFB).

Conteúdos Específicos:

- A organização urbana de Brasília e seus eixos estruturantes;
- Orientação espacial no Plano Piloto: pontos cardeais e colaterais;
- Aplicação da escala cartográfica e cálculo de distâncias no Plano Piloto de Brasília.

Objetivos:

- Compreender a organização urbana de Brasília por meio da identificação de seus eixos estruturantes e da lógica do traçado do Plano Piloto.
- Utilizar pontos cardeais e colaterais na orientação espacial para identificar pontos de interesse dentro e no entorno do Plano Piloto de Brasília.

Conhecimentos prévios dos alunos:

- Distância, pontos cardeais, orientação; Noções de proporção, escala e referenciais de localização; Espaços de memória, cultura, lazer e patrimônio (*Previstos no Currículo em Movimento do Distrito Federal, p. 263, 265*).

Recursos Complementares:

- Projetor multimídia (datashow), computador com acesso à internet, réguas para uso dos estudantes.



Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Brasília
Campus Riacho Fundo

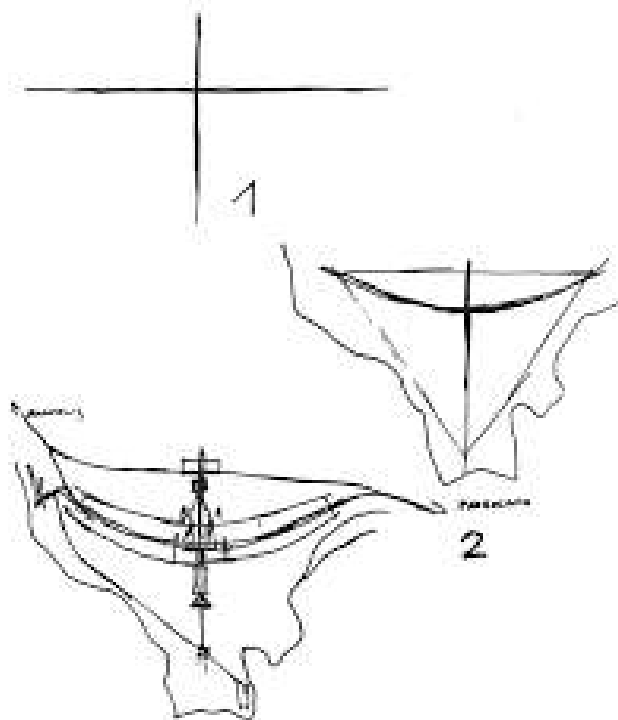
SUGESTÃO DE PLANO DE AULA

Orientações iniciais para os(as) professores(as)

- Professor(a), caso necessário, adapte este plano de aula à realidade da sua turma. Sinta-se à vontade para incluir outros temas e etapas que enriqueçam o desenvolvimento das atividades.
- Professor(a), familiarize-se com o tema antes de aplicar a atividade para os estudantes.
- **Atenção!** Lembre-se de verificar a conexão do computador a internet e montar o projetor multimídia antes de iniciar a aula.
- **Observação:** A atividade do estudante deve ser impressa e entregue para cada aluno.

Etapa 1: Problematização

- Professor(a), inicialmente, apresente aos estudantes a imagem abaixo. Incentive-os a descreverem o que observam.



Croquis de Lúcio Costa para Projeto Piloto de Brasília [1957].
Fonte: Arquivo Público do Distrito Federal – ArPDF.

- Em seguida, explique que se trata de uma sequência de croquis: desenhos rápidos e simples, usados como rascunho inicial para representar uma ideia ou projeto. Depois, questione a turma:
- ✓ *O que essa sequência de croquis representa?*

- Caso os estudantes não identifiquem que se trata do Plano Piloto de Lúcio Costa, explique que esses croquis representam os traçados iniciais elaborados em 1957, que deram origem ao plano urbanístico da nova capital do Brasil, Brasília.
 - Na sequência, estimule os alunos a pensar sobre a relação entre os croquis iniciais e a cidade construída:
- ✓ *Como um desenho simples pode dar origem a uma cidade complexa e reconhecida como Patrimônio Cultural da Humanidade?*

Etapas 2: Instrumentalização

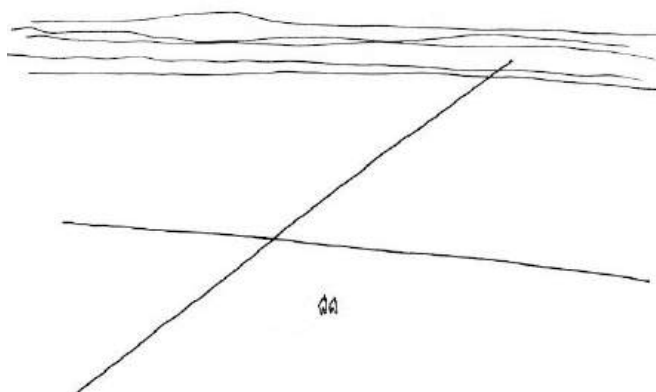
- Professor(a), inicialmente, explique aos estudantes que o Plano Piloto de Lúcio Costa foi o projeto vencedor do Concurso Nacional do Plano Piloto da Nova Capital do Brasil, realizado entre 1956 e 1957. Acrescente, que além desse projeto outros 25 projetos também estavam concorrendo nesse mesmo concurso que definiria o Plano Urbanístico de Brasília.
- Na sequência, leia coletivamente o fragmento de texto sobre a ideia do traçado urbano, escrito pelo próprio Lúcio Costa, no Relatório do Plano Piloto de Brasília que foi apresentado a comissão avaliadora do concurso:

“Nasceu do gesto primário de quem assinala um lugar ou dele toma posse: dois eixos cruzando-se em ângulo reto, ou seja, o próprio sinal da cruz.”

Lúcio Costa, 1957.

Fonte: IPHAN (2018, p. 30).

- Agora, apresente aos estudantes o croqui realizado por Oscar Niemeyer, arquiteto que projetou os principais monumentos e edifícios governamentais que estão localizados na Esplanada dos Ministérios. Explique que a ideia de Brasília nasce do cruzamento de dois eixos: Eixo Monumental e Eixo Rodoviário.



Representação da ideia básica de Brasília. Desenho de Oscar Niemeyer.

Fonte: Arquiscopio.

- Posteriormente, faça a leitura coletiva do texto abaixo.

Os eixos que formaram Brasília

Brasília nasceu do encontro de duas grandes linhas que se cruzam e organizam a cidade. O Eixo Monumental, que vai de Leste a Oeste, concentra os prédios do governo, como o Congresso Nacional, o Supremo Tribunal Federal e o Palácio do Planalto. É o espaço que mostra a força e a importância da capital. Já o Eixo Rodoviário, que segue de Norte a Sul, tem um traçado curvo e abriga as superquadras residenciais e o comércio do dia a dia.

No ponto onde esses dois eixos se encontram está o Marco Zero, marcado pela Rodoviária do Plano Piloto. Ao redor, ficam lugares muito conhecidos, como o Conjunto Nacional e o CONIC, cheios de lojas, serviços e movimento. Também nessa região estão espaços de lazer e cultura, como o Teatro Nacional, a Biblioteca Nacional e o Museu da República, que aproximam a população da arte e da história. Foi assim que Lúcio Costa pensou Brasília: uma cidade planejada para unir trabalho, moradia, circulação e lazer em um mesmo desenho.

Rafael Rodrigues, 2026

Etapa 3: Leitura visual do Plano Piloto

- Professor(a), agora apresente aos estudantes a reportagem “Brasília, 65 anos: Como a realidade transformou capital idealizada por Lúcio Costa e Niemeyer” disponível no site da BBC News Brasil: <https://www.bbc.com/portuguese/resources/idx-dc629e19-80df-435c-a7e0-12705ad8fe6c>.

Observação: O objetivo é explorar as imagens e mapas, sem necessidade de leitura dos textos longos.

- Inicialmente, apresente aos estudantes o primeiro mapa disponível no site. Explique de forma simples que a mudança da capital para o centro do Brasil não foi apenas uma decisão política, mas também uma estratégia para aproximar diferentes regiões do país. Mostre que, ao sair do litoral e se instalar no interior, Brasília ajudou a integrar o território nacional, construindo estradas, cidades e novas oportunidades em áreas que antes eram pouco ocupadas.

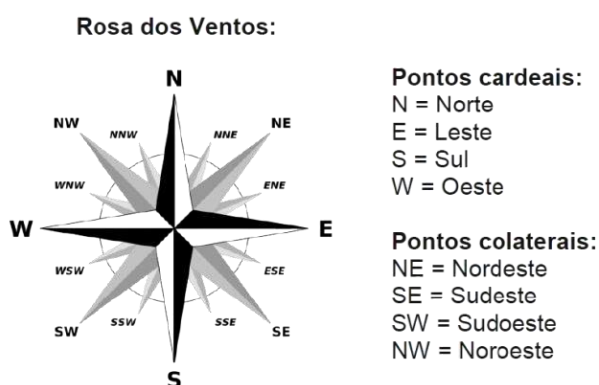
Observação: Use esse mapa para mostrar como Brasília ficou bem no meio do Brasil, como se fosse um ponto de encontro. Assim, os estudantes vão perceber que a cidade foi planejada para unir o país e facilitar a comunicação entre Norte, Sul, Leste e Oeste.

- Agora, foque na imagem que indica os dois eixos estruturantes de Brasília e peça que os alunos observem os traçados principais da cidade. Questione-os:
 - ✓ “Qual linha parece mais reta?” → informe que é o **Eixo Monumental**.
 - ✓ “Qual linha é mais curva?” → informe que é o **Eixo Rodoviário**.
- Role a barra de rolagem do navegador para que os estudantes vejam o desenho urbano de Brasília se formar em cima dos seus eixos principais. Continue rolando a barra de rolagem até aparecer a imagem de satélite:
 - ✓ Mostre como Brasília vista de cima parece mesmo um desenho planejado, com linhas bem definidas. Na sequência, o desenho urbano reaparece por cima da imagem de satélite confirmando o que foi informado a turma.
- Por fim, ao descer mais um pouco, a imagem de satélite é setorizada, mostrando claramente como Brasília foi organizada em diferentes partes. Nessa visualização, aparecem o Eixo Monumental, o Eixo Rodoviário/Residencial, além dos Setores Comercial e Bancário, o Setor Hoteleiro e o Setor Cultural.

- Finalize explicando aos estudantes que Brasília é uma cidade planejada, onde cada espaço tem uma função definida. Essa divisão ajuda a entender como a capital foi projetada para unir trabalho, moradia, circulação e lazer em um mesmo projeto.

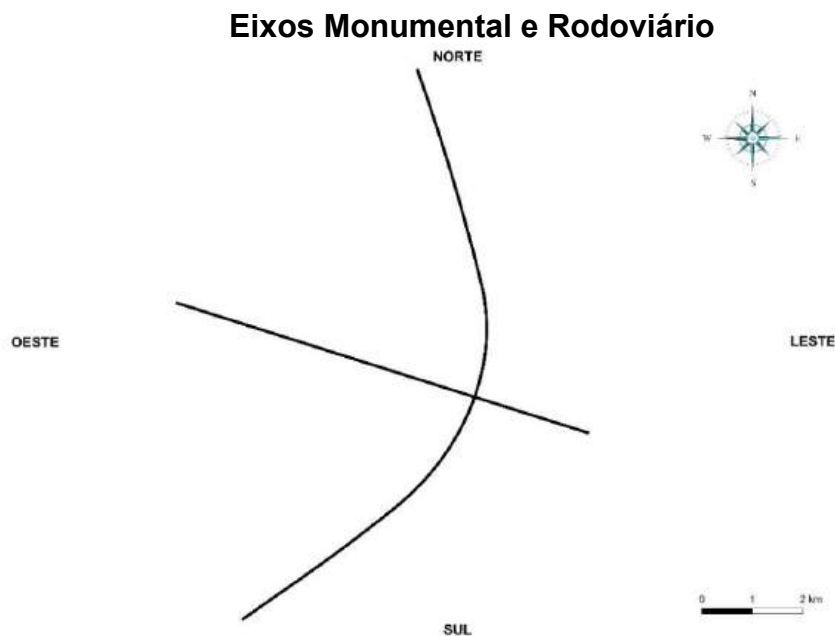
Etapa 4: Orientação espacial a partir do Marco Zero

- Professor(a), agora vamos apresentar a Rosa dos Ventos abaixo aos estudantes e relembrar os pontos cardeais (Norte, Sul, Leste, Oeste) e os pontos colaterais (Nordeste, Sudeste, Sudoeste, Noroeste):



Observação: Na página seguinte, há uma folha com 24 Rosas dos Ventos acompanhadas de legenda. Elas devem ser recortadas e entregues aos estudantes, pois serão utilizadas na Atividade do Aluno.

- Após relembrar os pontos cardeais e colaterais, peça que os estudantes observem a imagem abaixo que representa os Eixos Monumental e Rodoviário. Mostre que o Eixo Monumental Norte e Sul, enquanto o Eixo Rodoviário se estende de Leste a Oeste.



- Em seguida, destaque a escala gráfica localizada no canto inferior direito da imagem. Explique aos estudantes que esse elemento, presente nos mapas, funciona como uma “régua”. A escala indica quanto cada centímetro medido no mapa corresponde à distância real, neste caso em quilômetros (km). Mostre aos estudantes como usar a régua para medir a distância.

Observação: Esse raciocínio será essencial para a Atividade do Aluno.

Etapa 5: Atividade do Aluno



Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Brasília
Campus Riacho Fundo

ATIVIDADE DO ALUNO – BRASÍLIA E SEUS EIXOS ESTRUTURANTES

Nome do(a) estudante: _____

Nome do(a) professor(a): _____

Data de realização da atividade: ____/____/____

Questão 1. Sobre a concepção e organização do Plano Piloto de Brasília, é correto afirmar que:

- A) Foi inspirado em praças centrais, como nas cidades tradicionais.
- B) Organizou-se em setores aleatórios, sem funções específicas.
- C) Foi planejado sem considerar a orientação espacial e os pontos cardeais.
- D) Nasceu do cruzamento de dois eixos: o Monumental, com prédios administrativos, culturais e políticos, e o Rodoviário, com as superquadras residenciais.

Questão 2. Com relação aos eixos estruturantes de Brasília, complete as frases com a palavra correta:

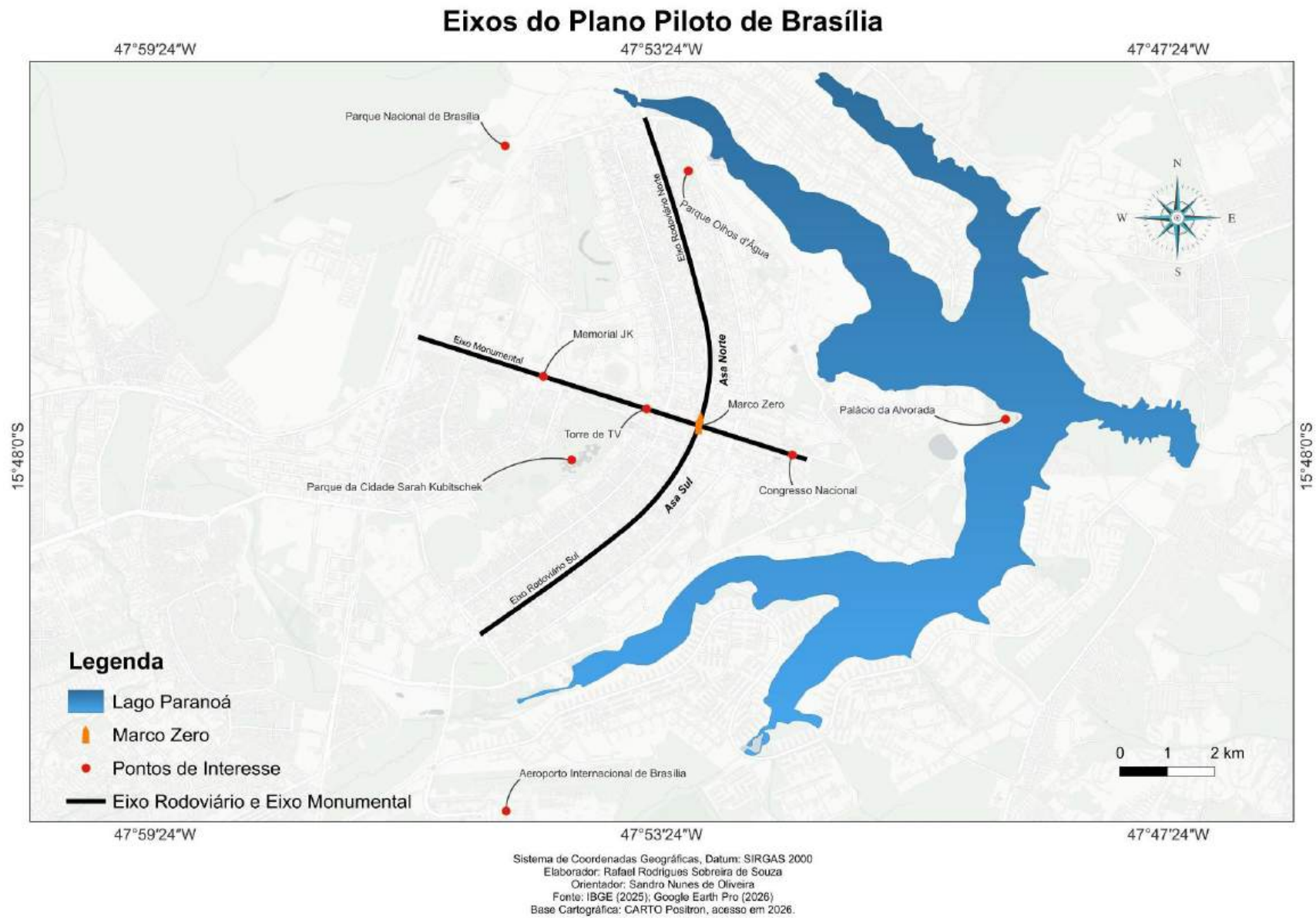
A Rodoviária do Plano Piloto foi construída no ponto de _____ (encontro / início) de dois _____ (setores / eixos) estruturantes, funcionando como centro de _____ (circulação / lazer) e de _____ (comércio / integração) da cidade.

Questão 3. Utilizando o mapa “Eixos do Plano Piloto de Brasília” e a rosa dos ventos fornecida pelo(a) professor(a), indique a direção, com base nos pontos cardeais e colaterais, e a distância em quilômetros (km) em que se encontram os seguintes pontos de interesse em relação ao Marco Zero:

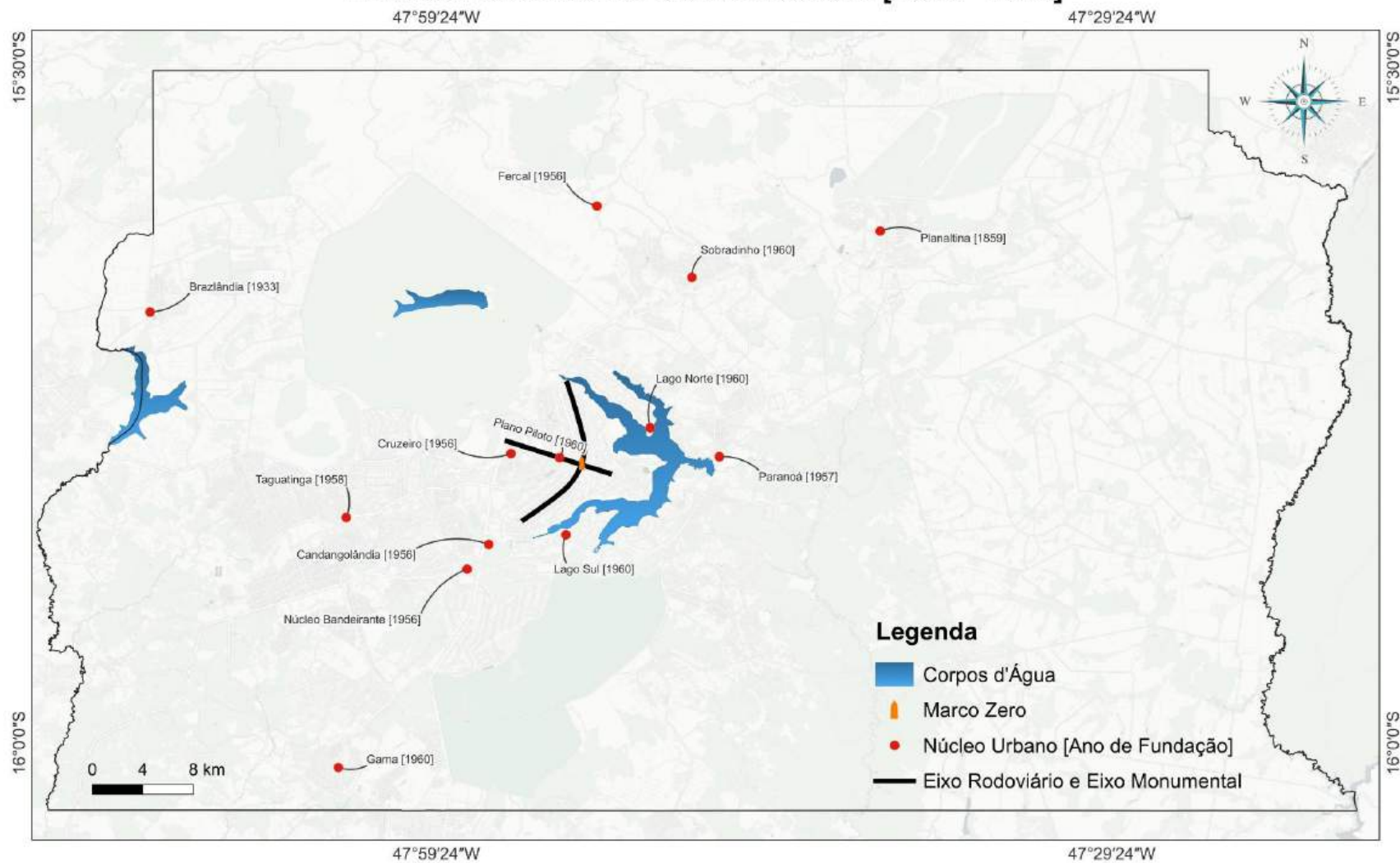
I) Palácio da Alvorada: _____	Distância: _____ km
II) Torre de TV: _____	Distância: _____ km
III) Aeroporto de Brasília: _____	Distância: _____ km
IV) Parque da Cidade: _____	Distância: _____ km
V) Memorial JK: _____	Distância: _____ km
VI) Congresso Nacional: _____	Distância: _____ km
VII) Parque Olhos d'Água: _____	Distância: _____ km
VIII) Parque Nacional de Brasília: _____	Distância: _____ km

Questão 4. Agora, com o mapa “Núcleos Urbanos no Distrito Federal [1956 – 1960]” e a rosa dos ventos, indique a direção e a distância em que se encontram as primeiras cidades do DF em relação ao Marco Zero:

I) Planaltina: _____	Distância: _____ km
II) Gama: _____	Distância: _____ km
III) Brazlândia: _____	Distância: _____ km
IV) Paranoá: _____	Distância: _____ km
V) Sobradinho: _____	Distância: _____ km
VI) Lago Sul: _____	Distância: _____ km
VII) Taguatinga: _____	Distância: _____ km
VIII) Lago Norte: _____	Distância: _____ km
IX) Fercal: _____	Distância: _____ km
X) Cruzeiro: _____	Distância: _____ km
XI) Núcleo Bandeirante: _____	Distância: _____ km
XII) Candangolândia: _____	Distância: _____ km



Núcleos Urbanos no Distrito Federal [1956 - 1960]



Sistema de Coordenadas Geográficas, Datum: SIRGAS 2000
 Elaborador: Rafael Rodrigues Sobreira de Souza
 Orientador: Sandro Nunes de Oliveira
 Fonte: CODEPLAN (PDAD, 2021); Google Earth Pro (2026)
 Base Cartográfica: CARTO Positron, acesso em 2026.

4º ANO

Regiões Administrativas do DF: Mobilidade e Cotidiano



Avenida Comercial W3 Sul [1960].
Fonte: Arquivo Público do Distrito Federal – ArPDF.



Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Brasília
Campus Riacho Fundo

INFORMAÇÕES DO PLANO DE AULA

Tema: Regiões Administrativas do DF: Mobilidade e Cotidiano

Nível de Ensino: Ensino Fundamental – Anos Iniciais.

Série: 4º ano.

Local de realização da aula: Sala de aula.

Componente Curricular: Geografia.

Duração: 3 aulas de 50 minutos.

Autor da proposta de aula: Rafael Rodrigues Sobreira de Souza.

Instituição: Campus Riacho Fundo do Instituto Federal de Brasília (IFB).

Conteúdos Específicos:

- Planejamento do DF: construção de Brasília e processos migratórios;
- População total do DF e sua distribuição;
- Fluxos migratórios cotidianos no DF.

Objetivos:

- Relacionar o crescimento populacional do DF à criação de novas Regiões Administrativas, associando esse fenômeno a necessidade de longos deslocamentos diários para acessar o mercado de trabalho;
- Compreender o fenômeno da migração pendular e observar sua manifestação na realidade brasiliense;
- Analisar os fluxos migratórios cotidianos no DF, relacionando-os à concentração de postos de trabalho no Plano Piloto, às fragilidades do transporte coletivo, à preferência pelo uso do automóvel e aos congestionamentos que resultam dessa configuração.

Conhecimentos prévios dos alunos:

- Distrito Federal na região Centro-Oeste; Características do trabalho no campo e na cidade; Crescimento demográfico; Regiões Administrativas e a RIDE (*Previstos no Currículo em Movimento do Distrito Federal, p. 263*).

Recursos Complementares:

- Projetor multimídia (datashow), computador com acesso à internet, rolo de barbante e bambolê.



Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Brasília
Campus Riacho Fundo

SUGESTÃO DE PLANO DE AULA

Orientações iniciais para os(as) professores(as)

- Professor(a), caso necessário, adapte este plano de aula à realidade da sua turma. Sinta-se à vontade para incluir outros temas e etapas que enriqueçam o desenvolvimento das atividades.
- Professor(a), familiarize-se com o tema antes de aplicar a atividade para os estudantes.
- **Atenção!** Lembre-se de verificar a conexão do computador a internet e montar o projetor multimídia antes de iniciar a aula.
- **Observação:** A atividade do estudante deve ser impressa e entregue para cada aluno.

Etapa 1: Problematização

- Professor(a), informe à turma que inicialmente será exibido um vídeo. Oriente os estudantes a prestarem bastante atenção, pois os principais aspectos abordados serão necessários para realizar a atividade.
- O vídeo “Pesquisa revela que trabalhadores do DF gastam até uma hora de deslocamento | DF Record”, com duração de 3 minutos, está disponível gratuitamente no YouTube, no canal Record Brasília: <https://www.youtube.com/watch?v=1DalKGvixmq>.
- Professor(a), após a exibição do vídeo destaque os principais pontos abordados na reportagem:
 - ✓ *Os longos deslocamentos diários que a população enfrenta em Brasília.*
 - ✓ *Diferenças de tempo de trajeto entre grupos sociais, raciais e de gênero.*
 - ✓ *A preferência pelo uso do carro mesmo diante de congestionamentos.*
 - ✓ *A relação entre escolaridade e acesso ao transporte.*
- Na sequência, faça os seguintes questionamentos para induzir a reflexão crítica:
 - ✓ *Como o tempo gasto no transporte afeta o trabalho, os estudos e a vida pessoal?*
 - ✓ *Vocês conhecem pessoas que passam mais de 2 horas por dia em deslocamento? O que isso significa para elas?*
 - ✓ *Por que tantas pessoas preferem usar o carro, mesmo com congestionamentos?*

Etapa 2: Reflexão

- Professor(a), explique aos estudantes que mobilidade urbana é o conjunto de condições que permitem às pessoas se deslocarem pela cidade de forma eficiente, segura e acessível, conectando casa, trabalho, escola e lazer no cotidiano.
- Depois, mostre as imagens abaixo e faça os seguintes questionamentos:



Estação Rodoviária do Plano Piloto [1969].
Fonte: Arquivo Público do Distrito Federal – ArPDF.



Estação Rodoviária do Plano Piloto [2020].
Fonte: Agenda Capital.

- ✓ O que vocês identificam nessas duas imagens?
 - ✓ O que está acontecendo?
 - ✓ Você já precisou pegar um ônibus lotado? Para onde você estava indo?
 - ✓ Por que vocês acham que há tantas pessoas na Rodoviária do Plano Piloto?
 - ✓ Vocês acham que eles estão indo trabalhar ou voltando do trabalho?
 - ✓ Por que essa situação acontece no cotidiano de muitos trabalhadores no DF?
 - ✓ Como os seus pais costumam ir trabalhar? De ônibus, metrô ou de carro?
 - ✓ Eles saem muito cedo? Que horas eles costumam voltar?
 - ✓ Vocês acham que há mais empregos no Plano Piloto ou nas Regiões Administrativas?
 - ✓ O que você acha que muda na vida das pessoas quando elas moram longe do Plano Piloto?
- Na sequência, apresente essa charge e pergunte: No que os personagens ilustrados estão pensando? Por quê?



Fonte: chargesbruno.blogspot.com

- Agora, mostre as imagens a seguir e questione: O que acontece quando há poucos ônibus, metrô lotado e muitos carros circulando ao mesmo tempo?



Vagão do Metrô-DF lotado.

Fonte: Metrôpoles.



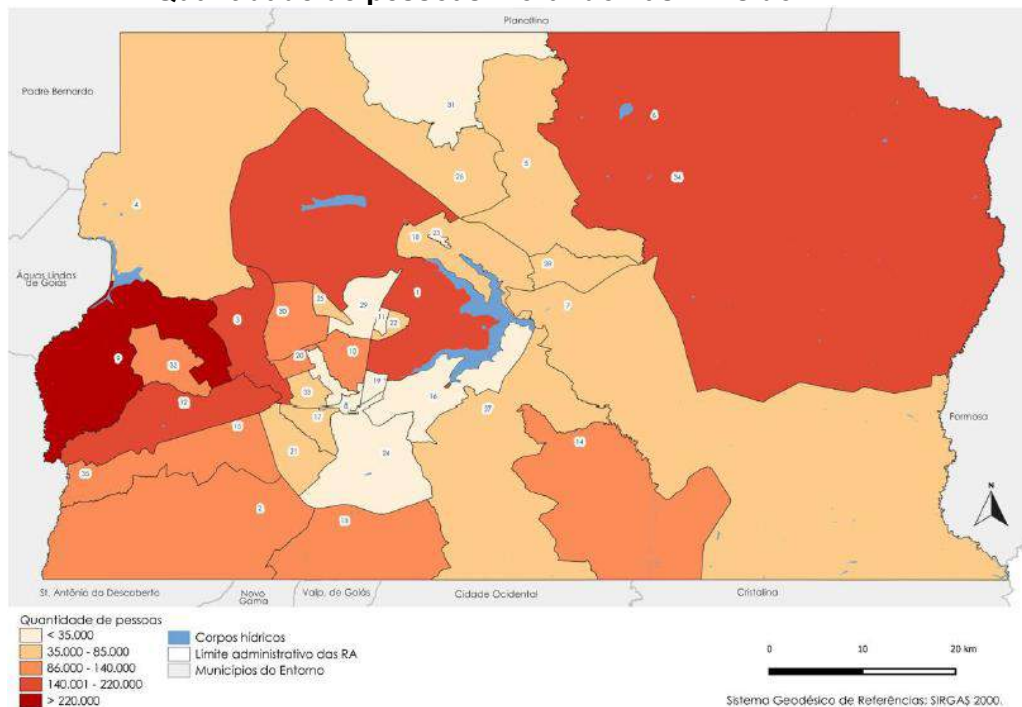
Trânsito no DF em horário de pico.
Fonte: Correio Braziliense.

- Professor(a), após explorar as imagens, os questionamentos e a charge, proponha uma roda de conversa para sistematizar o que os estudantes compreenderam até aqui. Use perguntas simples e acolhedoras, valorizando as vivências da turma.

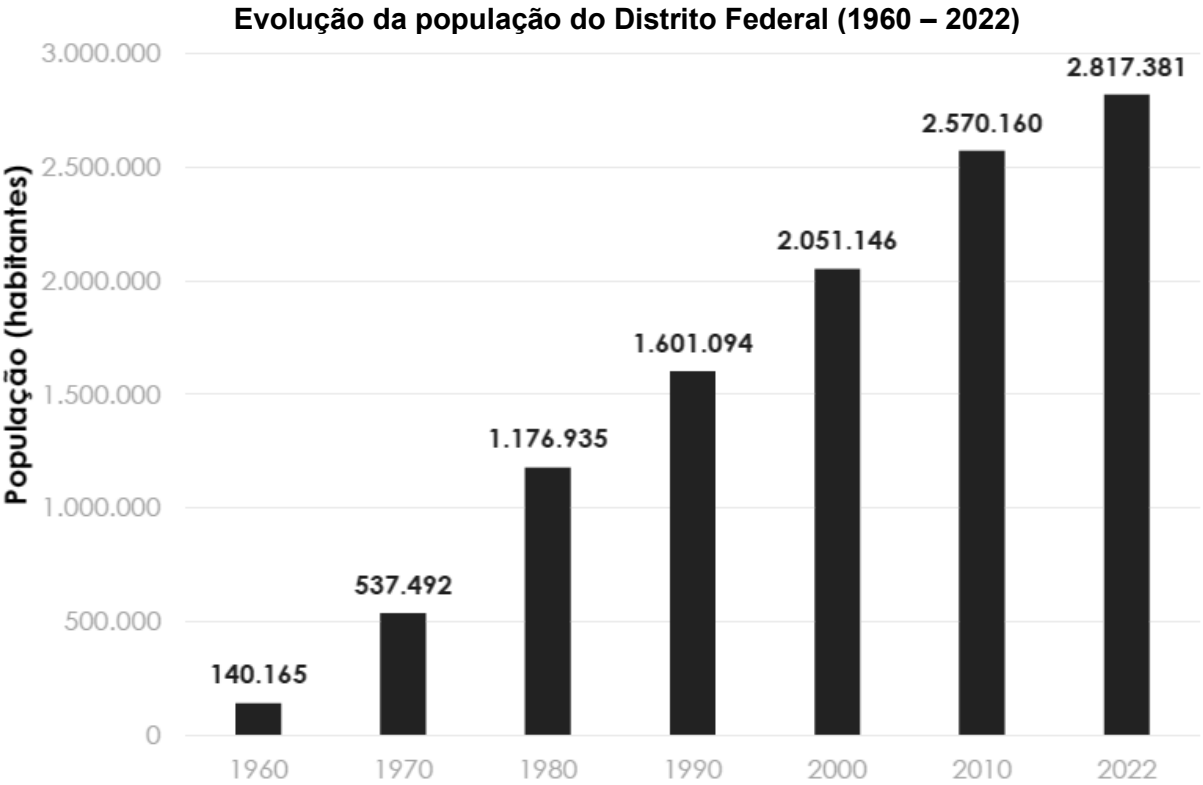
Etapa 3: Instrumentalização

- Professor(a), inicialmente apresente o mapa e os gráficos abaixo aos estudantes. Eles apresentam dados acerca da população do DF, evolução populacional e sobre a dinâmica do trabalho nessa unidade da federação.

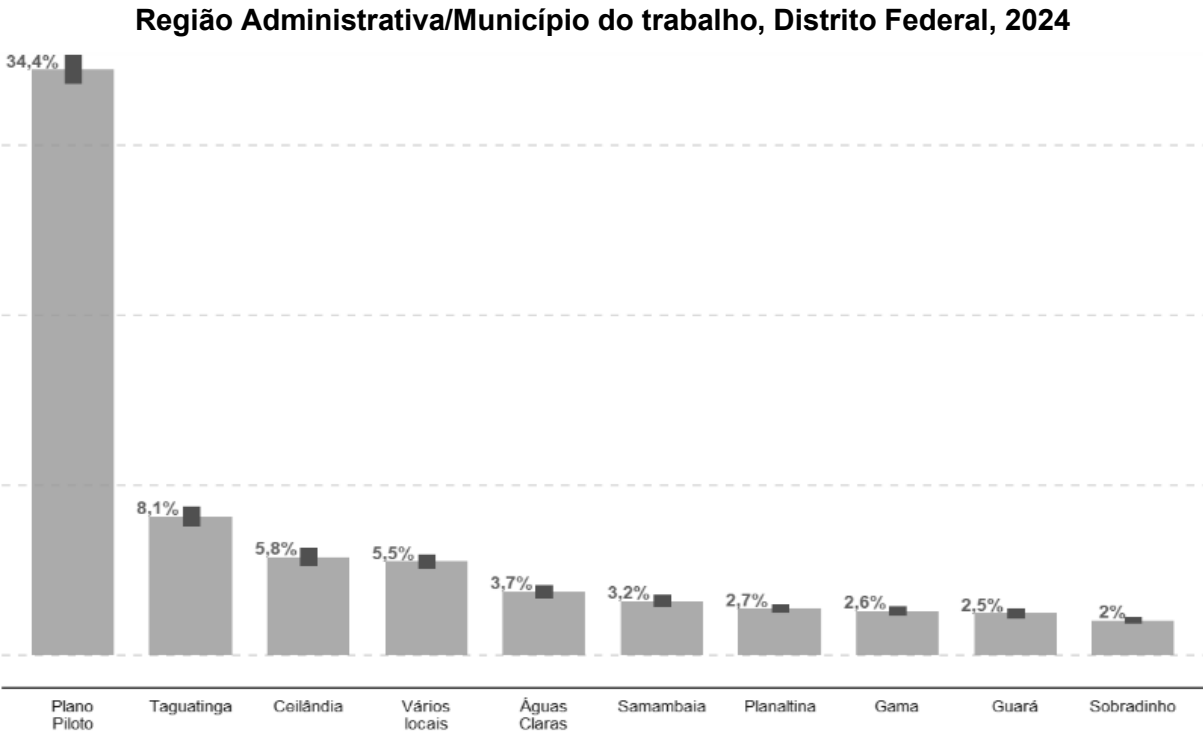
Quantidade de pessoas morando nas RA's do DF



Fonte: IBGE (2022) e Distrito Federal (2025). Elaboração: LabTrans/UFSC – FEPESE (2025).

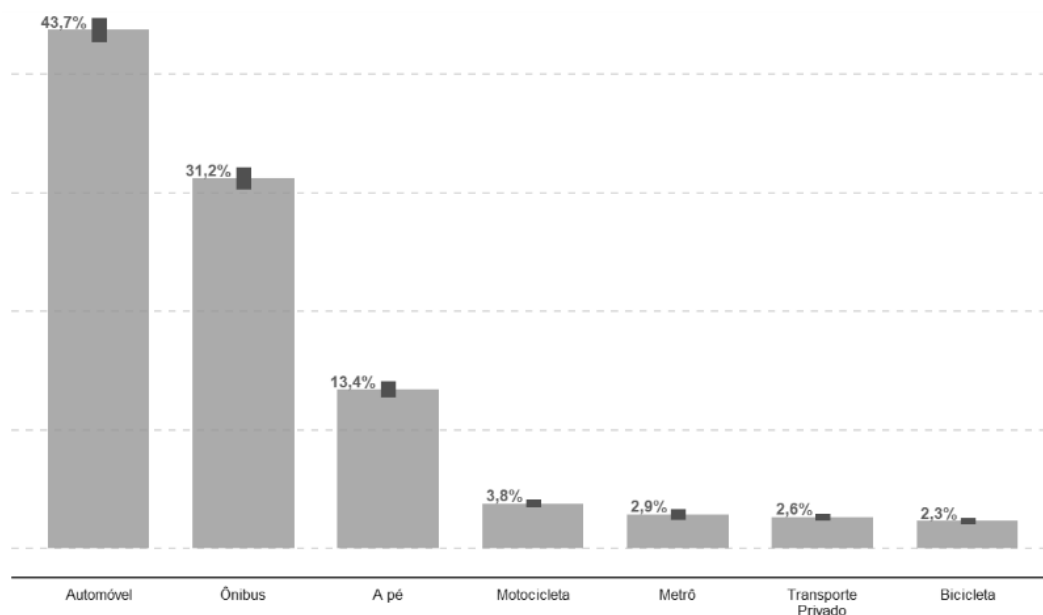


Fonte: Senado (2025) e IBGE (2022). Elaboração: LabTrans/UFSC – FEPESE (2025).



Fonte: IPEDF/DIEPS/COEPS/PDAD-A 2024
Obs.: São reportadas até o limite das dez maiores categorias.

Principal meio de transporte da casa até o local de trabalho, Distrito Federal, 2024



Fonte: IPEDF/DIEPS/COEPS/PDAD-A 2024

- Agora, lance esse questionamento para a turma: *O que esses dados sugerem sobre por que tantas pessoas precisam se deslocar todos os dias dentro do DF?*
- Na sequência, explique para os estudantes que a população do DF cresceu muito desde sua inauguração, em 1960. Com isso, muitas Regiões Administrativas foram surgindo no decorrer dos anos. Porém, a maioria das oportunidades de trabalho continuaram concentradas na Região Administrativa do Plano Piloto. Dessa forma, todos os dias, milhares de trabalhadores precisam enfrentar ônibus e/ou metrô lotados, senão, caso tenham veículo próprio, longos engarrafamentos que resultam em desperdício de tempo, menos convívio com a família, além de reduzir as horas de descanso e lazer.

Etapa 4: Simulação da Migração Pendular no DF

- Professor(a), nessa etapa vamos fazer uma brincadeira para entender o que acontece todos os dias com milhares de trabalhadores do Distrito Federal. Vamos simular o deslocamento diário de trabalhadores que moram em Ceilândia e trabalham no Plano Piloto. Vamos precisar de cinco voluntários dentre os estudantes da turma.
- Dois alunos devem ficar em cantos opostos da sala, um representando a Ceilândia, RA mais populosa do DF, e o outro, o Plano Piloto, RA com mais oportunidades de emprego. No centro da sala, uma cadeira tem um barbante amarrado. Três alunos entram juntos dentro de um bambolê (simulando um ônibus ou metrô lotado) e seguram a ponta solta do barbante. Ao comando do professor, eles caminham lentamente da Ceilândia até o Plano Piloto. Depois, fazem o mesmo caminho de volta, da mesma forma.
- Ao irem e voltarem, os alunos dentro do bambolê vivenciam a superlotação transporte público e a repetição diária do deslocamento. O professor explica que esse movimento de vai e volta todos os dias se chama migração pendular (como um pêndulo). A cadeira com o barbante simboliza que o trajeto não é livre, mas obrigatório, assim como as vias que os ônibus e metrôs precisam percorrer. Ao final, o professor faz perguntas para a turma sobre o desconforto, cansaço, falta de empregos perto de casa e possíveis soluções.

Etapa 5: Atividade do Aluno



Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Brasília
Campus Riacho Fundo

ATIVIDADE DO ALUNO – REGIÕES ADMINISTRATIVAS DO DF: MOBILIDADE E COTIDIANO

Nome do(a) estudante: _____

Nome do(a) professor(a): _____

Data de realização da atividade: ____/____/____

Questão 1. Com base em dados e estudos recentes, podemos afirmar que a maioria dos trabalhadores do Distrito Federal:

- A) Moram perto do trabalho e gastam poucos minutos no deslocamento.
- B) Moram longe do trabalho e enfrentam longos deslocamentos diários.
- C) Usam bicicleta para ir ao trabalho, evitando o trânsito.
- D) Trabalham na mesma Região Administrativa onde moram.

Questão 2. A maioria das pessoas que trabalham no DF tem como local de trabalho a Região Administrativa:

- A) Ceilândia.
- B) Taguatinga.
- C) Plano Piloto.
- D) Águas Claras.

Questão 3. Complete as frases com a palavra correta:

A _____ (mobilidade / imobilidade) urbana é o conjunto de condições que permitem as pessoas se deslocarem pela cidade com segurança e eficiência.

A população do Distrito Federal _____ (diminuiu / aumentou) muito desde 1960. Com isso, diversas Regiões Administrativas foram criadas ao longo dos anos.

A maioria das oportunidades de empregos no DF está concentrada na Região Administrativa do _____ (Plano Piloto / Gama) e grande parte da população precisa se deslocar todos os dias para trabalhar.

Nos horários de pico, ônibus e metrô costumam ficar _____ (vazios / lotados), com passageiros apertados e em pé, causando desconforto e cansaço.

Quando uma pessoa mora longe do trabalho, ela pode gastar muito tempo no _____ (lazer / deslocamento) e ter menos horas para descansar, estudar e ficar com a família.

Questão 4. Se você fosse governador ou governadora do Distrito Federal, que medida você tomaria para diminuir os congestionamentos e a lotação dos ônibus e metrô?

Questão 5. Leia as afirmações abaixo e escreva V para verdadeiro e F para falso:

O automóvel é o principal meio de transporte utilizado pelos trabalhadores do Distrito Federal para ir de casa ao trabalho, depois vem o ônibus. ()

A maioria dos trabalhadores do DF mora perto do trabalho e vai a pé. ()

O movimento diário de pessoas que vão de uma RA para outra trabalhar é chamado de migração pendular. ()

Os congestionamentos e os ônibus lotados acontecem principalmente nos horários de pico, no começo e no fim do dia. ()

Questão 6. Encontre no caça-palavras as palavras: EMPREGO, DESLOCAMENTO, POPULAÇÃO, CARRO, ÔNIBUS, METRÔ, BICICLETA, MOTO.

CAÇA-PALAVRAS DA MOBILIDADE URBANA

I	I	U	E	R	E	T	R	S	P	B	M
A	W	R	A	E	C	A	R	R	O	E	O
E	H	U	E	B	E	N	O	O	P	B	T
U	D	I	V	M	E	E	A	C	U	I	O
D	P	A	M	E	T	R	Ô	D	L	C	D
R	L	H	G	E	T	F	N	S	A	I	D
E	A	E	E	M	O	A	I	A	Ç	C	H
A	A	P	E	P	A	I	B	B	Ã	L	D
N	B	L	I	R	E	Y	U	E	O	E	N
I	N	D	A	E	R	B	S	K	A	T	S
A	D	C	I	G	A	B	L	O	N	A	O
D	E	S	L	O	C	A	M	E	N	T	O

Questão 7. Desenhe uma tirinha mostrando o deslocamento diário de uma pessoa que mora em uma Região Administrativa distante e precisa ir trabalhar no Plano Piloto. Use balões de fala para mostrar o que ela pensa ou sente.

--	--	--

4º ANO

**Brasília e a Carta de Atenas (1933): Utopia
Modernista e a Realidade Brasiliense**



**Operários trabalhando em superquadra [1957-1960].
Fonte: Arquivo Público do Distrito Federal – ArPDF.**



Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Brasília
Campus Riacho Fundo

INFORMAÇÕES DO PLANO DE AULA

Tema: Brasília e a Carta de Atenas (1933): Utopia Modernista e a Realidade Brasiliense

Nível de Ensino: Ensino Fundamental – Anos Iniciais.

Série: 4º ano.

Local de realização da aula: Sala de aula.

Componente Curricular: Geografia.

Duração: 3 aulas de 50 minutos.

Autor da proposta de aula: Rafael Rodrigues Sobreira de Souza.

Instituição: Campus Riacho Fundo do Instituto Federal de Brasília (IFB).

Conteúdos Específicos:

- Carta de Atenas (1933): princípios e funções da cidade;
- Plano Piloto: escalas urbanas e ideário modernista de Lúcio Costa;
- As contradições entre o planejamento do Plano Piloto e o crescimento espontâneo das Regiões Administrativas.

Objetivos:

- Compreender os princípios da Carta de Atenas (1933) e sua influência no planejamento urbano de Brasília;
- Identificar as quatro escalas urbanas de Brasília e relacioná-las às funções essenciais da cidade;
- Comparar o Plano Piloto com as Regiões Administrativas do Paranoá e Itapoã, refletindo sobre diferenças de planejamento e seus impactos na realidade brasiliense.

Conhecimentos prévios dos alunos:

- Distrito Federal na região Centro-Oeste; Regiões Administrativas e a RIDE (*Previstos no Currículo em Movimento do Distrito Federal, p. 263*).

Recursos Complementares:

- Projetor multimídia (datashow) e computador com acesso à internet.



Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Brasília
Campus Riacho Fundo

SUGESTÃO DE PLANO DE AULA

Orientações iniciais para os(as) professores(as)

- Professor(a), caso necessário, adapte este plano de aula à realidade da sua turma. Sinta-se à vontade para incluir outros temas e etapas que enriqueçam o desenvolvimento das atividades.
- Professor(a), familiarize-se com o tema antes de aplicar a atividade para os estudantes.
- **Atenção!** Lembre-se de verificar a conexão do computador a internet e montar o projetor multimídia antes de iniciar a aula.
- **Observação:** A atividade do estudante deve ser impressa e entregue para cada aluno.

Etapa 1: Problematização

- Professor(a), informe à turma que inicialmente será exibido um vídeo. Oriente os estudantes a prestarem bastante atenção, pois os principais aspectos abordados serão necessários para realizar a atividade.
- O vídeo “Conheça as escalas urbanas que fazem de Brasília uma cidade única”, com duração de 5 minutos e 41 segundos, está disponível gratuitamente no YouTube, no canal Senado Federal: <https://www.youtube.com/watch?v=sgtwKWwtdCk>.
- Professor(a), agora reforce os seguintes pontos abordados no vídeo:
 - ✓ Brasília foi concebida como uma cidade planejada, fruto do Plano Piloto de Lúcio Costa, com a intenção de unir eficiência, ordem e simbolismo como capital nacional.
 - ✓ A estrutura da cidade se baseia em dois eixos principais: um retilíneo, voltado para funções de capital, e um curvo, destinado à vida cotidiana, formando a imagem de um avião.
 - ✓ A escala monumental transmite a grandiosidade e a coletividade da nação, com espaços amplos e edifícios icônicos projetados por Oscar Niemeyer.
 - ✓ A escala residencial, representada pelas superquadras, foi pensada para a vida cotidiana, com prédios de altura fixa, pilotis liberando o térreo, presença constante de áreas verdes e serviços próximos.
 - ✓ A escala gregária, localizada no cruzamento dos eixos, concentra comércio, serviços, lazer e a Rodoviária, funcionando como espaço de encontro e circulação intensa de pessoas.
 - ✓ A escala bucólica corresponde às áreas sem construções, destinadas a parques, gramados e vegetação nativa, reforçando a ideia de cidade-parque e conectando as demais escalas.

Etapa 2: Instrumentalização

- Professor(a), inicialmente, apresente aos estudantes a manchete abaixo que exalta a cidade de Brasília como “UM POEMA DA ARQUITETURA MODERNA”.



Manchete de Jornal. Fonte: Correio Braziliense [21/04/1960].

- Na sequência, mencione que em 1933, na Grécia, foi escrito um manifesto chamado Carta de Atenas que é considerado um dos marcos da arquitetura e do urbanismo modernos. Esse documento estabeleceu princípios que buscavam resolver os problemas das cidades, propondo uma nova forma de organizar o espaço urbano.
- Esclareça que Lúcio Costa aplicou esses princípios ao projetar o Plano Piloto de Brasília.
- Depois, leia coletivamente com os estudantes o trecho abaixo, que indica as funções da cidade, extraído da Carta de Atenas:

“A primeira das funções que deve atrair a atenção do urbanismo é o habitar e... habitar bem. É preciso também trabalhar, e fazê-lo em condições que requerem uma séria revisão dos usos atualmente em vigor. Os escritórios, as oficinas, as fábricas devem ser dotados de instalações capazes de assegurar o bem-estar necessário ao desempenho desta segunda função. Enfim, não se pode negligenciar a terceira, que é recrear-se, cultivar o corpo e o espírito. E o urbanista deverá prever os sítios e os locais propícios.” (CIAM, 1933, p. 33).

- Explique que o referido documento também reforça a importância do zoneamento da cidade. Em seguida, continue a leitura:

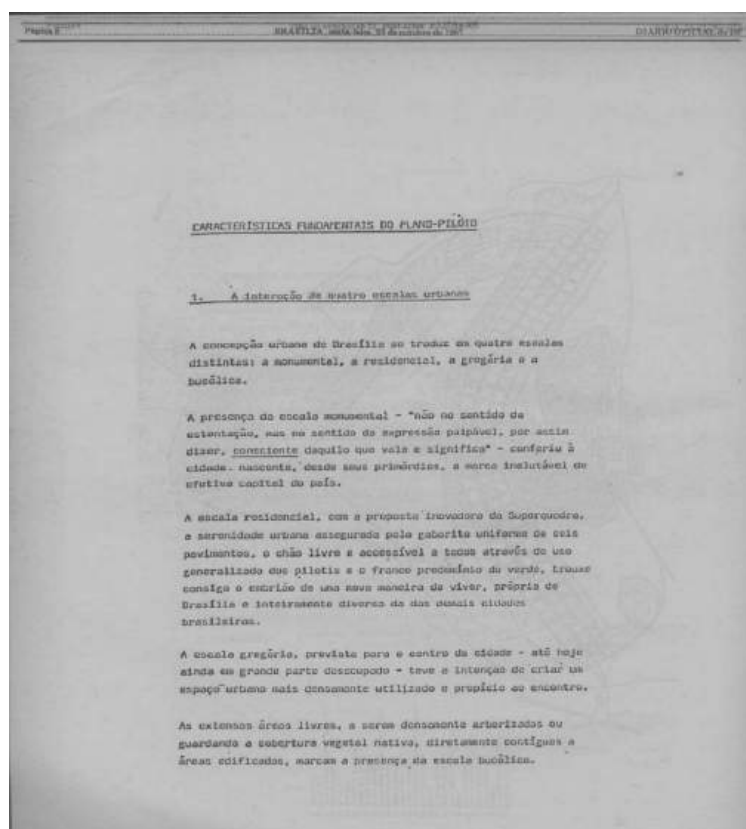
“A arquitetura preside aos destinos da cidade. Ela ordena a estrutura da moradia, célula essencial do tecido urbano, cuja salubridade, alegria, harmonia são subordinadas às suas decisões. Ela reúne as moradias em unidades habitacionais, cujo êxito dependerá da justeza de seus cálculos. Ela reserva, de antemão, os espaços livres em meio aos quais se erguerão os volumes edificados, em proporções harmoniosas. Ela organiza os prolongamentos da moradia, os locais de trabalho, as áreas consagradas ao entretenimento. Ela estabelece a rede de circulação que colocará em contato as diversas zonas. A arquitetura é responsável pelo

bem-estar e pela beleza da cidade. É ela que se encarrega de sua criação ou de sua melhoria, é ela que está incumbida da escolha e da distribuição dos diferentes elementos, cuja feliz proporção constituirá uma obra harmoniosa e duradoura. A arquitetura é a chave de tudo.” (CIAM, 1933, p. 34).

- Professor(a), mencione que as quatro funções da cidade mencionadas na Carta de Atenas, são: habitar, trabalhar, recrear-se e circular. Reforce, também, que este manifesto defende a separação clara entre os setores da cidade e que tais princípios tornam a cidade funcional. Esclareça aos estudantes que o Plano Piloto de Lúcio Costa dialoga com os princípios estabelecidos pela Carta de Atenas, ao propor uma cidade organizada por funções distintas.
- Ao trabalhar as quatro escalas urbanas de Brasília, evite apresentá-las como arranjos neutros e técnicos. Conduza os estudantes a perceberem as contradições do planejamento modernista e refletirem sobre quem ocupava esses espaços na inauguração e quem os habita hoje.

Etapa 3: Análise de Documentação Histórica

- Professor(a), inicie essa etapa dizendo que Lúcio Costa utilizou o ideário modernista proposto na Carta de Atenas ao estruturar Brasília em suas quatro escalas urbanas: monumental, residencial, gregária e bucólica.
- Em seguida, realize uma leitura coletiva do trecho “CARACTERÍSTICAS FUNDAMENTAIS DO PLANO-PILOTO”, presente no texto Brasília Revisitada de Lúcio Costa, que compõe o Anexo I do Decreto nº 10.829 de 14 de outubro de 1987. Após a leitura, destaque para os alunos que esse documento oficial descreve as quatro escalas urbanas que estruturam Brasília: monumental, residencial, gregária e bucólica.



Trecho do texto Brasília Revisitada de Lúcio Costa (Anexo I do Decreto nº 10.829/1987).

Fonte: Diário Oficial do Distrito Federal – 23/10/1987 [Suplemento].

- Para finalizar, explique que cada uma dessas escalas foi pensada para organizar a vida na tornando, em tese, Brasília uma cidade funcional.

Etapa 4: Imersão nas Escalas Urbanas de Brasília

- Professor(a), agora apresente aos alunos o projeto “Brasília Vista de Cima”, produzido pelo Instituto dos Arquitetos do Brasil, disponível no site: <https://artsandculture.google.com/story/4gWx-9-tb2vNFA?hl=PT> (Google Arts & Culture).
- Explique que esse recurso mostra Brasília através de uma visão aérea. Esclareça que essa perspectiva revela de forma simples e clara as quatro escalas urbanas de Brasília: monumental, residencial, gregária e bucólica.



- Incentive-os a observar as imagens e identificar onde aparecem os espaços de poder (escala monumental), os locais de moradia (escala residencial), os espaços de encontro (escala gregária) e as áreas verdes (escala bucólica).
- Por fim, proponha que os estudantes comparem essa visão planejada com a realidade de suas próprias cidades, refletindo sobre semelhanças e diferenças.

Etapa 5: Análise Comparativa

- Professor(a), nessa etapa, apresente aos estudantes as fotografias a seguir. Elas mostram a Região Administrativa do Plano Piloto e, em contraste, as Regiões Administrativas do Paranoá e Itapoã.
- Oriente os alunos a observar aspectos como: organização dos espaços, presença de áreas verdes, tipos de moradia, vias de circulação e equipamentos públicos.



Superquadra na Asa Norte, Plano Piloto.
Fonte: Acervo Rafael Rodrigues, 2026.



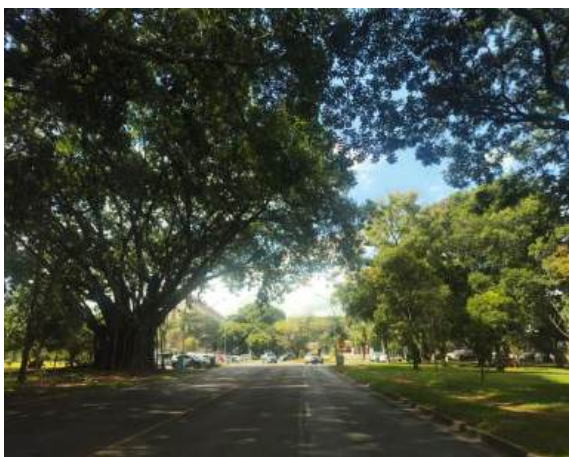
Paranoá Parque, Paranoá.
Fonte: Acervo Rafael Rodrigues, 2026.



SQN 314, Plano Piloto.
Fonte: Acervo Rafael Rodrigues, 2026.



QL 3, Itapoã.
Fonte: Acervo Rafael Rodrigues, 2026.



Via de acesso às Superquadras, Plano Piloto.
Fonte: Acervo Rafael Rodrigues, 2026.



Via estreita e ocupação espontânea, Itapoã.
Fonte: Acervo Rafael Rodrigues, 2026.



Escola Classe 413 Sul, Plano Piloto.
Fonte: Acervo Rafael Rodrigues, 2026.



Escola Classe 06, Paranoá.
Fonte: Acervo Rafael Rodrigues, 2026.

- Explique que o Plano Piloto foi planejado por Lúcio Costa seguindo princípios modernistas, com quatro escalas urbanas bem definidas, enquanto o Paranoá e o Itapoã cresceram de forma espontânea, sem o mesmo nível de planejamento.
- Incentive os estudantes a discutir como essas diferenças revelam desigualdades na realidade cotidiana do brasileiro.
- Oriente-os a observar:
 - ✓ As características das moradias e sua organização;
 - ✓ A infraestrutura urbana (vias e sistema de iluminação);
 - ✓ A infraestrutura e organização das escolas apresentadas;
 - ✓ A organização dos espaços urbanos e a presença de áreas verdes.
- Explique que esses aspectos ajudam a compreender como o planejamento modernista de Brasília contrasta com o crescimento espontâneo das RAs, e como isso impacta a experiência de viver na capital.
- Por fim, proponha que os alunos façam uma reflexão crítica: *quais elementos do planejamento de Brasília poderiam ser aplicados para melhorar a vida nas demais Regiões Administrativas?*

Etapa 6: Atividade do Aluno



Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Brasília
Campus Riacho Fundo

ATIVIDADE DO ALUNO – BRASÍLIA E A CARTA DE ATENAS (1933): UTOPIA MODERNISTA E A REALIDADE BRASILIENSE

Nome do(a) estudante: _____

Nome do(a) professor(a): _____

Data de realização da atividade: ____ / ____ / ____

Questão 1. Quem foi o arquiteto e urbanista responsável pelo projeto do Plano Piloto de Brasília?

- A) Juscelino Kubitschek.
- B) Oscar Niemeyer.
- C) Lúcio Costa.
- D) Bernardo Sayão.

Questão 2. Qual documento escrito em 1933, na Grécia, influenciou o planejamento de Brasília?

- A) Constituição Federal.
- B) Carta de Atenas.
- C) Manifesto de Doorn.
- D) Plano Diretor de Ordenamento Territorial.

Questão 3. De acordo com a Carta de Atenas, quais são as quatro funções essenciais de uma cidade?

- A) Comprar, vender, viajar e morar.
- B) Estudar, brincar, dormir e comer.
- C) Plantar, colher, construir e governar.
- D) Habitar, trabalhar, recrear-se e circular.

Questão 4. Com relação às escalas urbanas de Brasília, complete as frases com a palavra correta:

A escala _____ (monumental / bucólica) é composta por áreas verdes, parque e gramados, enquanto a escala _____ (residencial / gregária) é onde as pessoas moram.

Na escala _____ (gregária / monumental) encontramos o centro de diversões e a rodoviária, que são locais de _____ (isolamento / encontro).

A escala _____ (monumental / residencial) corresponde aos espaços de poder, como os prédios governamentais e os monumentos projetados por Oscar Niemeyer para transmitir a grandiosidade e a coletividade da nação.

Questão 5. Observe as escalas urbanas de Brasília listadas abaixo e ligue cada uma delas à fotografia correspondente:

MONUMENTAL



Parque Olhos d'Água.
Fonte: Acervo Rafael Rodrigues, 2026.

RESIDENCIAL



Shopping Conjunto Nacional.
Fonte: Acervo Rafael Rodrigues, 2026.

GREGÁRIA



Congresso Nacional.
Fonte: Acervo Rafael Rodrigues, 2026.

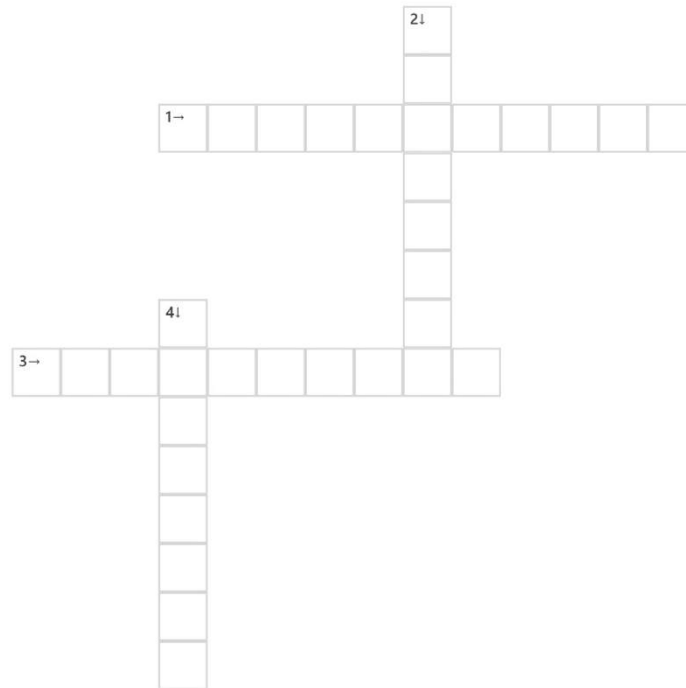
BUCÓLICA



Superquadra.
Fonte: Acervo Rafael Rodrigues, 2026.

Questão 6. Complete a cruzadinha usando os nomes das quatro escalas urbanas de Brasília. Leia as dicas e descubra onde cada palavra deve ser colocada.

ESCALAS URBANAS DE BRASÍLIA



Dicas:

1. *Superquadras*
2. *Comércio, serviços, lazer e a rodoviária*
3. *Esplanada dos Ministérios*
4. *Parques, gramados e o Lago Paranoá*

Questão 7. Complete o texto com as palavras abaixo:

DESIGUALDADE

ESPONTÂNEA

PLANEJAMENTO

O Plano Piloto foi construído com base em um _____ detalhado, enquanto muitas Regiões Administrativas cresceram de forma _____, revelando a _____ urbana no Distrito Federal.

Questão 8. Circule as características que representam o crescimento espontâneo das Regiões Administrativas do Distrito Federal:

RUAS LARGAS

ÁREAS VERDES AMPLAS E PRESERVADAS

OCUPAÇÕES IRREGULARES

SERVIÇOS PÚBLICOS DISTANTES DAS MORADIAS

RUAS ESTREITAS

ÁREAS PLANEJADAS

ZONEAMENTO DEFINIDO

CONSTRUÇÕES SEM PADRÃO ARQUITETÔNICO

ÁREAS DE LAZER E RECREAÇÃO

Questão 9. Leia com atenção a reportagem sobre o Paranoá Parque, localizado na Região Administrativa do Paranoá.




[Página inicial](#)
[Distrito Federal](#)

Distrito Federal

Paranoá Parque, o condomínio que tem problemas de cidade grande

Criado em 2014 para famílias de baixa renda, residencial tem 25 mil habitantes e sofre com a violência e a falta de serviços públicos

Victor Fuzeira

13/10/2019 13:29, atualizado 13/10/2019 15:28



Compartilhar notícia






Siga  Google Discover

Jacqueline Lisboa/Esp. Metrôpoles



Agora, responda às questões abaixo, mostrando o que você sabe sobre os desafios urbanos e sociais enfrentados pela maioria dos moradores do DF:

I) O título da reportagem diz que o Paranoá Parque “tem problemas de cidade grande”. Quais seriam esses problemas?

II) A reportagem diz que o Paranoá Parque foi criado em 2014 para famílias de baixa renda. Em sua opinião, além da moradia, por que é importante o governo oferecer creches, escolas, hospitais perto de onde as pessoas moram?

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABREU, Maurício de Almeida. Sobre a memória das cidades. In: CARLOS, Ana Fani Alessandri; SOUZA, Marcelo Lopes de; SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão (org.). **A produção do espaço urbano: agentes e processos, escalas e desafios**. 1. ed. São Paulo: Contexto, 2013. p. 19-39.
- ALVES, Elísio Evangelista. **Depoimento - Programa de História Oral**. Brasília, Arquivo Público do Distrito Federal, 1990. 31 p.
- ALVES, Glória da Anunciação. A produção do espaço a partir da tríade lefebvriana concebido/percebido/vivido. **GEOUSP Espaço e Tempo (Online)**, São Paulo, Brasil, v. 23, n. 3, p. 551–563, 2019. DOI: [10.11606/issn.2179-0892.geousp.2019.163307](https://doi.org/10.11606/issn.2179-0892.geousp.2019.163307). Disponível em: <https://revistas.usp.br/geousp/article/view/163307>. Acesso em: 6 jun. 2025.
- BRAGA, Rhalf Magalhães. O ESPAÇO GEOGRÁFICO: UM ESFORÇO DE DEFINIÇÃO. **GEOUSP Espaço e Tempo (Online)**, São Paulo, Brasil, v. 11, n. 2, p. 65–72, 2007. DOI: [10.11606/issn.2179-0892.geousp.2007.74066](https://doi.org/10.11606/issn.2179-0892.geousp.2007.74066). Disponível em: <https://revistas.usp.br/geousp/article/view/74066>. Acesso em: 6 jun. 2025.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2018. Disponível em: https://cdn.mec.gov.br/basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf. Acesso em: 15 dez. 2025.
- CALLAI, Helena Copetti. O ensino de geografia: recortes espaciais para análise. In: CASTROGIOVANNI, Antonio Carlos et al. (org.). **Geografia em sala de aula: práticas e reflexões**. 2. ed. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS; Associação dos Geógrafos Brasileiros – Seção Porto Alegre, 1999. p. 57-63.
- CARLOS, Ana Fani Alessandri. **O Espaço Urbano: Novos Escritos sobre a Cidade**. São Paulo: Labur Edições, 2007.
- CARLOS, Ana Fani. **A cidade**. 9ª ed., 6ª reimpressão. São Paulo: Editora Contexto, 2024.
- CARLOS, Ana Fani. Da “Organização” à “Produção” do espaço no movimento do pensamento geográfico. In: CARLOS, Ana Fani Alessandri; SOUZA, Marcelo Lopes de; SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão (org.). **A produção do espaço urbano:**

agentes e processos, escalas e desafios. 1. ed. São Paulo: Contexto, 2013. p. 53-73.

CAVALCANTI, Lana de Souza. **Geografia, escola e construção de conhecimentos**. 18ª. ed. Campinas: Papirus, 2013.

CIAM – Congresso Internacional de Arquitetura Moderna. **Carta de Atenas**. Atenas, 1933. Tradução: Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN.

Disponível em:

<http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Carta%20de%20Atenas%201933.pdf>. Acesso em: 28 abr. 2026.

COELHO, Christiane Machado. Utopias urbanas: o caso de Brasília e Vila Planalto.

Cronos, Natal, v. 9, n. 1, p. 65–75, jan./jun. 2008. Disponível em:

<https://periodicos.ufrn.br/cronos/issue/view/139>. Acesso em: 03 jun. 2025.

CORRÊA, Roberto Lobato. **O espaço urbano**. 3ª ed. São Paulo: Ed. Ática, 1995.

CORRÊA, Roberto Lobato. Sobre agentes sociais, escala e produção do espaço: um texto para discussão. In: CARLOS, Ana Fani Alessandri; SOUZA, Marcelo Lopes de; SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão (org.). **A produção do espaço urbano: agentes e processos, escalas e desafios**. 1. ed. São Paulo: Contexto, 2013. p. 41-51.

DISTRITO FEDERAL. Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal.

Currículo em Movimento da Educação Básica: Ensino Fundamental – Anos Iniciais – Anos Finais. 2. ed. Brasília: SEDF, 2018.

GODOY, Paulo. Uma reflexão sobre a produção do espaço. **Estudos Geográficos**, Rio Claro, v. 2, n. 1, p. 29-42, jun. 2004. Disponível em:

<https://www.periodicos.rc.biblioteca.unesp.br/index.php/estgeo/article/view/289>.

Acesso em: 04 jun. 2025.

GOUVÊA, Luiz Alberto. A capital do controle e da segregação social. In: PAVIANI, Aldo (org.). **A conquista da cidade: movimentos populares em Brasília**. 2. ed.

Brasília: Editora UnB, 2010, p. 83-108.

HOLSTON, James. **A cidade Modernista: uma crítica de Brasília e sua utopia**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

IPEDF – INSTITUTO DE PESQUISA E ESTATÍSTICA DO DISTRITO FEDERAL.

Atlas do Distrito Federal 2020: Divisão Territorial. Brasília: IPEDF, 2020.

Disponível em: <https://atlas.ipe.df.gov.br/?p=1714>. Acesso em: 04 abr. 2026.

IPEDF – INSTITUTO DE PESQUISA E ESTATÍSTICA DO DISTRITO FEDERAL.

Pesquisa Distrital por Amostra de Domicílios Ampliada 2024 (PDAD-A): Distrito Federal resultados gerais: moradores e domicílios. Brasília: IPEDF, 2024. Disponível em: https://pdad.ipe.df.gov.br/files/reports/Relatorio_DF_WVongqRN.pdf. Acesso: 15 abr. 2026.

IPHAN – INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL.

Superintendência do Iphan no Distrito Federal. Secretaria de Estado de Cultura.

Relatório do Plano Piloto de Brasília. 4. ed. Brasília: Iphan-DF, 2018.

LABTRANS – LABORATÓRIO DE TRANSPORTES E LOGÍSTICA; FEPESE – FUNDAÇÃO DE ESTUDOS E PESQUISAS SOCIOECONÔMICOS. **Atualização e elaboração do plano diretor de transportes urbanos (PDTU) e plano de**

mobilidade urbana sustentável (PMUS) do Distrito Federal: Produto 3.2 –

Diagnóstico da Mobilidade Urbana (volume II). Florianópolis: LabTrans/UFSC;

FEPESE, 2025. Disponível em: <https://sistemas.df.gov.br/PDTU/Publicacoes>. Acesso em: 14 abr. 2026.

LEFEBVRE, Henri. **A produção do espaço.** Tradução de Doralice Barros Pereira e Sérgio Martins (do original: La production de l'espace. 4e éd. Paris: Éditions Anthropos, 2000). Primeira versão: início - fev. 2006

LEFEBVRE, Henri. **O direito à cidade.** Tradução de Rubens Eduardo Frias. 5 ed. 3. reimp. São Paulo: Centauro, 2011.

LEPRE, Rita Melissa. Conceitos básicos da epistemologia genética de Jean Piaget: o estudante como foco da ação docente. **Quaestio – Revista de Estudos em Educação**, Sorocaba, SP, v. 27, p. e025023, 2025. DOI: 10.22483/2177-5796.2025v27id5518. Disponível em:

<https://periodicos.uniso.br/quaestio/article/view/5518>. Acesso em: 14 abr. 2026.

MELO DE SOUSA, Maria Solange; PELUSO, Marília Luíza. O currículo em movimento enquanto política pública e o ensino de geografia voltado para a cidadania e a sustentabilidade. **Revista Ensino de Geografia (Recife)**, Recife, v. 2, n. 2, p. 29-43, mai./ago. 2019. DOI: <https://doi.org/10.51359/2594->

9616.2019.240743. Disponível em:

<https://periodicos.ufpe.br/revistas/index.php/ensinodegeografia/article/view/240743>.

Acesso em: 29 jun. 2025.

MICROSOFT. Copilot. **Ilustração gerada por inteligência artificial**. Brasília, 02 jul. 2025.

MUMFORD, Lewis. **A cidade na história: suas origens, transformações e perspectivas**. Tradução de Neil R. da Silva. 4 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

OLIVEIRA, Maria Marly de. **Sequência didática interativa no processo de formação de professores**. Petrópolis: Vozes, 2013.

PAVIANI, Aldo. **A Brasília que queremos: os antecedentes e o futuro da capital**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2025. E-book (212 p.). (Coleção Brasília). DOI: <https://doi.org/10.26512/>. Disponível em:

<https://livros.unb.br/index.php/portal/catalog/book/690>. Acesso em: 22 mar. 2026.

PAVIANI, Aldo. A realidade da metrópole: mudança ou transformação na cidade? In: PAVIANI, Aldo (org.). **Brasília: moradia e exclusão**. Brasília: Editora UnB, 1996. p. 213-229.

PAVIANI, Aldo. Geografia urbana do Distrito Federal: evolução e tendências. **Espaço & Geografia**, v. 10, n. 1, p. 1-22, 2007. Disponível em: https://repositorio.unb.br/bitstream/10482/9572/1/ARTIGO_GeografiaUrbanaDistritoFederal.pdf. Acesso em: 14 fev. 2026.

PIAGET, Jean. **Epistemologia genética**. 3.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

QUEIROZ, Daiane Rocha. **Desenvolvimentos intelectual e afetivo: as tabelas de Piaget**. In: EDUCAÇÃO EM TEMPO INTEGRAL: possibilidades e desafios. Vol. 1. São Paulo: Editora Científica, 2024. p. 87-109. DOI: <http://dx.doi.org/10.37885/240917686>. Disponível em: <https://www.editoracientifica.com.br/books/chapter/240917686>. Acesso em: 27 abr. 2026.

RIBEIRO, Gustavo Lins. Acampamento de grande projeto: uma forma de imobilização da força de trabalho pela moradia. In: PAVIANI, Aldo (org.). **A conquista da cidade: movimentos populares em Brasília**. 2. ed. Brasília: Editora UnB, 2010, p. 25-58.

ROLNIK, Raquel. **O que é cidade**. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 2017.

SANTOS, Milton. **Metamorfoses do espaço habitado**: fundamentos teóricos e metodológicos da geografia. 6. ed. 3. Reimp. São Paulo: Edusp, 2022.

SANTOS, Milton. **Pensando o espaço do homem**. 5 ed. 4. reimpr. São Paulo: Edusp, 2021.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço**: técnica e tempo, razão e emoção. 4. ed. 10. reimpr. São Paulo: Edusp, 2020.

SANTOS, Milton. **Espaço e método**. 5. ed. 4. reimp. São Paulo: Edusp, 2023.

SILVA, Marcelo Werner da. A Geografia e o estudo do passado: Conceitos, periodizações e articulações espaço-temporais. **Terra Brasilis**, [S. l.], v. 1, n. 1, p. 1-18, 2012. DOI: <https://doi.org/10.4000/terrabrasilis.246>. Disponível em: <http://journals.openedition.org/terrabrasilis/246>. Acesso em: 20 abr. 2025.

SOJA, Edward. **Geografias pós-modernas**: a reafirmação do espaço na teoria social crítica. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 1993, p. 94-113.

SPOSITO, Eliseu Savério. **Geografia e filosofia**: contribuição para o ensino do pensamento geográfico. São Paulo: Editora Unesp, 2004.

SPOSITO, Maria Encarnação B. **Capitalismo e urbanização**. 16. ed. 6. reimp. São Paulo: Contexto, 2022.

ZABALA, Antoni. **A prática educativa como ensinar**. Tradução: Ernani F. da F. Rosa. Reimpressão 2010. Porto Alegre: Artmed, 1998.

ZARUR, Sandra Beatriz. Vila Planalto: um caso de resistência popular. In: PAVIANI, Aldo (org.). **Brasília**: moradia e exclusão. Brasília: Editora UnB, 1996. p. 81-113.